

vidas um filosofar que se sujeita, hoje, à autoridade absoluta de Aristóteles, particularmente quando mede todo o desenvolvimento posterior pelo que "o filósofo disse". Característico desse filosofar é a "encampação", aliás benevolente, de Kant e Hegel, isto é, a interpretação desses dois pensadores em termos escolástico-aristotélicos. Nas extensas partes dedicadas a este labor ocorrem trechos lúcidos que, inegavelmente, demonstram profunda penetração no pensamento sobretudo de Kant. O

processo lembra um pouco o da China comunista que transcreve atualmente Marx mediante ideogramas tradicionalmente carregados de um sentido inteiramente diverso. O esforço de reconhecer Kant nesta versão, sem dúvida é compensado por uma nova visão do filósofo, por vezes muito elucidativa, já que é preciso repensá-lo à maneira "clássica". Mas o processo acaba deformando idéias fundamentais dos filósofos mencionados.

ANATOL ROSENFELD

VILÉM FLUSSER, *Língua e realidade*, São Paulo, Editora Herder, 1963 — 238 pp.

O livro em epígrafe é mais uma tentativa filosófica de explicar o mundo e, como tal, fica muito além do alcance de meus comentários de filósofo amador. Se, apesar disso, me animo a esta incursão em campo alheio, é porque a nova tentativa de tornar patente a estrutura do cosmos culmina na afirmação de que essa estrutura se identifica com a língua. À luz desta teoria o conhecimento, a realidade e a verdade tornam-se aspectos da língua, a ciência e a filosofia pesquisas da língua, a religião e a arte disciplinas criadoras da língua. Procurando abstrair-se dos conhecimentos acumulados no decorrer da história sobre esta última, o pensador tenta encará-la assumindo atitude ingênua para assim captar-lhe melhor a essência e, como afirma modestamente, sugerir uma das possíveis filosofias da língua. Dono de vasta cultura filosófica e linguística, profundo conhecedor

de vários idiomas, o Sr. Flusser possui o dom de analisar com clareza os conceitos mais abstratos e de apresentar as suas idéias com extraordinária plasticidade. Escutemo-lo apresentar o objeto de suas investigações:

"Ei-la, a língua, em toda a sua imensa riqueza. O instrumento mais perfeito que herdamos de nossos pais e em cujo aperfeiçoamento colaboraram incontáveis gerações desde a origem da humanidade, ou, talvez, até além dessa origem. Ela encerra em si toda a sabedoria da raça humana. Ela nos liga aos nossos próximos e, através das idades, aos nossos antepassados. Ela é, a um tempo, a mais antiga e a mais recente obra de arte, obra de arte majestosamente bela, porém sempre imperfeita. E cada um de nós pode trabalhar essa obra, contribuindo, embora modestamente, para aperfeiçoar-lhe a beleza. No íntimo senti-

mos que somos possuídos por ela, que não somos nós que a formulamos, mas que ela é que nos formula. Somos como que pequenos portões pelos quais ela passa para depois continuar em seu avanço rumo ao desconhecido. Mas, no momento de sua passagem pelo nosso pequeno portão, sentimos poder utilizá-la. Podemos reagrupar os elementos da língua, podemos formular e articular pensamentos. Graças a esse nosso trabalho ela continuará enriquecida em seu avanço... Aventuro-me a sugerir que se resume a isso nosso papel na estrutura do cosmos. Mas, pensando bem, formulando e articulando, não estamos sendo homens no sentido mais digno desta palavra? Não estamos, com essa atividade, preenchendo, e, talvez, ultrapassando a condição humana?"

Esta exaltação lírica não é estranha em quem considera a realidade composta de palavras já formadas e de palavras em estado de nascer e o estudo da língua a única pesquisa legítima do único cosmos concebível. Por isso a divisão clássica das palavras em categorias que espelhariam a estrutura de uma realidade absoluta é rejeitada como absurda. A língua é entendida como um sistema de símbolos cada um dos quais só se torna compreensível dentro do conjunto inteiro; e as línguas como outros tantos sistemas de símbolos, que obedecem a hierarquizações diferentes. A análise clássica das frases, aplicável apenas a algumas línguas flexionais, mostra-se impotente em face de idiomas isolantes, como o chinês. Vista sob esse prisma, a lógica deixa de ser uma

e multiplicidade, causalidade e potencialidade, todas inseparáveis de sua formulação linguística e sujeitas, por isso mesmo, a infinitas variações e matizações nas diversas línguas. Merece especial atenção o capítulo em que se propõe dar a leitores condicionados por um idioma flexional como o português uma idéia da visão do mundo inerente às línguas isolantes.

O pensamento do autor à medida que se desdobra vai abrangendo domínios cada vez mais amplos; as extensões da língua, que são a música e as artes, cujo conjunto forma a civilização, identificada, por sua vez, com a realidade. Suas teorias que desabrocham em contínuos con-

frontos com as diversas correntes do pensamento chamam a atenção dos especialistas da especulação filosófica. Por mim limitando-me ao ponto de vista assinalado de início, desejo apenas externar o deslumbramento que me veio da leitura de uma obra de horizontes tão vastos.

Entre seus méritos assinalarei por último o de ser escrito em português, língua de que o autor se serviu propositadamente como de instrumento ainda plástico e maleável, "com o amor do forasteiro que habita em seu meio", dando destaque a esse próprio impulso considerável a essa plasticidade e maleabilidade.

PAULO RÓNAL

disciplina do espírito regido por línguas flexionais. "O intelecto não é real a não ser que pense em alguma língua".

Mas, se "cada língua é um mundo diferente, e, ao mesmo tempo, o mundo inteiro", o problema da tradução e do políglotismo reveste-se de importância descomunal. Ante que uma conversão, a tradução uma comparação; mais do que isso uma ressurreição. "Traduzindo, intelecto ultrapassa o horizonte da língua, aniquilando-se nesse processo" para depois ressurgir.

Toda tradução é aproximativa. Em dois idiomas quaisquer não existem correspondências perfeitas; por mais simples que seja a frase a ser traduzida, a sua correspondência noutra língua nunca é exatamente igual, devido à divergência das aplicações possíveis de seus elementos em outros contextos.

Uma parte considerável do livro consiste em análises acuradas e engenhosas de supostas equivalências léxicas de diversas línguas e dos erros, às vezes fecundos, que essas suposições produziram na história do pensamento filosófico. O estudioso de idiomas há de achar apaixonante acompanhar o autor em sua demonstração de como a ontologia de suas respectivas línguas está implícita no pensamento inglês, alemão e francês, ou em sua tentativa de estabelecer as bases ontológicas do português, opondo ao "sein" alemão os nossos três verbos *ser*, *estar* e *ficar*.

No decorrer de suas investigações, o filósofo dissecou as noções de tempo, atividade e passividade, unidade

LEIA E ASSINE:

SEARA NOVA

Revista portuguêsã de cultura.

LISBOA - PORTUGAL

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- AUGUSTO SALAZAR BONDY, *Imitação filosófica* — Ediciones Educación Renovada, 1964 — Lima — 233 págs.
- ABEL A. PEIRANO, *Gra-Mág-Tron e Imaginação creadora* — 1964 — San Miguel de Tucumán — 18 págs.
- DINO PASINI, *Vita e forma nella realtà del diritto* — Dott. A. Giuffrè-Editore — 1964 — Milano-Italia — 228 págs.
- MICHELE FEDERICO SCIACCA, *Studi sulla filosofia moderna* — Marzorati-Editore — Milano-Italia — 563 págs.
- MICHELE FEDERICO SCIACCA, *Il problema di Dio e della religione nella filosofia attuale* — Marzorati-Editore — Milano-Italia — 383 págs.
- ALEXANDRE CABALLERO Y GARCIA BARBA, *Cosmologia e o continuo indivisível* — 1964 — São Leopoldo — 73 págs.
- ANTONIO MARTINS FILHO, *Autonomia das Universidades Federais* — Imprensa Universitária do Ceará — 1964 — 99 págs.
- KARL BEURLEN, *A fauna do calcário jandábra da região de Mossoró* (Rio Grande do Norte) — 1964 — Editora Pongetti — Rio de Janeiro — 215 págs.
- RAIMUNDO NONATO, *Zona do pôr do Sol (O tempo e os homens da Província)* — 1964 — Rio de Janeiro — Editora Pongetti — 196 págs.
- MÁRIO CHAMIE, *Os rodízios* — Clube da Poesia — São Paulo — 84 págs.
- IVERNA CODINA, *América en la novela*, Buenos Aires, Ediciones Cruz del Sur, 1964 — xiv + 204 pp.
- JUAN-JACOBO BAJARILÍA, *La polémica Reverdy-Huidobro: origen del ultratismo*, Buenos Aires, Editorial Devenir, 1964 — 62 pp.
- JOSÉ TORRES NORRY, *Pequeña historia del psicoanálisis*, Buenos Aires, Editorial Devenir, 1964 — 35 pp.
- JOSÉ READ, *El modernismo como tergiversación historiográfica*, Buenos Aires, Editorial Devenir, 1964 — 39 pp.
- ALFREDO LLANOS, *Actualidad de Rousseau*, Buenos Aires, Editorial Devenir, 1964 — 31 pp.
- CARLOS ASTRADA, *Humanismo y alienación*, Buenos Aires, Editorial Devenir, 1964 — 31 pp.
- CARLOS ASTRADA, *El mito gaúcho*, 2a. ed., Buenos Aires, Ediciones Cruz del Sur, 1964 — ix + 154 pp.
- PETER HOWARD, *Revolução do caráter*, São Paulo, Palácio do Livro, 1964 — 212 pp.

mos que somos possuídos por ela, que não somos nós que a formulamos, mas que ela é que nos formula. Somos como que pequenos portões pelos quais ela passa para depois continuar em seu avanço rumo ao desconhecido. Mas, no momento de sua passagem pelo nosso pequeno portão, sentimos poder utilizá-la. Podemos reagrupar os elementos da língua, podemos formular e articular pensamentos. Graças a esse nosso trabalho ela continuará enriquecida em seu avanço... Aventuro-me a sugerir que se resume a isso nosso papel na estrutura do cosmos. Mas, pensando bem, formulando e articulando, não estamos sendo homens no sentido mais digno desta palavra? Não estamos, com essa atividade, preenchendo, e, talvez, ultrapassando a condição humana?"

Esta exaltação lírica não é estranha em quem considera a realidade composta de palavras já formadas e de palavras em estado de nascer e o estudo da língua a única pesquisa legítima do único cosmos concebível. Por isso a divisão clássica das palavras em categorias que espelhariam a estrutura de uma realidade absoluta é rejeitada como absurda. A língua é entendida como um sistema de símbolos cada um dos quais só se torna compreensível dentro do conjunto inteiro; e as línguas como outros tantos sistemas de símbolos, que obedecem a hierarquizações diferentes. A análise clássica das frases, aplicável apenas a algumas línguas flexionais, mostra-se impotente em face de idiomas isolantes, como o chinês. Vista sob esse prisma, a lógica deixa de ser uma

disciplina do espírito regido por línguas flexionais. "O intelecto não é real a não ser que pense em alguma língua".

Mas, se "cada língua é um mundo diferente, e, ao mesmo tempo, o mundo inteiro", o problema da tradução e do poliglotismo reveste-se de importância descomunal. Antes que uma conversão, a tradução é uma comparação; mais do que isso, uma ressurreição. "Traduzindo, o intelecto ultrapassa o horizonte da língua, aniquilando-se nesse processo" para depois ressurgir.

Toda tradução é aproximativa. Em dois idiomas quaisquer não existem correspondências perfeitas; por mais simples que seja a frase a ser traduzida, a sua correspondência noutra língua nunca é exatamente igual, devido à divergência das aplicações possíveis de seus elementos em outros contextos.

Uma parte considerável do livro consiste em análises acuradas e engenhosas de supostas equivalências léxicas de diversas línguas e dos erros, às vezes fecundos, que essas suposições produziram na história do pensamento filosófico. O estudioso de idiomas há de achar apaixonante acompanhar o autor em sua demonstração de como a ontologia de suas respectivas línguas está implícita no pensamento inglês, alemão e francês, ou em sua tentativa de estabelecer as bases ontológicas do português, opondo ao "sein" alemão os nossos três verbos *ser*, *estar* e *ficar*.

No decorrer de suas investigações, o filósofo dissecou as noções de tempo, atividade e passividade, unidade

e multiplicidade, causalidade e potencialidade, todas inseparáveis de sua formulação lingüística e sujeitas, por isso mesmo, a infinitas variações e matizações nas diversas línguas. Merece especial atenção o capítulo em que se propõe dar a leitores condicionados por um idioma flexional como o português uma idéa da visão do mundo inerente às línguas isolantes.

O pensamento do autor à medida que se desenvolve vai abrangendo domínios cada vez mais amplos; as extensões da língua, que são a música e as artes, cujo conjunto forma a civilização, identificada, por sua vez, com a realidade. Suas teorias que desabrocham em contínuos con-

frontos com as diversas correntes do pensamento chamam a atenção dos especialistas da especulação filosófica. Por mim limitando-me ao ponto de vista assinalado de início, desejo apenas externar o deslumbramento que me veio da leitura de uma obra de horizontes tão vastos.

Entre seus méritos assinalarei por último o de ser escrito em português, língua de que o autor se serviu propositalmente como de instrumento ainda plástico e maleável, "com o amor do forasteiro que habita em seu meio", dando destaque êle próprio impulso considerável a essa plasticidade e maleabilidade.

PAULO RÓNAL

LEIA E ASSINE:
SEARA NOVA

Revista portuguêsã de cultura.

LISBOA - PORTUGAL

tes, como cobijações pomos. Vai pela estrada e os olhos da moça vão consigo. Olhos, que, dentro do seu sonho, são verdes, intensamente verdes, da cor das azuleiras, que um dia há de herdar...

casas das mulheres fica além da curva, na estrada nova de Guadalupe, é lá que lhe agrada ficar quando quer paixão para se esquecer. Senta-se à mesa e as donas atiram-se-lhe ao pescoço, mordendo-lhe as orelhas, a

LINGUA E REALIDADE

PAULO RÓNAI

arte majestosamente bela, porém sempre imperfeita. É cada um de nós que trabalha nessa obra, contribuindo, embora modestamente, para aperfeiçoar-lhe a beleza. No intuito sentimos que somos possuídos por ela, que não somos nós que a formulamos, mas que ela é que nos formula. Somos como que pequenos portões pelos quais ela passa para depois continuar em seu avanço rumo ao desconhecido. Mas, no momento de sua passagem pelo nosso pequeno portão, sentimos poder utilizá-la. Podemos reagrupar os elementos da língua, podemos formular e articular pensamentos. Graças a esse nosso trabalho ela continuará enriquecida em seu avanço... Aventuro-me a sugerir que se resume a isso nosso papel na estrutura do cosmos. Mas, pensando bem, formulando e articulando, não estamos sendo homens no sentido mais digno desta palavra? Não estamos, com essa atividade, preenchendo, e talvez, ultrapassando a condição humana?

Esta exaltação lírica não é estranhável em quem considere a realidade composta de palavras já formuladas e de palavras em estado de nascer e o estudo da língua a única pesquisa legítima do único cosmos concebível. Por isso a divisão clássica das palavras em categorias que espelhariam a estrutura de uma realidade absoluta é rejeitada como absurda. A língua é entendida como um sistema de símbolos cada um dos quais só se torna compreensível dentro do conjunto inteiro; e as línguas como outros tantos sistemas de símbolos, que obedecem a hierarquizações diferentes. A análise clássica das frases, aplicável apenas a algumas línguas

flexionais, mostra-se impotente em face de idiomas isolantes, como o chinês. Vista sob esse prisma, a lógica deixa de ser uma disciplina do espírito humano, para restringir-se a disciplina do espírito regido por línguas flexionais. "O intelecto não é real a não ser que pense em alguma língua".

Mas, se "cada língua é um mundo diferente, e, ao mesmo tempo, o mundo inteiro", o problema da tradução e do poliglottismo reveste-se de importância descomunal. Antes que uma conversão, a tradução é uma comparação; mais do que isso, uma ressurreição. "Traduzindo, o intelecto ultrapassa o horizonte da língua, aniquilando-se nesse processo" para depois ressurgir.

Toda tradução é aproximativa. Em dois idiomas quaisquer não existem correspondências perfeitas; por mais simples que seja a frase a ser traduzida, a sua correspondente noutra língua nunca é exatamente igual, devido à divergência das aplicações possíveis de seus elementos em outros contextos.

Uma parte considerável do livro consiste em análises acuradas e engenhosas de supostas equivalências léxicas de diversas línguas e dos erros, às vezes fecundos, que essas suposições produziram na história do pensamento filosófico. O estudioso de idiomas há de achar apaixonante acompanhar o autor em sua demonstração de como a ontologia de suas respectivas línguas está implicada no pensamento inglês, alemão e francês, ou em sua tentativa de estabelecer as bases ontológicas do português, opondo "sein" alemão os nossos três verbos ser, estar e ficar.

No decorrer de suas investigações, o filósofo dissecou as noções de tempo, atividade e passividade, unidade e multi-

que de todo parece estranho.
Existe um país onde todos se conhecem.
Não é bastante adivinhá-lo.
Soubeste açambarcar o convite e desprender-te até o fundo.
Soubeste impor ao corpo as asas repentinas e nada mais fizeste que tomar um dos muitos crimes que aguardam o construtor.

Ah! Bailarino,
que trava impuseste ao movimento!
Tiveste afinal o fruto da possibilidade total?
De total somente chamamos ao que se prolonga infinitamente
e de cheio damos o nome
ao que infinitamente se esgota.
Ainda poderás assombrar à noite
dançando com uma árvore sôzinha,
Ou bater à janela da casa
para olhar a cama feita.
É inverno, bailarino,
põe a máscara de gelo
para a Multiplicação.

LINDOLF BELL

Ilustração de ARI MORAES

abrangendo domínios cada vez mais amplos; as extensões da língua, que são a música e as artes, cujo conjunto forma a civilização, identificada, por sua vez, com a realidade. Suas teorias, que desabrocham em contínuos confrontos com as diversas correntes do pensamento chamam a atenção dos especialistas da especulação filosófica. Por mim, limitando-me ao ponto de vista assimulado de início, desejo apenas exter-

nar o deslumbramento que me veio da leitura de uma obra de horizontes tão vastos.

Entre seus meritos assinala-rel por último o de ser escrito em português, língua de que o autor se serviu propositalmente como de instrumento ainda plástico e maleável, "com o amor do forasteiro que habita em seu meio", dando destaque ele próprio impulso considerável a essa plasticidade e maleabilidade.

Para convencer-nos do que afirma, passa de leve sobre os editoriais de 75 e de 76, inseridos no "Diário da Bahia", onde Rui, opondo-se à anistia dos bispos como a solução viável da "Questão Religiosa", insurge-se, entretanto, contra a injuriosidade do processo que o Império lhes movera.

Não bastasse a increpação de insinceridade ao político, ainda vai buscar-lhe um velho amigo, companheiro de imprensa, e o apresenta à posteridade como mentiroso.

Mas, onde estão os trechos capitais da oração de Rui, em Belo Horizonte, reafirmando as atitudes e as convicções de seu passado de homem publico?

Com que direito os esquece o sr. Magalhães Junior, se o texto que lhe estava à mão é o mesmo que transforma em hasta para ferir a honra de dois cidadãos que a morte emudeceu?

Quem dissimula não fala assim: "Fais as idéias que eu sustentava há 33 anos, naquele meu livro, hoje contra mim tão explorado sobre o Concílio Vaticano. Idéias que reiterei em 1882, no meu próprio projeto de reforma geral do ensino, e, em 1893, na minha conferência de 22 de fevereiro, na Bahia, em benefício dos orfãos do Asilo de Nossa Senhora de Lourdes."

"Bem vêdes que há mais de 30 anos apostolizo a liberdade religiosa, como nos Estados Unidos".

"Depois continuei sem quebra a preconizar essas idéias: em 1882 na Câmara dos Deputados; em 1895 nas "Cartas de Inglaterra"; em 1896 na minha "Resposta" ao conde de Afonso Celso; em anos posteriores, no meu discurso ao Senado sobre a legação do Vaticano; mais tarde, ainda, na "Imprensa", afinal, em 1903, em Collegio Anchieta".

O ilustre publicista, contudo, prefere estas revelações:

I. Rui apressa o matrimonio, temendo que depois da publicação de "O Papa e o Concilio", "nenhum padre o quisesse casar".
A história está mal contada. Em carta ao cônego Teodulino Ferreira, expôs honestamente os motivos da pressa, prova de que não agia de má-fé. E o sacerdote tranquilizou-o com a resposta que bem traduz a solidariedade paternal de um verdadeiro mentor de consciências: "hei de ser seu amigo até o fim". Se o sr. Magalhães Junior tem contas a acertar,

LINGUA E REALIDADE

PAULO RÓNAI

Língua e Realidade", de Vilem Flusser (Ed. Herder, São Paulo), é mais uma tentativa filosófica de explicar o mundo e, como tal, fica muito além do alcance de meus comentários de filólogo amador. Se, apesar disso, me animo a esta incursão em campo alheio, é porque a nova tentativa de tornar patente a estrutura do cosmos culmina na afirmação de que essa estrutura se identifica com a língua. A luz desta teoria o conhecimento, a realidade e a verdade tornam-se aspectos da língua, a ciência e a filosofia pesquisas da língua, a religião e a arte disciplinas criadoras da língua. Procurando abstrair-se dos conhecimentos acumulados no decorrer da história sobre esta última, o pensador tenta encará-la assumindo atitude ingênua para assim captar-lhe melhor a essência e, como afirma modestamente, sugerir uma das possíveis filosofias da língua.

Dono de vasta cultura filosófica e linguística, profundo conhecedor de varios idiomas, o Sr. Flusser possui o dom de analisar com clareza os conceitos mais abstratos e de apresentar as suas idéias com extraordinária plasticidade. Escutemo-lo apresentar o objeto de suas investigações:

"Ei-la, a língua, em toda a sua imensa riqueza. O instrumento mais perfeito que herdamos de nossos pais e em cujo aperfeiçoamento colaboraram incontáveis gerações desde a origem da humanidade, ou, talvez, até além dessa origem. Ela encerra em si toda a sabedoria da raça humana. Ela nos liga aos nossos proximos e, através das idades, aos nossos antepassados. Ela é, a um tempo, a mais antiga e a mais recente obra de arte, obra de

arte majestosamente bela, porém sempre imperfeita. E cada um de nós pode trabalhar essa obra, contribuindo, embora modestamente, para aperfeiçoar-lhe a beleza. No intimo sentimos que somos possuídos por ela, que não somos nós que a formulamos, mas que ela é que nos formula. Somos como que pequenos portões pelos quais ela passa para depois continuar em seu avanço rumo ao desconhecido. Mas, no momento de sua passagem pelo nosso pequeno portão, sentimos poder utilizá-la. Podemos reagrupar os elementos da língua, podemos formular e articular pensamentos. Graças a esse nosso trabalho ela continuará enriquecida em seu avanço... Aventuro-me a sugerir que se resume a isso nosso papel na estrutura do cosmos. Mas, pensando bem, formulando e articulando, não estamos sendo homens no sentido mais digno desta palavra? Não estamos, com essa atividade, preenchendo, e, talvez, ultrapassando a condição humana?"

Esta exaltação lírica não é estranhavel em quem considera a realidade composta de palavras já formuladas e de palavras em estado de nascer e o estudo da língua a única pesquisa legítima do unico cosmos concebível. Por isso a divisão classica das palavras em categorias que espelhariam a estrutura de uma realidade absoluta é rejeitada como absurda. A língua é entendida como um sistema de simbolos cada um dos quais só se torna compreensível dentro do conjunto inteiro; e as linguas como outros tantos sistemas de simbolos, que obedecem a hierarquizações diferentes. A análise classica das frases, aplicavel apenas a algumas linguas

flexionais, mostra-se impotente em face de idiomas isolantes, como o chinês. Vista sob esse prisma, a logica deixa de ser uma disciplina do espirito humano, para restringir-se a disciplina do espirito regido por linguas flexionais. "O intelecto não é real a não ser que pense em alguma lingua".

Mas, se "cada lingua é um mundo diferente, e, ao mesmo tempo, o mundo inteiro", o problema da tradução e do poliglotismo reveste-se de importancia descomunal. Antes que uma conversão, a tradução é uma comparação; mais do que isso, uma ressurreição. "Traduzindo, o intelecto ultrapassa o horizonte da lingua, aniquilando-se nesse processo" para depois ressurgir.

Tôda tradução é aproximativa. Em dois idiomas quaisquer não existem correspondencias perfeitas; por mais simples que seja a frase a ser traduzida, a sua correspondente noutra lingua nunca é exatamente igual, devido á divergencia das applicações possíveis de seus elementos em outros contextos.

Uma parte consideravel do livro consiste em analyses acuradas e engenhosas de supostas equivalencias lexicas de diversas linguas e dos erros, ás vezes fecundos, que essas suposições produziram na historia do pensamento filosofico. O estudioso de idiomas há de achar apaixonante acompanhar o autor em sua demonstração de como a ontologia de suas respectivas linguas está implicita no pensamento inglês, alemão e francês, ou em sua tentativa de estabelecer as bases ontologicas do português, opondo ao "sein" alemão os nossos três verbos ser, estar e ficar.

No decorrer de suas investigações, o filosofo diseca as noções de tempo, atividade e passividade, unidade e multi-

Mas os que f...
desde o início...
Não queiras...
lavrando-te e...
Não, não que...
ante os olhos...
que espreguiça...
nem entende...
que de todos...

Existe um po...
Não é bastan...
Soubeste açã...
e desprende...
Soubeste im...
e nada mais...
um dos muit...
que aguardar...

Ah! Bailarin...
que trava im...
Tiveste afin...
De total sòm...
infinitamente...
e de cheio da...
ao que infini...

Ainda poderá...
dançando con...
Ou bater à jo...
para olhar a...

É inverno, ba...
põe a máscara...
para a Multi...

plicidade, causalidade e poten-
cialidade, tôdas inseparáveis de
sua formulação linguística e
sujeitas, por isso mesmo, a in-
finitas variações e matizações
nas diversas linguas. Merece
especial atenção o capítulo em
que se propõe dar a leitores
condicionados por um idioma
flexional como o português
uma idéia da visão do mundo
inerente ás linguas isolantes.
O pensamento do autor á
medida que se desenvolve vai de

Mas os que fazem estão corrompidos desde o início.

Não queiras salvar o mundo lavrando-te em Morte.

Não, não queiras sobretudo erguer-te ante os olhos da multidão que espreita, nem entender o estranho amor que de todos parece exalar.

Existe um país onde todos se conhecem. Não é bastante adivinhá-lo.

Soubeste açambarcar o convite e desprender-te até o fundo. Soubeste impor ao corpo as asas repentinas e nada mais fizeste que tomar um dos muitos crimes que aguardam o construtor.

Ah! Bailarino, que trava impuseste ao movimento! Tiveste afinal o fruto da possibilidade total? De total somente chamamos ao que se prolonga infinitamente e de cheio damos o nome ao que infinitamente se esgota.

Ainda poderás assombrar à noite dançando com uma árvore sôzinha. Ou bater à janela da casa para olhar a cama feita.

É inverno, bailarino, põe a máscara de gelo para a Multiplicação.

LINDOLF BELL

Ilustração de ARI MORAES

salidade e potências inseparáveis de linguagem e de pensamento. Mesmo, a inexistência e matizações linguísticas. Merece o capítulo em dar a leitores por um idioma o português a visão do mundo linguagens isolantes. do autor à desenvolve vai

abrangendo domínios cada vez mais amplos; as extensões da língua, que são a música e as artes, cujo conjunto forma a civilização, identificadas, por sua vez, com a realidade. Suas teorias que desabrocham em contínuos confrontos com as diversas correntes do pensamento chamam a atenção dos especialistas da especulação filosófica. Por mim, limitando-me ao ponto de vista assinalado de início, desejo apenas exter-

nar o deslumbramento que me veio da leitura de uma obra de horizontes tão vastos.

Entre seus méritos assinalarei por último o de ser escrito em português, língua de que o autor se serviu propositadamente como de instrumento ainda plástico e maleável, "com o amor do forasteiro que habita em seu meio", dando destaque ele próprio impulso considerável a essa plasticidade e maleabilidade.

capital opressor e pouco humano". Mas, por que não podem "as aspirações legítimas do trabalho" compadecer-se com "a influência penetrante e incompatível do Evangelho"?

E quem garante que somente ao sobrenatural se devam o engodo e o ludíbrio com que se embai a credulidade ingenua das multidões?

É tempo de submeter o catolicismo de Rui a análise serena, configurando-lhe a evolução, sem desprezar o resultado da experiência madura, pela decantação compassada dos primeiros entusiasmos.

Certo se lhe esvanescem, aos poucos, a veemência, o estilo candente das apostrofes, as investidas fulmineas e o ímpeto demolidor que caracterizam a idade profética de todos os reformadores.

A coerência, porém, não exclui a retificação dos excessos com que se acometem instituições, mormente quando estas cedem à mudança, premidas pelas circunstâncias ocasionais que o tempo lhes impõe.

Em 1854, Nabuco de Araujo deplorava o estado lamentável de nosso catolicismo e se batia pela "formação de um clero capaz de servir à religião".

Um ano antes, alarmado com o "status quo" das ordens religiosas, o bispo de São Paulo escrevera ao estadista: "V. exa. terá por isso notado que o espírito do catolicismo está quase extinto no Brasil".

Contudo, no dealbar da República, era o eminente padre Julio Maria quem aconselhava o clero a "convidar francamente, sem hipocrisia política nem covardia religiosa, a democracia ao banquete do Evangelho".

Pode-se, em boa consciência, comparar este catolicismo com a prática de certa religiosidade viciosa, criticada contemporaneamente até pelos mais dignos expoentes da fé católica no País?

Também Afonso Celso se deixara iludir, quando vira em Rui "um convertido", depois de ler-lhe o precioso estudo sobre o livro de Balfour.

A resposta não se fez esperar: "No tocante à minha mutação religiosa, não faz s. exa. mais do que repetir uma invenção, absolutamente falsa e muitas vezes rebatida".

Irrogava-se-lhe ateísmo e, no entanto, o que investira desabrido fora o que a espíritos católicos tão liberais quanto o seu parecera gravoso.

Isto é o que o sr. Magalhães Junior pareceu desconhecer.

O ilustre publicista, contudo, prefere estas revelações:

I. Rui apressa o matrimônio, temendo que depois da publicação de "O Papa e o Concílio" "nenhum padre o quisesse casar".

A história está mal contada. Em carta ao cônego Teodulino Ferreira, expôs honestamente os motivos da pressa, prova de que não agia de má-fé. E o sacerdote tranquilizou-o com a resposta que bem traduz a solidariedade paternal de um verdadeiro mentor de consciências: "hei de ser seu amigo até o fim". Se o sr. Magalhães Junior tem contas a acertar,

Derivações

"Wer steckt dahinter?" (Quem está por trás disso?) é o título de uma curiosa obra em que Fritz C. Muller estuda pessoas que se tornaram conceitos: Guillotin, por exemplo, Lynch e Xantipa, Dracon, Colt e outros. Também derivações erradas, como "chauvinismo", camembert, ovo de Colombo etc. são estudadas. A obra, ricamente ilustrada, apareceu na Editora Econ, Düsseldorf, 1964.

ITA 2/65

VILEM FLUSSER'S, "LÍNGUA E REALIDADE" (1)

Vladimir P. Rodionoff

The theme of the book is that language, i. e. the structure of systems is equal to the totality of that which is perceived and understood (the totality of reality). Some of the ideas or arguments put forward are rather daring, but it is not within the scope of this commentary to analyze them.

The excerpts presented below tell their own story. It is in the scheme of things honestly done to have had the author's answer to my remarks. Unfortunately, Time willed it otherwise. It is hoped that the next issue will resolve the matter.

Page 27

Que a divisão clássica não pode ser mantida, é ilustrado pela existência, por exemplo, das línguas aglutinantes. Essas línguas formam frases colando palavras umas sobre as outras, de forma que estas perdem a sua individualidade e se fundem num todo. Querer distinguir nelas sujeito, predicado, etc., seria querer falsificar o seu significado. Ou as frases dessas línguas não são nem verdadeiras nem falsas, não passando de meros ruídos, ou a análise clássica da frase está errada. É, entretanto, extremamente penoso abandonar os preconceitos da análise clássica da frase.

The point has been missed here that terminology in grammar is an artificial system, and as such it tags words or, by general agreement, defines the function of words. Basically, it groups words into classes which explain their role. An adjective is a word that qualifies a noun: whether we say "a red rose" in English or in Eskimo, whether we express it in three words or collect it into one, by agreement that part of the sentence or this part of jumbleygook that modifies the state or adds to the meaning is still an adjective. The word

(1) VILEM FLUSSER, *Língua e realidade*, S. Paulo, Herder, 1963,

"adjective" itself is a tag — the structure of a sentence is one thing, the function of words is another.

It would be presumptive to presuppose that strange "noises" (I use the author's word) uttered in a language possessing no written form divest these words of function.

In private conversation the author expressed the startling conviction that the Chinese language possesses no verbs. In the heated controversy that followed, I do not know whether I had convinced him to the contrary, but then 'A man convinced against his will,

Is of the same opinion still!

page 45

... "Vou estudar" não pode ser traduzido por "I go learn": O significado de "vou" não é portan- to, idêntico ao significado de "I go". Em portu- guês, "vou" tem um significado de verbo auxiliar, que o inglês "I go" não tem, ou, se o tem, é em grau muito mais fraco. A tradução de "vou" para o inglês é, a rigor, impossível. Não existe, dentro da hierarquia e dentro das regras do sistema in- glês um lugar que corresponda ao português "vou". A "realidade" inglesa não comporta "vou". O dado bruto que "vou" e "I go" pressupostamen- te significam, revelou-se um mito.

"Vou estudar" is translated by "I am going to study" which expresses simple future action. "Vou" however may also be rendered by "I go" if the action is habitual or takes place in the present. "Ir" or "go" may be used as auxiliaries, though care should be taken to differentiate between the present or present historic (Damon Runyon's works may be a case in point) and the continuous. Thus "vou" may be given as "I go" or "I am going" depending on the circumstances. I leave to the reader the sentence that the possibility of expressing one for the other is a myth.

page 54:

O mundo das línguas isolantes consiste de uns poucos elementos (sílabas) sem significado deter- minado, que são usadas como pedras de um ma-

saico para formar conjuntos de significado (pensamentos). A sílaba "chih" em cantonês, pode adquirir, por exemplo, os seguintes significados, entre muitos outros, em determinados conjuntos: "história", "empregar", "cadáver", "mercado"... etc. ...As sílabas não sofrem modificações, e não são ligadas entre si, continuam isoladas dentro do conjunto.

It is meaningless to talk of the syllable as such in Chinese unless we relate it to written form. The grizzly "bear" is a fierce animal as most of us know from hearsay, and we must "bear" it in mind at our next encounter.

The written forms for all the words given by the author: history, corpse, market, etc., are different.

Besides possessing different written forms, the syllables (sic!) are further modified by the tones.

An ideogram also suffers modification of tone depending on its place in the sentence or word. Thus an ideogram by itself may be in the third tone, but if it follows one in the third it takes on the second.

page 56:

As línguas flexionais tiveram como consequência a civilização ocidental, inclusive a islâmica e a indiana. As línguas isolantes tiveram como resultado a civilização oriental inclusive a japonêsa, cuja língua, a despeito de basicamente aglutinante, ficou saturada de elementos chineses a ponto de perder a sua personalidade.

page 59:

Não nos pode, portanto, surpreender que a filosofia oriental se é que compreendemos algo dela, nada parece ter em comum com a nossa, parecer uma disciplina totalmente diversa. Muito menos nos pode surpreender o fato de que a ciência no sentido ocidental da palavra, isto é, a cadeia de observação, indução, dedução e generalização, somente pode surgir e existir no Ocidente.

It would be clearer to talk of the roots of civilization. Civilization in itself is a stage, a degree of development with a certain obligatory minimum: writing and settled life with intensive agriculture. Taking it in this sense, one does not say "Islamic civilization" but "the civilization in Islam".

The West Asian, the Hindu, the Hellenic and the Chinese are the four roots of civilization. However, it may be claimed, with considerable support, that the more ancient West Asian is the one root from which the others sprang.

Geographical configuration and settled custom play a great role in the spread of civilizing influence. The Hellenic culture grew up in the inlets and byways of the warm waters of the Aegean. To the east and south dwelt peoples either too settled in their habits or already the possessors of their own culture to prove easy converts to Hellenism. To the west and north-west were peoples sufficiently advanced to make clever pupils yet sufficiently primitive to be culturally pliable. Language may be an expression of civilization, but civilization does not impose its language having none to impose. Language does not produce civilization; a way of life does. Carrying this idea further, I do not see any relation between language and civilization unless the concreteness in the latter is expressed by the abstraction of the former.

page 72-73:

Os caracteres chineses, usados em todo o Extremo Oriente,, consistem de pinceladas organizadas rigorosamente em retângulos. . . . Podem ser classificados, "grosso modo", em três grupos: os que têm uma semelhança, embora muito aproximada, com objetos, os pictogramas. Os que evoluam, por associação, uma sílaba da língua falada, os fonogramas. Isto acontece, por exemplo, se o mesmo carácter é usado para designar "fang", o quadrado, e "fang", aromático. Finalmente, os que não lembram nem objetos nem sílabas, os ideogramas. Esta classificação, além de artificial, é falha, porque grande número dos caracteres é representado por composições de caracteres mais simples de tipos diferentes. O mandarim consiste de aproximadamente 420 sílabas. A língua escrita universal consiste de centenas de milhares de caracteres. Esta simples comparação basta para de-

monstrar que o oriental não pensa em sílabas, mas em caracteres escritos.

Ancient Chinese words had more than one syllable; however, the difficulty of writing forced it into a monosyllabic mould.

The ideograms may be divided into six classes:

- (i) Pictographs
- (ii) Indirect symbols
- (iii) Associative compounds
- (iv) Mutually interpretative symbols
- (v) Phonetic loan characters
- (vi) Determinative-phonetics.

In the Kangsi Dictionary of 1716 A. D. only 5% are pictographs and symbols; all the rest are of the sixth class.

The greatest invention in the development of written Chinese was that of determinative-phonetics, e.g. "fang", by itself means square, place, but allied to herb or grass it means fragrant. It works in the following manner: the determinative — in this case herb — shows the category to which the word belongs; the phonetic — in this case "fang" gives the sound.

The written language consists of 49,000 characters, take or give a few hundred. Less than half of the possible sound combinations is used, but this defect is remedied by introducing tones for a finer discrimination in meaning. Thus of the 412 speech-sounds in to-day's Common Language, augmented by the four tones, the situation is on the bright side.

The tendency to think in pictures or geometrical figures was purely a Greek development. With the system of ideograms above, equations are formed on the subconscious level, thus herb+place=aromatic. These peculiarities of thought are also evident in the historical development in Mathematics. The Chinese possess an arithmetico-algebraic brain, the Greeks a geometric one. Thus to the Greeks numbers were unimportant once the postulates were formulated whereas to the Chinese the property of numbers was a prerequisite for further work.

page 76:

O pintor oriental é um calígrafo que ultrapassou as limitações impostas pelo ideograma. Quando contemplamos suas obras, algo da qualidade

estética do ideograma abandonado penetra o nosso espírito. . . . Para o nosso intelecto o mundo oriental das línguas isolantes é impenetrável. As línguas aglutinantes não resultaram em civilizações no sentido que damos a esta palavra. Os mongóis, os tártaros, os turcos, os hunos, todos estes grupos linguísticos mal definidos que irrompiam, periodicamente, no território das duas civilizações para semear terror e destruição, representam, para nós, o caos.

The "oriental" painter is a painter, the "oriental" calligraphist a calligraphist. Painting is an art, calligraphy a discipline.

Discipline is static, art dynamic. When one contemplates the work of an "oriental" painter, one contemplates a painting. We too have our painters, and we have our embossers. A person may be the proud owner of a beautiful handwriting; he may even be a painter. He carries his talent with him from field to field, but he hardly carries one into the other.

Of course, although calligraphy is a discipline with rigid rules, there is some leeway in the sense that handwriting bears the stamp of individuality. This individuality is apparent in painting to the more observant; thus we have art and handwriting experts — but in no way may art be considered an extension of calligraphy. This statement itself bears some qualifying. I suppose a case could be made for it, but then the accepted definitions for art and discipline become irrelevant.

The "impenetrability" of the "oriental" world is a myth as dead as the dodo. The stranger has penetrated beyond the seven veils; he has bared its body and dissected its organs; he has translated its works, and embraced its philosophy. More has been turned into his own language by himself than by the native-born. In some cases, those of the orient have recourse to these translations for a clarification of some moot point.

Civilization refers to a developed state of society or a stage in it. The barbarians who erupted into Europe were more advanced agriculturally than the Romans. The Mongols and the Huns, the Scyths and the Turks were carriers of civilization, and the benefits accruing to the Western world more than compensated for their

depredations. The postal system, the efficient harness and the quem were but part of the contributions.

page 88:

O verbo will, quando acompanhado de substantivos e pronomes da segunda e da terceira pessoas, significa futuro. Quando acompanhado de pronome da primeira pessoa, significa querer. Ambos os verbos são defectivos; desconhecem o futuro. Shall representa o lado obrigatório e will o lado voluntário da ação que entende o futuro.

I shall go = sou obrigado a ir; he will go = êle quer ir. O futuro é, portanto, o aspecto ético do presente, a valorização do presente.

Historically speaking, "shall" had the meaning of obligation or command, and "will" of wish. The present and future tenses were one. But as commands or wishes had to do with the future, a future tense auxiliary developed out of "shall" and "will".

The usage of to-day comprises elements belonging to three systems:

- (i) the original meaning of command or wish, where "shall" and "Will" are not used to give different persons of the same tense; e.g.

Thou shalt not kill.

Since we do not issue commands to ourselves, shall I? is not required.

- (ii) Simple future.

In statements about the future, the first person has "shall", the second and third persons "will". Some exceptions may be noted here: "I shall do what you say" being the speaker's promise, and "sha'n't" (straight from the nursery) being the speaker's refusal, but these examples rightly belong to the third group, and hence "shall" and "will" should be reversed; thus the other form would also be correct.

- (iii) modified future which results from the application to future time of forms which were practically useful in the future. In this the future tense is modified by the speaker's mood. No matter what emphasis is placed on "shall" in "I shall go", It still belongs to the second group: the simple future.

intensa. Amada, a minha. Eu não me carregava com aquelas coisas não. Eu assobiava na chuva. Ia na minha roupa clara, na chuva. Assobiava pedaços de música hungara, retalhos de música muito triste. Eu assobiava o "Pentecostes Rubro", maravilha que fala das dores de amor,

Vibrava. As pernas dançavam, passavam outras pernas, pulavam poças d'água. Jovens. Andavam meus pés andarihos. De repente, olhei uma vitrina, um sujeito quase feliz, de mãos nos bolsos, de barba de um dia, de terno claro, assobi-

humildemente, orgulho de a minha cara que me sobrou da madrugada. Nada de duvida. A maior felicidade é a gente andar contente por poder carregar a gente. E ainda ter, meu Deus, um "Pentecostes Rubro", da gente, para assobiar.

Thomae qui a garço e... ma diz o poeta de uma "ser d'enfant". E somente os olhos, diante de um mundo cada vez mais perdido, cada vez mais distante. Esta presença do menino em Pericles é tão confessadamente clara que exclui qualquer procura. Salta à vista: "Os deuses rasgaram em mim uma poesia de barcos e

ma diz o poeta de uma "ser d'enfant". E somente os olhos, diante de um mundo cada vez mais perdido, cada vez mais distante. Esta presença do menino em Pericles é tão confessadamente clara que exclui qualquer procura. Salta à vista: "Os deuses rasgaram em mim uma poesia de barcos e

A propósito de "Língua e realidade"

LEONIDAS HEGENBERG

U Circulo de Viena, com pensadores do porte de Schlick, Carnap, Neurath, e outros, segundo se anunciava no Congresso de Oxford, em 1930, havia chegado a conclusões que permitiriam uma "revolução" na filosofia. A metafísica podia, enfim, ser abandonada. A filosofia, como o atestavam as descobertas e discussões de Russell e Wittgenstein, seria uma análise da linguagem, destinada a estabelecer um "critério de significância", separando proposições de pseudoproposições, nestas incluídas todas as grandes questões metafísicas. E as proposições verdadeiras, a que a ciência apenas podia chegar, passariam a ser claramente distinguidas das proposições despidas de significado, como as da filosofia tradicional. O mundo poderia ser "constituído", como pretendia Carnap, a partir dos dados elementares da minha experiência pessoal. Proposições relativas aos objetos da física, aos objetos das "outras mentes" e aos objetos culturais (os quatro grandes tipos de "objetos" de que se constituiria o mundo) seriam redutíveis às proposições elementares. A redução consistiria na eliminação de termos próprios aos discursos em cada um desses "níveis" em favor de termos "básicos", os que figurariam no discurso do "eu", das minhas próprias experiências. E os eternos problemas de "imortalidade", "alma", "Deus", etc., porque incapazes de figurar em proposições redutíveis às da minha experiência, do meu peculiar "comércio com os fatos", que poderia validar essas proposições, ficariam, para sempre, eliminados.

O projeto, como descrito por Carnap, entretanto, não passava de um projeto que muito cedo se revelou inexequível. De fato, ainda que se pudesse considerar apenas aqueles "dados imediatos" corroborados na experiência, como "nasce", "cresce", "modifica" etc., e suas combinações com as regras da gramática, admitidos conectivos como "e", "ou", "não" e quantificadores como "existe", "para todo", uma proposição como Deus existe, (I)

tida como a proposição metafísica por excelência, caberia na "linguagem" da nova filosofia proposta (que pretendia, precisamente, "liquidar" com a metafísica). De fato, (I) é passível de transformar-se em algo como:

Existe um x (x modifica y, para todo y; x não nasceu; pa-

ra todo y, y nasceu; y não modifica x, ...) e os demais atributos que se costuma associar a Deus, de modo intuitivo, poderiam ser acrescentados, tendo-se uma proposição "legítima", segundo a "nova filosofia", e, no entanto, inadmissível, segundo se pretendia.

A eliminação da metafísica, por critérios de significado, não foi bem sucedida. Mas haveria algum modo de "demarcar", com algum êxito, um território da ciência? A resposta mais satisfatória, deu-a Popper: podemos delimitar uma "área científica", adotando a "falsificabilidade".

Compare-se a relatividade com certas idéias da psicologia, em especial as da psicanálise — tal como era cultivada, há não muito tempo. As teorias de Einstein eram incompatíveis com certos fatos. Indicavam que a luz devia desviar-se na presença de certas massas. Se o desvio da luz não fosse observado, a relatividade teria que ser abandonada. A teoria "impedia" alguma coisa: dizia que algo não podia ocorrer, a fim de que se sustentasse. Se este algo fosse observado, ruidaria o edifício teórico. Na psicanálise, ao contrário, qualquer comportamento manifestado por um sujeito poderia "acomodar-se" às explicações que os emulos de Freud sugeriam. O comportamento poderia ser "C" ou "não C", e estaria "enquadrado" na teoria. Esta explicava o ódio ao pai quer o sujeito se comportasse visivelmente de modo desfavorável, quer fosse atencioso e bom para o pai — caso em que estaria "recalcando" os "verdadeiros sentimentos"... A psicanálise não era incompatível com o que fosse observado, não era, em suma, falsificável.

Eis, então, a resposta de Popper: a ciência se caracteriza pela falsificabilidade de suas proposições. O que não for falsificável é mito. As estruturas de tipo mítico são curiosas. Aquilo que parece ser evidência em seu desfavor acaba reforçando um outro ponto do enredo, que se sustenta, intacto, seja qual for a observação. Um exemplo muito feliz é dado pelos chamados "existenciais puros", como "existe um conjunto de palavras arábicas que, pronunciadas de certa maneira, curam todos os males". Este é um mito, porque irrefutável. A um dado insucesso se contrabalança, sempre, a possibilidade da má escolha das pala-

bras ou de sua pronúncia errônea. Por mais que os males continuem, a fé no enunciado pode subsistir, porque ele é compatível com quaisquer observações. Ele é um mito, porque não pode ser falsificado. E, por isso, não faz parte da ciência.

O que, porém, escapa à maioria dos espíritos cientificizantes da atualidade, é que deve haver um critério de falsificabilidade. Quando é que dizemos que um enunciado se falsificou? Quando ele se mostrou incompatível com certos dados observáveis. Mas isso é transferir a responsabilidade de falsificação para os fatos observáveis. E que é "observável"? E por que acreditamos nos fatos observáveis? Os fatos não são, afinal, uma construção teórica? Não dependem de uma peculiar maneira de descrevê-los, em uma dada linguagem? Não está, de fato, como tem procurado salientar o prof. Vilém Flusser, a "realidade" construída pela nossa linguagem?

O ponto é delicado. Para o realista — e realistas precisam ser cientistas, que se atêm, como desejam, "aos fatos", a realidade observável — o mundo está aí. E falamos a respeito das coisas que nos rodeiam. E a ciência, porque deseja descrever e explicar o que se passa à nossa volta, é um conjunto de proposições verdadeiras, a verdade da proposição residindo no fato de que se "coaduna", de algum modo, com essa "realidade" observável. E seria uma coincidência feliz a intersubjetividade das nossas constatações, a validar os enunciados da ciência, falsificáveis por meio de uma favorável maneira de observar uma realidade que está aí, e a qual se "adaptam" ou não, os enunciados científicos.

Mas isso é outro mito. O mito de que a realidade está aí e de que falamos a seu respeito. E de que a ciência a descreve "realmente", porque somos capazes de fazer as mesmas constatações, se agirmos com certas cautelas que chamaremos de "método científico"...

Não seria possível como quer o prof. Flusser, imaginar outra coisa? Não está no fato de usarmos a mesma linguagem, com uma dada estrutura gramatical, a intersubjetividade dos resultados científicos? A realidade, quem a cria, não será a língua?

Por que achamos que uma teoria está destruída quando

não se coaduna com fatos observados, e dizemos que se falsificou? Porque temos "fé" numa realidade objetiva sobre a qual versam as nossas proposições científicas. E se invertemos a situação? A linguagem cria a realidade. E certas convenções linguísticas nos farão aceitar ou rejeitar as proposições. O critério de falsificabilidade não é mais este "peculiar comércio com os fatos", tão caro à ciência, mas sim uma adequação, em nível linguístico, de algumas proposições com outras proposições.

Isso já dizia Neurath, em 1935, mais ou menos, e, antes dele, Fries. Não comparamos enunciados com fatos. Comparamos enunciados. E um novo enunciado será aceitável na medida em que não entrar em contradição com outros enunciados previamente aceitos. Isto é uma teoria: um conjunto de enunciados que decidimos aceitar. Mas então, rebatia Schlick, nunca poderemos ter certeza de que temos conhecimento. Queremos conhecimento a respeito de fatos e se aceitamos proposições em função de proposições, e não em função de fatos, nunca teremos conhecimento. A ciência será uma ilusão.

A ilusão se desvanece se aceitarmos, como propõe Flusser, que a "realidade" não está aí, como pretende o cientista. A realidade é o que a linguagem cria. Então resulta uma peculiar maneira de falar (ou escrever) que é a realidade. E o conhecimento, sem contradições, deixa de ser adequação de coisas heterogêneas, "fatos" e "sentenças", para ser adequação de coisas perfeitamente homogêneas, enunciados da linguagem — a particular linguagem que deliberamos (ou fomos obrigados a) falar.

Derruba-se um mito — o de que há coisas observáveis e de que delas falamos. Coloca-se outro em seu lugar? Talvez. O mito de que nós somos a nossa linguagem. Mas parece não haver outro remédio. Partimos da adesão a um mito. E daí reconstruímos o que nos interessa por vias racionais. O mito de partida, básico, alicerce de nossa atividade racionalizante, é uma escolha. E a escolha há de ser ditada, em tese, ao menos, pela quantidade de explicações satisfatórias que pudermos oferecer, com auxílio do "mito de base".

O mito básico da ciência, o de que aí está uma realidade "ob-

jetiva", acessível a todos, de que podemos falar, está-se envolvendo em conflitos curiosos. O mito de base de que há um "eu" carnapiano, a partir do qual se constrói o mundo, envolve perigos. Entre eles o de que precisamos admitir a feliz coincidência da intersubjetividade das nossas experiências.

Que resta? Em primeiro lugar, segundo penso, a falsificabilidade, que é aceitável como linha demarcadora da ciência. Mas que critério indicará que uma proposição foi falsificada? O de sua concordância com fatos observáveis? Mas "observável", que é? Não se sabe muito bem. Há saídas? A reconstrução simultânea do "eu" e do "mundo" a partir da linguagem. Choca a intuição? Sem dúvida. Porque estamos habituados a pensar nos nomes comuns, tais como "mesa", "arvore", "pedra"... de um modo "referencial": tais termos designam "algo" que está aí. Entretanto a ciência vem falando de "funções de onda", "mesons", "campos", ... que não estão aí, que são artificiosos linguísticos, "teorias teóricas", cuja aceitabilidade dependeu de convenções previamente adotadas. Os termos teóricos não designam nada de observável. Seriam redutíveis, dedutivamente, às coisas observáveis? Talvez. Mas que observável? De novo, o enigma.

Encerro. Aceito a refutabilidade como indicação de cientificidade. E científico o enunciado refutável. Mas como só posso comparar enunciados com enunciados, a refutabilidade assenta em uma lógica, a tornar admissíveis os enunciados que se mostrarem compatíveis com outros que já aceitei. Qual o critério de aceitabilidade dos "primeiros enunciados"? Não pode ser o acordo que manifestem com uma "realidade" que não vejo recursos para comparar enunciados com fatos. Há de ser uma adesão. Adesão ditada por quem, ou por quem? Para o prof. Flusser quem dita a escolha dos enunciados primitivos é a linguagem que nos acomodamos. A resposta é um novo mito. Mas o mito é inelutável por de partida, eis o que nos sobra discutir esse mito. Talvez tencão por outro. Mas não se antes constatar a quantidade de explicações satisfatórias que este nos oferece. Talvez ele seja, afinal, como a proposição vem fazendo plausível o mais interessante, no sentido de ser o mais frutífero.

propósito de "Língua e realidade"

LEONIDAS HEGENBERG

ra todo y, y nasceu; y não modifica x, ...)

e os demais atributos que se costumava associar a Deus, de modo intuitivo, poderiam ser acrescentados, tendo-se uma proposição "legítima", segundo a "nova filosofia", e, no entanto, inadmissível, segundo se pretendia.

A eliminação da metafísica, por critérios de significado, não foi bem sucedida. Mas haveria algum modo de "demarcar", com algum êxito, um território da ciência? A resposta mais satisfatória, deu-a Popper: podemos delimitar uma "área científica", adotando a "falsificabilidade".

Compare-se a relatividade com certas idéias da psicologia, em especial as da psicanálise — tal como era cultivada, há não muito tempo. As teorias de Einstein eram incompatíveis com certos fatos. Indicavam que a luz devia desviar-se na presença de certas massas. Se o desvio da luz não fosse observado, a relatividade teria que ser abandonada. A teoria "impedia" alguma coisa: dizia que algo não podia ocorrer, a fim de que se sustentasse. Se este algo fosse observado, ruiria o edifício teórico. Na psicanálise, ao contrário, qualquer comportamento manifestado por um sujeito poderia "acomodar-se" às explicações que os emulsores de Freud sugeriam. O comportamento poderia ser "C" ou "não C", e estaria "enquadrado" na teoria. Esta explicava o ódio ao pai quer o sujeito se comportasse visivelmente de modo desfavorável, quer fosse atencioso e bom para o pai — caso em que estaria "recalcando" os "verdadeiros sentimentos"... A psicanálise não era incompatível com o que fosse observado, não era, em suma, falsificável.

Eis, então, a resposta de Popper: a ciência se caracteriza pela falsificabilidade de suas proposições. O que não for falsificável é mito. As estruturas de tipo mítico são curiosas. Aquilo que parece ser evidência em seu desfavor acaba reforçando um outro ponto do enredo, que se sustenta, intacto, seja qual for a observação. Um exemplo muito feliz é dado pelos chamados "existenciais puros", como "existe um conjunto de palavras arábicas que, pronunciadas de certa maneira, curam todos os males". Este é um mito, porque irrefutável. A um dado insucesso se contrabalança, sempre, a possibilidade da má escolha das pala-

bras ou de sua pronúncia errônea. Por mais que os males continuem, a fé no enunciado pode subsistir, porque ele é compatível com quaisquer observações. Ele é um mito, porque não pode ser falsificado. E, por isso, não faz parte da ciência.

O que, porém, escapa à maioria dos espíritos cientificizantes da atualidade, é que deve haver um critério de falsificabilidade. Quando é que dizemos que um enunciado se falsificou? Quando ele se mostrou incompatível com certos dados observáveis. Mas isso é transferir a responsabilidade de falsificação para os fatos observáveis. E que é "observável?" E por que acreditamos nos fatos observáveis? Os fatos não são, afinal, uma construção teórica? Não dependem de uma peculiar maneira de descrevê-los, em uma dada linguagem? Não está, de fato, como tem procurado salientar o prof. Vilém Flusser, a "realidade" construída pela nossa linguagem?

O ponto é delicado. Para o realista — e realistas precisam ser cientistas, que se atêm, como desejam, "aos fatos", a realidade observável — o mundo está aí. E falamos a respeito das coisas que nos rodeiam. E a ciência, porque deseja descrever e explicar o que se passa à nossa volta, é um conjunto de proposições verdadeiras, a verdade da proposição residindo no fato de que se "coaduna", de algum modo, com essa "realidade" observável. E seria uma coincidência feliz a intersubjetividade das nossas constatações, a validar os enunciados da ciência; falsificáveis por meio de uma favorável maneira de observar uma realidade que está aí, e a qual se "adaptam" ou não, os enunciados científicos.

Mas isso é outro mito. O mito de que a realidade está aí e de que falamos a seu respeito. E de que a ciência a descreve "realmente", porque somos capazes de fazer as mesmas constatações, se agirmos com certas cautelas que chamaremos de "método científico"...

Não seria possível como quer o prof. Flusser, imaginar outra coisa? Não está no fato de usarmos a mesma linguagem, com uma dada estrutura gramatical, a intersubjetividade dos resultados científicos? A realidade, quem a cria, não será a língua?

Por que achamos que uma teoria está destruída quando

não se coaduna com fatos observados, e dizemos que se falsificou? Porque temos "fé" numa realidade objetiva sobre a qual versam as nossas proposições científicas. E se invertermos a situação? A linguagem cria a realidade. E certas convenções linguísticas nos fazem aceitar ou rejeitar as proposições. O critério de falsificabilidade não é mais este "peculiar comércio com os fatos", tão caro à ciência, mas sim uma adequação, em nível linguístico, de algumas proposições com outras proposições.

Isso já dizia Neurath, em 1935, mais ou menos, e, antes dele, Fries. Não comparamos enunciados com fatos. Comparamos enunciados. E um novo enunciado será aceitável na medida em que não entrar em contradição com outros enunciados previamente aceitos. Isto é uma teoria: um conjunto de enunciados que decidimos aceitar. Mas então, rebatia Schlick, nunca poderemos ter certeza de que temos conhecimento. Queremos conhecimento a respeito de fatos e se aceitamos proposições em função de proposições, e não em função de fatos, nunca teremos conhecimento. A ciência será uma ilusão.

A ilusão se desvanece se aceitarmos, como propõe Flusser, que a "realidade" não está aí, como pretende o cientista. A realidade é o que a linguagem cria. Então resulta uma peculiar maneira de falar (ou escrever) que é a realidade. E o conhecimento, sem contradições, deixa de ser adequação de coisas heterogêneas, "fatos" e "sentenças", para ser adequação de coisas perfeitamente homogêneas, enunciados da linguagem — a particular linguagem que deliberamos (ou fomos obrigados a) falar.

Derruba-se um mito — o de que há coisas observáveis e de que delas falamos. Coloca-se outro em seu lugar? Talvez. O mito de que nós somos a nossa linguagem. Mas parece não haver outro remédio. Partimos da adesão a um mito. E daí reconstruímos o que nos interessa por vias racionais. O mito de partida, básico, alicerce de nossa atividade racionalizante, é uma escolha. E a escolha há de ser ditada, em tese, ao menos, pela quantidade de explicações satisfatórias que pudermos oferecer, com auxílio do "mito de base".

O mito básico da ciência, o de que aí está uma realidade "ob-

jetiva", acessível a todos, de que podemos falar, está-se envolvendo em conflitos curiosos. O mito de base de que há um "eu" carnapiano, a partir do qual se constrói o mundo, envolve perigos. Entre eles o de que precisamos admitir a feliz coincidência da intersubjetividade das nossas experiências.

Que resta? Em primeiro lugar, segundo penso, a falsificabilidade, que é aceitável como linha demarcadora da ciência. Mas que critério indicará que uma proposição foi falsificada? O de sua concordância com fatos observáveis? Mas "observável", que é? Não se sabe muito bem. Há saídas? A reconstrução simultânea do "eu" e do "mundo" a partir da linguagem. Choca a intuição? Sem dúvida. Porque estamos habituados a pensar nos nomes comuns, tais como "mesa", "árvore", "pedra"... de um modo "referencial": tais termos designam "algo" que está aí. Entretanto, a ciência vem falando de "funções de onda", "mesons", "campos", ... que não estão aí, que são artificiosos linguísticos, "termos teóricos", cuja aceitabilidade dependeu de convenções previamente adotadas. Os termos teóricos não designam nada de observável. Seriam reduzíveis, dedutivamente, às coisas observáveis? Talvez. Mas que é observável? De novo, o enigma.

Encerro. Aceito a retutabilidade como indicação de cientificidade. E científico o enunciado refutável. Mas como só posso comparar enunciados com enunciados, a refutabilidade se assenta em uma lógica, a tornar admissíveis os enunciados que se mostrarem compatíveis com outros que já aceitei. E qual o critério de aceitabilidade dos "primeiros enunciados"? Não pode ser o acordo que manifestem com uma "realidade", já que não vejo recursos para comparar enunciados com fatos. Há de ser uma adesão. Adesão ditada por que, ou por quem? Para o prof. Flusser, quem dita a escolha dos enunciados primitivos é a linguagem a que nos acomodamos. A resposta é um novo mito. Mas como o mito é inelutável ponto de partida, eis o que nos sobra: discutir esse mito. Talvez trocá-lo por outro. Mas não sem antes constatar a quantidade de explicações satisfatórias que este nos oferece. Talvez ele seja, afinal, como a própria ciência vem fazendo plausível, o mais interessante, no sentido de ser o mais frutífero.

lavra não se extravasava vez pelo excesso de imagem pudor de se desvendando do menino, em Pe aparece somente um pouquinho, de detrás do Bell é mais claro. Menos no. Pericles é mais ser Bell é mais passaro.

O tema da partida — "casa permanecerá nos fu Foi lá que brinquei de l e me perdi de mim". Bel fessa que tem de seus p vontade de correr as no as/ outras cidades e des os claros/ rios em todas soas". Estará, provavel ai nesta herança, o seg um amplo sopro de univ dade e humanidade que v bro em Bell. Também niss ciles distingue-se de E poeta de "Sereia e Ca concentra-se mais em s mo. Consome-se, como r rio, na sua dolorosa at templação. Bell procura a solidão através de um munhão fraterna que se fuga dentro, ou nos lim natureza insensível, ma procura realmente todos mens. Tem sede de con ção e comunhão: "Sim, ciso falar de gente. H mulheres./ crianças/ lhes o quanto são impor ... E fazer do universo dade pressentida".

Esta comunhão com to homens poderá levar paragens que já se vislu em seus mais recentes p Anunciavam esta nova os versos do poema IV: o triste passaro cruzand teiras/ ... e meu bico as auroras/ a desce povoado de amigos".

Sintomaticamente Bell a seu primeiro li "Os Postumos e as Pro Há um adeus e um anu despedida do passado pera do futuro. Isto me ve intensamente no l Bell. Ir. Ir adiante. Sab bém voltar, quando per Ele afoitamente sabe d gos que correrá. E sal bém aconselhar: " muito pobres:/ quando des a travessia/ cuida as pedras que usastes hora do naufrágio/ler breve historia:/ se as quebrarem antes/ mostrou-me os caminho selho e advertencia. C avança para todos os cios e para todos os h tos. Também em "Os há o tom profético, dor. E esta convicção alma do poeta de uma de uma docilidade irre

Esta união com o u não exclui o poeta da Afinal de contas ele é eleito. Um escolhido, multidão para lhe dizer dades perenes e conduz vez como Moisés. Talv melhança de Cristo: "sação de estar pregado nho/ com cardos de t nações,/ contra todas empalhadas,/ contra o a ventar-me de il ilha..."

Não sei onde parará reira. Pressinto, no que Bell será aquela "o construir árvores/jur muros caídos de vel

"LÍNGUA E REALIDADE"

Da Editôra Herder, autoria de Vilem Flusser, êste estudo de filosofia da linguagem que nos faz lembrar os livros Vossler e Bailly. Com grande ousadia o autor equipara filosofia e conhecimento em geral, com fenômenos puramente linguísticos, chegando a afirmar que a filosofia de Heideggard não passa de uma pesquisa quase consciênte de alguns aspectos e algumas palavras do alemão e do grego, mais especialmente a palavra "Sein" (Ser). Apesar deste exagero, estamos certos de que o volume está destinado a despertar o gosto pelas línguas e pelos problemas que surgem das idiosincrasias próprias de cada idioma.

O Estado de Minas
(s/ data)

O MUNDO DAS LETRAS

"LINGUA E REALIDADE" — VILEM FLUSSER

A Editôra Herber, que tem feito ultimamente importantes lançamentos, acaba de publicar o livro "Língua e realidade", de Vilem Flusser. O autor, no prólogo, acentua: "As opiniões externadas neste livro, embora anteriores às minhas discussões com o prof. Vicente Ferreira da Silva, formaram a base do nosso contato intelectual e (ousa dizê-lo?) amistoso. Embora um destino cruel tenha afastado o prof. Vicente do nosso meio, não posso rebelar-me contra êsse destino, já que me proporcionou a honra e prazer indivisível da companhia dêste pensador poderoso e encantador(que era Vicente Ferreira da Silva. Sôbre todo êste trabalho pairava, durante a sua produção, e paira ainda, o olhar impiedosamente honesto e incorruptível de Alexandre Bloch, minha consciência encarnada. Se o leitor, ainda assim, descobrir (o que seria pior ainda), momentos de mau gôsto, a responsabilidade é inteiramente minha, como o é, aliás, por todos os conceitos articulados ou subentendidos".

Por seu turno, Vicente Ferreira da Silva assim se manifestou sôbre êsse trabalho: "Li com grande atenção e com total isenção o trabalho "Língua e Realidade", procurando situá-lo no contexto geral das pesquisas filosóficas hodiernas. Com grande ousadia e radicalidade, o sr. Flusser equipara filosofia e conhecimento em geral com fenômenos puramente "linguísticos", afirmando a correspondência entre a realidade e o sistema simbólico da linguagem. Além da linguagem estende-se o campo invio do indizível e do não-real. Se nestas suas reflexões semânticas e semióticas sente-se a interferência parcial de Wittgenstein e de um Carnap, no que tange à análise do sentido próprio da linguagem poético-religiosa, sente-se a influência do existencialismo. Na medida em que a palavra poética, como palavra criadora deve necessariamente tangenciar o nada, dando forma (Sinngebung) ao que carece de status ôntico, a linguagem poético-religiosa do pensamento do sr. Flusser se apresenta como um transcender criador, como um enriquecimento contínuo da linguagem, afirmando em geral o autor que a "língua não é estática, mas é algo que cresce e se expande, e que cresce e se expande graças aos intelectos que participam da conversação". Esta ousada tese deveria acarretar a idéia de uma "expansão" da realidade em consonância com o crescimento da linguagem, tese também defendida pelo autor".

Arquivo Popular - 12/11/63

manifestações visuais da psicologia das personagens. Este é o motivo por que escolho os momentos de crise... É a direção que tem, nos meus filmes, a função de definir as personagens. Procuro colocar minhas personagens numa situação impossível e as fazer confessar, para saber exatamente o que elas são".

Aguardemos a distribuição dos filmes de Astruc, a fim de que nos seja possível analisar menos perfuntoriamente o presente ensaio. J.C.I.

*

FILOSOFIA

Villem Flusser, LINGUA E REALIDADE, São Paulo, Editora Herder, 1963, 238 pagos.

Tentando esboçar uma ontologia baseada na estrutura da língua, o A. afirma que universo, conhecimento, verdade e realidade são aspectos linguísticos. Aquilo que nos é dado através dos sentidos — o que comumente se chama realidade — é "dado bruto", mais de perto "nada". Tais dados tornam-se reais somente no contexto da língua, única criadora de realidade. Visto as línguas divergirem na sua estrutura, divergem também as realidades criadas por elas. A idéia de que as várias línguas interpretam de modo vario a mesma realidade extralinguística é radicalmente negada. Não há realidade extralinguística; em consequência, a verdade não se define como correspondência entre os juízos e o ser real, mas como o uso correto das regras da respectiva língua, as quais corresponderiam, nas línguas flexionais (indo-europeias) e só nestas, às da lógica (pag. 29). A ciência ocidental, resultado das línguas flexionais, é uma nova língua (artificial), na qual os dados brutos "se realizam" através de símbolos matematicos (pag. 41). Estes, validos somente dentro da realidade criada pelas línguas flexionais, não têm, pois, validade universal. Sendo o conhecimento função das categorias de cada língua, o conhecimento científico se limita à realidade constituída pela língua científica. Há tantos conhecimentos, verdades e realidades quantas línguas há. Basicamente, porém, seriam três as realidades: a das línguas flexionais, das isolantes (chines etc.) e das aglutinantes (turco etc.).

Segundo o A., a civilização ocidental é resultado das línguas flexionais e a do extremo oriente das isolantes, ao passo que as aglutinantes não teriam redundado em civilização "no sentido que damos à palavra... os... turcos, hunos, todos esses grupos linguísticos mal definidos... representam, para nós, o caos" (pag. 76). O A. não se manifesta acerca das línguas hungara e finlandesa, igualmente aglutinantes.

De que modo línguas diversas criam realidades diversas? A língua portuguesa, p. ex., dispõe de uma estrutura que exprime causalidade ("por causa de"); já as línguas alemã e checa não dispõem de tais termos. A palavra alemã "Ursache" não significaria, etimologicamente, causa e sim "Ur-Sache" (arqui-coisa), a prima causa dos antigos. Em checo o termo correspondente exprimiria antes uma causa final. "Em breve: o conceito "causa" português falta em alemão e checo tanto quanto falta a estrutura da causalidade" (pag. 117). Deve-se concluir daí que os processos reais não são concebidos como sendo causais pelos alemães e checos? Sim. Os alemães conceberiam a causação como processo genético, ao passo que os checos estabeleceriam relações sobretudo morais e não causais (pag. 119 e segs.).

Como a língua em geral cria realidade em geral? O caos irreal dos dados brutos do mundo exterior (Não-Eu) "surge à tona, aparece ao intelecto, organiza-se em cosmos, em breve: realiza-se nas formas das diversas línguas". O mesmo ocorre com o caos irreal dos dados brutos do mundo interno (Eu: instintos, vivências inarticuladas etc.). O Eu e Não-Eu — caos irreal ou "nada" — são a meta não linguística em direção da qual se expande a conversação que "somos", e que é toda a realidade (pag. 143). O conjunto das línguas surge do nada do Eu e Não-Eu e expande-se em direção de um nada diverso (!) ou seja do que é "indizível" por ser extralinguístico.

É através do que o A. chama de "poesia" — a qual abarca a filosofia, a poesia, a ciência, o encanto

te conceito original de poesia é baseado no que o A. considera a etimologia grega e alemã do termo. O progresso científico é decorrença da "poesia", é ampliação e aprofundação linguística, já que as regras da língua são "criadoras de tudo". Tanto isso é verdade que "a natureza é uma consequência da conversação" e "a medida que a conversação progride, a natureza se transforma" (pag. 217) — a natureza e não apenas a interpretação dela.

Não é possível, neste resumo, seguir o A. nos meandros das suas teorias sobre a música, as artes plásticas, a prece etc. A nossa crítica, tomando em conta que o A. confessa não ter tido o propósito de chegar a posições logicamente inatacáveis (pag. 233), é um esboço de "conversação".

Parece-nos baldado o esforço do A. de estabelecer uma ontologia reduzindo a estrutura do ser a camadas linguísticas. Este idealismo radical, que resulta numa especie de solipsismo linguístico — pois a única realidade é a língua cercada de nada — é exatamente o contrario de ontologia. É a retomada, embora modificada e radicalizada (com exclusão da coisa em si), da posição kantiana, essencialmente antiontologica. Por mais que o A. mal-interpretar Kant (cujo ponto de partida deforma totalmente — pag. 39), no fundo substituiu apenas a razão transcendental de Kant pelas regras das línguas, transformadas em condições apriorísticas de todo o conhecimento possível. Ademais, as teses do A. não se afiguram fecundas no campo da ontologia, já que borram os limites dos varios tipos de ser. Sendo realidade tudo quanto é formulado conforme as regras da língua, não se entende bem a diferença p. ex. entre o ser imaginário (um centauro), o ser ideal (um triangulo matematico) e o ser real (uma arvore). A ontologia linguística do A. nivela tudo na famosa noite em que todos os gatos são pardos. Todos os seus esforços em diferenciar natureza e historia são frustrados, já que "tudo é língua". Qual é, de resto, o ser da propria lingua? Qual é a posição ontologica dela? Geralmente é considerada um fenomeno cultural real. Mas a realidade cultural, segundo o A., é por sua vez uma criação da lingua. Será que a lingua produz a sua propria realidade, especie de divina causa de si mesma? Tal circulo talvez seja inevitavel; mas é preciso elucidá-lo. A dificuldade surge em parte porque o A. nunca analisa seriamente a relação entre intelecto, pensamento e lingua. Aqueles são ora o lado subjetivo dela (isto é, são também lingua), ora realidade dela, ora produtores dela. Esta passa a ser uma entidade mítica nesta cosmogonia linguística.

Em todo o livro não se encontra nenhuma análise da relação entre palavra e conceito ou juízo e contexto objectual (Sachverhalt). O A. evidentemente identifica palavra e conceito, não apreciando o caracter simbolico da lingua. Ora, as palavras e os juízos não se referem diretamente à realidade (no sentido comum), mas somente através da mediação de conceitos e contextos objectuais. É só através destes elos intermediarios que a lingua visa e apreende a realidade. Não se nega que cada lingua tende a projetar outros contextos objectuais através dos quais a realidade é interpretada de modo vario. Mas o caracter simbolico da lingua reside precisamente no fato de conceitos e contextos objectuais ao menos semelhantes poderem ser assimilados, reproduzidos, apreendidos, intencionalmente visados pelas palavras e regras diversas de línguas diversas. De outro modo não se entenderia como povos de línguas aglutinantes — p. ex. o hungaro e finlandês — fazem integralmente parte da cultura ocidental. Isso se dá porque os contextos objectuais aproximadamente identicos da civilização ocidental podem ser visados e apreendidos tanto por línguas flexionais como aglutinantes (se admitirmos essa classificação extremamente esquemática do A., hoje superada). Segundo o A. deveria haver um abismo cultural entre os hungaros (ou bascos) e o resto dos europeus, já que as línguas criam as civilizações. Vemos, no entanto, que estas condicionam em ampla medida o funcionamento das línguas, sem que isso exclua a modelação também das civilizações pelas línguas. Pela teoria do A., não se entende porque a India, habitada em ampla medida por povos de línguas flexionais, tenha produzido uma civilização tão diversa daquela da Europa, igualmente habitada por povos de línguas flexionais. O fato é que entre os hungaros e in-

sados embora por palavras e regras linguísticas de estrutura aparentada.

As línguas e a realidade são de difícil transporte. Mas os conceitos e contextos objectuais, que entre ambas medeiam, podem ser transferidos com certa facilidade. Só assim se explica que os chineses e israelenses adótem, em chinês e hebraico, aproximadamente, aqueles um totalitarismo de tipo "flexional" (marxista) e estes a civilização democratica e científica ocidental, moldando as realidades de acordo e transfuncionando ao mesmo tempo as respectivas línguas para captar os novos contextos objectuais e, através deles, as novas realidades que, evidentemente, não vêm sendo criadas pelas línguas chinesa e hebraica. A teoria do A. não explica os fenomenos e isso é um mal, mesmo em se tratando de filosofia.

Precisamente por não cuidar do caracter simbolico da lingua, o A. chega à curiosa tese de que os alemães — ao contrario dos portugueses — viveriam numa realidade não-causal, simplesmente porque na lingua daqueles faltaria o termo que simboliza a causalidade. É evidente que isso é falso: o termo Ursache significa exatamente causa no idioma moderno. Em seculos passados, tanto Ursache como causa tinham algo a ver com pleito judicial. Em português este significado até se conservou, ao passo que Ursache, atualmente, exprime somente relação causal. Trata-se, porém, de questões totalmente irrisonas, visto que a função dos termos depende do contexto objectual historico. Só devido à sua concepção mágico-primitiva da lingua o A. atribui às palavras qualidades excepcionais, capazes até de constituir realidades causais ou não-causais. Que as palavras ou juízos funcionam em função dos contextos objectuais é facil mostrar. O "por causa de" português, tomado pelo A. como modelo do pensamento causal, pode modificar seu sentido, segundo o contexto. Se digo: "A pedra caiu por causa do vento", o termo tem função puramente causal. Mas se digo: "Vou à montanha por causa do ar puro", a função se torna puramente final. E o mesmo ocorre naturalmente em alemão e, provavelmente, em checo, hungaro e chinês.

A paixão pela magia etimológica — que nada tem que ver com a fenomenologia como supõe o A. — leva facilmente a arbitrariedades. Induz a escolher em cada caso as línguas e os termos cuja etimologia parece provar a tese de antemão concebida. Assim, o A. tem certa concepção da poesia e para confirmá-la recorre ao grego e alemão. Por que não recorre ao arabe e suaheli? A propria etimologia nem sempre é correta. Boa parte da teoria poetica é baseada na etimologia popular do termo alemão "Dichtung", apresentado como tendo conexões com as palavras "adensamento... calefação", quando o vocabulo na realidade provém de "dic-tare". Devido ao vicio etimologico a estrutura das povos tem o seguinte aspecto: "A palavra "Dichtung" ilustra, portanto, a filogenese da poesia. A palavra poesia ilustra seu funcionamento. A palavra "poiein" (fazer, produzir) deve ter raiz comum com a palavra latina "ponere" (pôr). O poeta é, pois, um positor..." (pags. 161/62); os gritos de "deve ter" e "pois" são do comentarista). É obvio que essa manipulação gratuita de palavras, por mais espirituosa que seja, não prova nada.

Apesar de tudo se trata de obra de interesse, cuja leitura deve ser recomendada. É expressão de um pensamento muito em voga e, ademais, joga com este pensamento de um modo magistral. Há, por vezes, intuições profundas e algumas análises são modelos de argucia e penetração. Pela sua originalidade é um livro "poetico", no sentido do A. Admite-se haver uma verdade parcial na afirmação de que a lingua determina a nossa visão da realidade. Se o A. se limitasse, com humildade, ao exame cuidadoso dessa verdade parcial, em vez de pregar logo um mito e arrancar dos seus diversos nadas toda uma mística, ele escreveria livros solidos e uteis. Todavia, tal conselho decerto é flilisteu ante esta filosofia essencialmente ludica. Talvez seja preferivel que continue escrevendo livros como este: esplendidos, conquanto errados (segundo a opinião do comentarista). Há certos erros que são mais fecundos do que certas verdades. Variando uma frase famosa, diria: Não concordo com quase nenhuma palavra do A., mas espero que continue escrevendo.

ENHA CRÍTICA

REZENDE

LINGUA E REALIDADE — Vilem Flusser —
Editôra HERDER — São Paulo — 1963.

Sob o título acima, o autor, num trabalho original, quer sugerir "algumas das inúmeras possibilidades do estabelecimento de uma filosofia da língua". O conceito de língua no presente volume, não é o conceito que comumente temos de língua, ou melhor, não é somente este conceito. Diz o autor: "Em minha identificação da língua com a estrutura do cosmos pretendo que o conceito "língua" abranja tanto a matemática pura como a poesia, e que ultrapasse a ambas". Mais adiante, (página 12) "A língua, tomada como aparência, forma o campo de uma ou mais ciências especializadas. Mas é evidente que a língua, tomada assim como aparência, não serve como base do conceito entendido neste contexto. Por outro lado será impossível ignorar por completo este aspecto da língua. O conceito "língua", tal como será empregado neste trabalho, incluirá, portanto, os aspectos iluminados pelas ciências especializadas". Neste volume, "será proposta a afirmação de que essa estrutura (do cosmos) se identifica com a língua. Que conhecimento, realidade e verdade são aspectos da língua. Que ciência e filosofia são pesquisas da língua. E que religião e arte são disciplinas criadoras de língua". Como vemos, vasto é o campo que o autor propõe pesquisar em Língua e Realidade. Trata-se de uma obra de tenaz meditação e de vastas perspectivas filosóficas, segundo Vicente Ferreira da Silva. Damos os quatro capítulos principais: A Língua é realidade, A Língua forma realidade, A Língua cria realidade, A Língua propaga realidade.

Jornal do Dia, Niquel Resende
29-1-64

P. Alegre

«LINGUA E REALIDADE — Vilem
Flusser — 238 pgs. — 1963 — Editora
Herder — São Paulo»

Tese original, defendida com tenacidade e de vastas perspectivas filosóficas, é a de Vilem Flusser, exposta neste livro «Lingua e Realidade», recentemente lançado pela Herder, de São Paulo. Radical em sua posição, afirma que a filosofia e o conhecimento em geral são, antes de tudo, realidades linguísticas, pois que, além da linguagem, o homem encontra-se no mundo do irreal e do indizível. Coloca o princípio fundamental de que a estrutura do cosmos se identifica com a lingua e que conhecer as línguas é dar um passo a mais para compreender o cosmos. Conhecimento, realidade e verdade são, apenas, aspectos da lingua. Filosofia, ciência e religião são pesquisas de lingua. «A identidade da lingua com a estrutura do cosmos deverá ser evidente para o leitor, se é que tenho alguma razão com a minha afirmativa», diz o autor. «Entretanto, mesmo se conseguir apresentar essa evidência, não terei produzido algo que se possa chamar de uma «filosofia da lingua». Terei, no máximo, sugerido algumas das inúmeras possibilidades do estabelecimento de uma tal filosofia. E esta é a intenção deste trabalho». Opinando sobre o livro, o falecido pensador Vicente Ferreira da Silva acha ousada a radicalidade do autor, compreensível pela adoção da filosofia Heideggeriana, mas não esconde a sua admiração pela originalidade da tese, que fatalmente virá despertar o gosto pela semântica filosófica. A tese se concentra nos seguintes temas: a Lingua e a Realidade — a Lingua Forma da Realidade — a Lingua Cria Realidade e a Lingua Propaga Realidade.

P. Alegre

23/12/63

Jornal do Dia

Dr. L. L. Langaro

“Lingua e Realidade”

Com o título de “Lingua e Realidade”, publicou a Editora Herder um estudo de Vilem Flusser, colaborador do Suplemento Literário desta folha. No prefácio, declara o autor que o referido suplemento “desempenha um papel central nas atividades intelectuais, um papel que somente a historia saberá avaliar”.

Est. S Paulo
17/1/64

49/1/64

Lingua e Realidade, de Vilem Flusser, apresentação de Vicente Ferreira da Silva, prologo do autor, brochura de 238 págs., capa de Mira Schendel, lançamento da editora “Herder”. Ensaio de filosofia. A tese central, que o autor propõe, talvez se possa resumir nestes termos: O espirito humano busca, perpetuamente, descobrir no mundo uma estrutura ordenada, pela qual se converta o caos em cosmos; tal estrutura não consiste nem no conhecimento, nem na realidade, nem na verdade, mas se identifica com a lingua; aliás, “conhecimento, realidade e verdade são aspectos da lingua”; ciencia e filosofia são pesquisas da lingua; religião e arte são disciplinas criadoras de lingua; a lingua não é “um entre fenomenos componentes” da realidade, mas a propria essencia desta.

REVISTA DAS REVISTAS

Um estudo do significado ontológico da língua (Revista Brasileira de Filosofia)

Em curioso "Ensaio para um estudo do significado ontológico da língua", do sr. Vilém Flusser, publicado pela **Revista Brasileira de Filosofia** (S. Paulo, janeiro a março 1962), põe-nos em contacto com o assunto que é, afinal de contas, o ponto de convergência das incertezas da filosofia. O estilo é, em geral, arrevesado e a sua língua frequentemente incorreta (mais parece tradução do alemão) mas, paciência, no Brasil, a obrigação de escrever corretamente o português não é necessidade tão óbvia para tratar de tal assunto. Será uma contradição, mas o que é fato é que o artigo do sr. Vilém Flusser denota certa sensibilidade, por assim dizer, teórica para apreender os dados fundamentais do problema geral da expressão do pensamento filosófico.

Referese de início o sr. Vilém Flusser à insuficiência da exploração que se tem feito no "território da língua", entendendo-se, á insuficiência das atuais pesquisas propriamente filosóficas sobre a relação primária entre língua e realidade. Não falta pitoresco ao modo com que o sr. Flusser caracteriza a situação: "Essa língua calada formula (ou talvez é idêntica com) todos os nossos pensamentos articuláveis (ou talvez todos os nossos pensamentos "tout court")". O problema máximo nessa ordem de idéias é consequência disso e consiste na tradução horizontal (de uma língua para outra) e a tradução vertical (de uma camada para outra).

Pretende o sr. Flusser que se perdeu a "visão ontológica" da língua precisamente porque o progresso do conhecimento dos seus aspectos externos "ofusca a unidade básica da língua". Não perde, entretanto, o sr. Flusser a esperança de reconquistar-se tal visão, se bem que o espírito moderno seja "desintegrado pela ação trituradora dos conhecimentos especializados". Ou mais simplesmente, o que se requer é uma filosofia unificada da linguagem. A instituição desta filosofia, diz o sr. Flusser, está sendo preparada inconscientemente pelos que clamam por uma visão integral da realidade. Ou mais pedestremente, o

divorcio entre a ciência, a ética e a estética, para o sr. Flusser, é que produz a falta de senso da realidade característica da nossa época e corresponde clinicamente á loucura, filosoficamente ao nojo existencial e teologicamente ao inferno. Vê-se que ao sr. Flusser não falta imaginação apocalíptica. Em todo o caso, explica-se ele: "... a realidade aparece exclusivamente em forma de língua. A língua, venha ela de fora ou de dentro, significa a realidade, pois ela é, em seu conjunto, um sistema de símbolos que significam a realidade". O sr. Flusser tem um estilo rebarbativo mas aí entende-se bem onde ele quer chegar. Cita mesmo a proposição celebre de Wittgenstein. E até resume com felicidade a sua preocupação dominante: "O estudo da língua é um método excepcionalmente apto, senão o único praticável, de penetrar a "realidade" de maneira articulada, isto é, sem o recurso das visões estáticas, sejam místicas, sejam artísticas". O que pode parecer contraditório com as suas anteriores observações.

O "Ensaio" do sr. Flusser é longo e disposto em capítulos que se engrenam, da tradução dos conceitos filosóficos em línguas diferentes, considerada como tarefa somente aproximativa á análise de sistemas filosóficos mediante tal método e á discussão da estética da língua, concluindo por uma tentativa de aplicação do método fenomenológico ao objeto da pesquisa. Embora não sendo propriamente uma novidade (cf. os ensaios dos franceses Yvon Belaval e Louis Rougier, respectivamente "Les philosophes et leur langage" e "La métaphysique et le langage") a tentativa do autor, contudo, mais de uma observação sua é válida e tem seu mérito sobretudo quanto á intraduzibilidade do alemão filosófico. Quanto á aplicação do método fenomenológico tentada pelo sr. Flusser é sobretudo superficial para não dizer pueril.

Mesmo assim, o "Ensaio" do sr. Flusser escapa á pecha de inaniidade que merece a maior parte dos artigos e publicações de filosofia no Brasil.

Convívium que se intitula re-

vista "de investigação e cultura", no seu n.º 2, entre varia matéria de interesse, traz um artigo do sr. Vicente Ferreira da Silva sobre "Liberdade e Imaginação" que toca indiretamente no assunto versado pelo "Ensaio" do sr. Vilém Flusser. Tomando como ponto de partida uma observação de Hegel, na parte da "Enciclopédia das Ciências Filosóficas" consagrada á Filosofia do Espírito, o sr. Vicente Ferreira da Silva crê encontrar uma relação de origem com a idéia exposta por Berdiaeff e desenvolvida por filósofos alemães contemporâneos, de que a imaginação é uma força metafísica "que sustenta uma luta contra o mundo objetivo" e consequentemente "cria realidades". Pode-se duvidar dessa filiação que parece um pouco apressada. Mas o autor, agora com melhor fundamento, mostra como Nietzsche, na "Vontade de Potência", indica que "a subjetividade do universo não é uma subjetividade antropomórfica, mas cósmica..." Para Nietzsche o próprio sujeito ou Ego não é senão um conjunto de ficções, criações, representações fluidas no devenir histórico. Voltando a Hegel, o autor expõe a teória geral hegeliana da linguagem, relacionando-a á tese que pretende provar: a palavra não é um fato, uma "existência morta", mas um ato, "um transcender que continuamente emerge como virtualidade". Assim, o autor engenhosamente concilia Hegel com Heidegger.

*

Estudos é uma nova publicação especializada para o ensino das línguas estrangeiras, a qual aparece sob os auspícios do Instituto de Idiomas Yazi-gi. Nos seus dois primeiros números, insere a revista matéria da especialidade, mas cujo interesse ultrapassa os limites desta nota, como por exemplo o artigo do sr. Geraldo Cintra sobre a estrutura do português do Brasil (n.º 1) e o do sr. Helio O. Bichels — "Trouble spots in vocabulary" (n.º 2). Este último pode ser de utilidade ainda mais geral em vista da conhecida dificuldade prática de traduzir palavras inglesas por outras aparentemente equivalentes em português.

Vilem Flusser: Língua e Realidade

★ SEBASTIÃO G. ASSUMPÇÃO

BO de ler um livro de filosofia efetivamente interessante e original: o LINGUA E REALIDADE de Vilem Flusser. É um livro que quase se situa num termo entre filosofia e literatura. Não é, contudo, não se trate de uma obra de natureza filosófica e mesmo indiscutível valor entre as obras de filosofia se publicado no Brasil: é o autor possui, como logo se vê a partir das primeiras páginas, um acentuado caráter literário. E, nesse sentido, pode-se afirmar que se trata efetivamente de uma obra de arte, porquanto o autor, na linguagem atual, por exemplo, é artista por excelência em face talvez do acentuadamente realismo e do conto moderno e cuja preocupação constante é, em consequência, de transmitir com a máxima fidelidade possível a realidade a que se reporta, e a palavra quase que se vive como meio de expressão, como veículo, não tem o gosto da prosa bela, da palavra pura, do amor da linguagem no domínio da palavra, da expressão, ao passo que esse filósofo de «Língua e Realidade» se revela um verdadeiro criador de imagens e sensações.

pela fisionomia artística e pelo estilo polémico do livro, de maneira que afirmações tais como a de que as peculiaridades da língua em que o filósofo pensa limitam suas concepções filosóficas não se afiguram como autênticos equívocos, mas como torções claramente intencionais e tendentes a obviar o seu propósito básico de realçar a importância da língua no desenvolvimento do pensamento humano e particularmente no pensamento filosófico, o que logo se torna evidente se tomarmos em conta que o autor, pelo que se depreende da leitura, é um poliglota e um apaixonado estudioso das questões de linguística.

Na verdade, o papel da língua no campo do pensamento filosófico é, tão somente, o de permitir a explicitação da realidade. Mas estritamente a função da linguagem é a comunicação do pensamento filosófico, porquanto o que é fundamental na filosofia é o «entendimento» da realidade e o papel da palavra só começa a ser desempenhado verdadeiramente depois desse entendimento. O domínio da palavra é o domínio do «sabido» e não do «saber», coisa que o próprio Vilem Flusser discute e admite, o que justamente mais evidencia o caráter intencional das distorções que impõe ao seu pensamento. Dizer, portanto, que a língua

cria a natureza é algo que só se pode entender como gosto pelo paradoxo. A verdade é que a língua evidencia, mostra a natureza. A língua emoldura e, em consequência, põe em relevo a natureza. O oposto, embora de modo discutível, é o que se poderia verdadeiramente afirmar: que a natureza criou a língua, já que a língua está estruturada a partir da vida humana, pois assim como a organização biológica reflete o meio natural, o ambiente físico, a língua reflete o meio especificamente humano.

Dizer que a filosofia está limitada ao campo da língua em que foi «pensada» é afirmativa que, por sua vez, já não pode ser encarada como pecado venial, pois se há uma atividade intelectual que não está circunscrita ao âmbito da língua, essa atividade é a filosofia. Na verdade, a filosofia como atitude humana é, sem dúvida, uma aspiração de incondicionalidade intelectual. O filósofo, como de resto todos nós, está enredado no processo da história e da cultura, mas, no que diz respeito estritamente ao campo da linguagem, pode-se afirmar, sem risco de erro, que

não está subordinado a suas limitações. A filosofia é, dentro da cultura de cada época, um saber excepcional. Uma filosofia que estivesse inteiramente condicionada pela linguagem de seu tempo não seria uma filosofia autêntica; não seria criadora, portanto. A filosofia extravasa, desborda o campo da língua. O filósofo lida com conceitos e significados para os quais procura a palavra apropriada, seja na linguagem corrente, seja numa terminologia específica, a que empresta sempre conotações especiais. E isto logo melhor se evidencia ao verificarmos que cada filósofo e cada nova filosofia utiliza uma linguagem própria, pessoal e que essa linguagem, quando muito, abrange uma escola ou uma corrente. Por isto é que a comunicação na filosofia é sempre tentativa. A língua se torna um entrave à comunicação e é somente nesse terreno da comunicação que a língua efetivamente se impõe como uma limitação ao pensamento filosófico.

Verdadeiramente a língua não é uma interpretação da realidade, é a realidade interpretada e por isto é que cada filósofo, por assim dizer, «tem que começar tudo de novo», tem que refazer o que já foi feito, e justamente por isto também é que a filosofia não é uma acumulação «progressiva» de saberes, mas apenas novas perspectivas da mesma coisa. Entre a língua e a realidade está aquilo que comumente denominamos de «entendimento». O filósofo tem, portanto, que reinterpretar a realidade. A filosofia assim não é verdadeiramente «pensada», não é concluída; é entendida. Ilustremos isto com um exemplo para resumir: tenho diante de meus olhos uma barra de ferro e me dou conta de que essa barra de ferro não é uma individualidade. Este gato aqui e aquela árvore lá são individualidades; esta barra de ferro, não. Percebo que o ferro é, por conseguinte, um ser genérico. E tanto assim é que, posso dizer que esta barra é «um pedaço de ferro». Nem mesmo o pedaço de «um ferro» que seria uma individualidade global ferro. Entender, portanto, que o ferro é um ser genérico e que essa «genericidade» não é concluída, não é pensada; é percebida, entendida; mas, logo no momento em que tenho que exprimi-la, em que tenho que comunicá-la aos outros, a palavra desempenha um papel insubstituível. Tenho que comunicar e demonstrar ou mesmo argumentar o que afirmo e sou obrigado a me ater a palavras, a frases, à língua, enfim.

cria realidades, pois é, ela também, realidade. A palavra está aí, como está a árvore e a estrela: é, portanto, apenas uma das realidades do «nosso mundo». O objeto do estudo de LINGUA E REALIDADE não é especificamente a linguagem como parte da estrutura humana, portanto, mas da linguagem como ambiente, como meio, pois assim como há um corpo que é particularmente «meu», mas que é, também, parte do meio «físico», assim o meu pensamento, a minha linguagem é parte do meio intelectual em geral. Daí justamente por que o autor situa nesse «meio intelectual» aquelas pessoas ou intelectos que participam da conversação comum, da «salada de palavras» como ele próprio exprime, e que, por isto mesmo, quase se confundem com esse meio, se diluem nesse meio, de maneira que não chegam a se constituir intelectualmente como individualidades. E é justamente esse «meio intelectual», esse «meio espiritual» da linguagem que é, como dissemos, o objeto de estudo do livro. E é também, sem dúvida, um terreno extremamente fértil a estudos de índole filosófica.

A despeito de todas as restrições que se possam fazer e dos senões de que o próprio autor se desculpa, o livro não deixa de ser uma séria contribuição a nossa não muito rica bibliografia filosófica. Sem falar do vasto material de conhecimento que maneja, da lucidez e acuidade com que aborda as questões mais discutidas da filosofia contemporânea, pode-se afirmar que se trata de um livro corajoso e autêntico e que, portanto, merece o interesse e o comentário de nossos intelectuais, mesmo de certos de nossos pensadores mais eruditos que geralmente se colocam numa posição intangível no cenário da inteligência brasileira. Se o livro não repercutir, se não influir, não contribuir para nossa formação intelectual, se esse livro, enfim, cair no vazio, não será por culpa do autor: será por nossa incapacidade de compreender a sua mensagem.

* Especial para o S. L. do «D. N.»

CRISTO DE LAMA — ROMANCE DO ALEIJADINHO DE VILA RICA — POESIA UNIVERSAL

★ NILO DE LEONI

aleijadinho, com cintilâncias de artista emérrico, arrancou da pedra rupestre de uma obra universal. Um aleijadinho isentado. História, largado nas mãos de um fim de mundo que só viveu por causa do que, só por causa do deus da vida e da vida intelectual.

É quase bastante. Insuficiente, entretanto.

Como todos os quases, sem exceção.

Agora, o Cristo de Lama que ele certamente não foi, mas que retrata com uma fidelidade absurda o que nós gostaríamos que ele tivesse sido, ao transformar seu enorme sofrimento numa obra de arte sob todos os aspectos universal e indiferente ao tempo, vem complementar o obscuro, de sua vida apenas presumida.

Ganhou vida um fazedor de imagens, um imaginário. Vida imaginária, ela, também.

Não os críticos literários mas apenas o leitor. justamente por não estar entrosado nos segredos que a técnica

ro, que a narrativa de Cristo de Lama, cheia de cores autênticas de uma época diferente, poderia ser melhor; poderia ter mais rapidez, maior ligação com a atualidade. Seria mais fácil, mas não nos daria contribuição quase nenhuma, não projetaria, talvez, para a posteridade, a explicação de um homem que tirou eternidades definidas da brutalidade amorfa da pedra-sabão, virando-se em mensagens de beleza indiscutível.

O Cristo de Lama é o retrato de uma época e, sobretudo, a locação dos pontos que marcaram uma vida anônima.

Uma vida anônima que se projetou para os sempre, mas cuja semprice só chegou a ser autenticada neste agora, neste Cristo de Lama, obra de beleza, cheia de

POEMA MOMENTO

Quando passar por mim o mar que o mar que despertou no seio de veio adormecer sobre o meu cansado de correr caminhos de cor. Quando passar por mim, no alento ainda virgem, transiêdo de bruno eu serei de estrelas e de espuma.

Ninguém saiba de mim, de mim que agora mesmo vim do mar e estou em claridade... e lanterna quer que eu seja como humilde como a onda quando escreve na praia indesejada uma legenda branca de saudade.

Farei rosas de mim, rosas de meus olhos de amor, e rosas tantas que o vento há de levar ao reino das ondinas para embalar submersas nostalgias. Mas a rosa mais bela, a que res...

23-11 1968



suplemento

“Introdução de Adam

Oswaldino M

O ano de 1963 assinalou o acontecimento entre nós de um dos mais especiosos livros de indagação filosófica já aparecidos por estas plagas, a saber *Língua e Realidade*, do Sr. Vilém Flusser. As páginas da obra-prima coruscam de fosforescências, bem de jeito a erguer uma barragem de fogos de artifício que por pouco não escamoteia esta singularidade sob todos os títulos, vá lá o pleonasma, peculiaríssima: a obra é errada de ponta a ponta.

Errada e insubsistente, porquanto causa pasmo que, depois do gume afiadíssimo da análise direcional de um George E. Moore e de um C. D. Broad, a afadigarem-se os simplórios na sua faina de esventradores de madrepérolas; do cirurgião Bertrand Russell a esmiudear, a suturar com ágil pinça os vasos capilares das proposições; depois da confluência em dilatado estuário de tódas as correntezas de linguística contemporânea, com as figuras solares de Saussure, Troubetzkoy, Jakobson, Sapir, Benjamin Lee Whorf, Bloomfield, Hjelmslev, Chomsky, Kurylowicz, e repontarem inimigas de nevoeiros; após a escrupulosa destilação conceitual levada a cabo pelos neopositivistas e convencionalistas radicais — Peirce, Carnap, Chwistek, Tarski, Quine, Wittgenstein, Ramsey, Bridgman — é de estarrecer, dizia, que se resolva alguém a atacar o problema capital das relações da linguagem com a realidade sem ter para com o leitor competente (os distraídos, êsses deglutem tudo) sequer a deferência de fundamentar adequadamente as suas premissas teóricas! Eis um caso capitulável, sem duvida, como quebra dos princípios elementares da cortesia, pois, é de todos consabido, a probidade é a polidez do filósofo. Vêm-me à memória, por contraste, as palavras de Ernest Nagel endereçadas a Moore: “Seu industrioso desvelo e extraordinária concentração em determinar com máximo acumen os possíveis matizes de significação que os juizes entremostam [...] fazem dêle a própria encarnação da honestidade intelectual e um pólo compreensível para os filósofos que levam a sério a sua profissão.” (1).

Com efeito, logo no início de *Língua e Realidade* o Sr. Flusser se exime — como se pudesse afluçar-se impunidade por tal demissão — de buscar nas ciências que se ocupam da linguagem apoio a fim de obter a caracterização do conceito correspondente, sob o futil pretexto de que a ciência “é a tentativa de catalogar e classificar aparências”. Pouco além, todavia, ao confessar a contragosto que “será impossível ignorar por completo êsse aspecto da língua” (o científico), avança que não recusará a contribuição dos especialistas na matéria. É uma trapaça ardilosa. Nega-se á “língua” a possibilidade de render-se aos métodos da prospeção científica, mas, para travejar os argumentos que atijam a incontinência fantasiadora do autor, não pestaneja êste em desembaraçar-se de qualquer formalidade e valer-se dos “aspectos iluminados pelas ciências especializadas”.

Chegado a êsse ponto, está o campo livre e desimpedido para tódas as orgias especulativas, o mais rematado delírio metafísico... que digo eu? patafísico, saindo o Sr. Flusser a um êmulo do *Docteur Faustroll, pataphysicien*.

Se o desenvólto teórico condescendesse em submeter a marcha de seu pensamento a certas etapas de reflexão linguística

profundeza, do pensamento de Kant; e até é de suspeitar que a estrutura altamente sintética e periódica do esquimó se com padeceria mais facilmente com a ponderosa terminologia de Kant do que o alemão materno em que êle escreveu. E mais ainda, colocando-nos num ponto de vista mais positivo e propício não é absurdo afirmar que tanto o hotentote como o esquimó dispõem de todo o aparelhamento formal necessário para servir de matriz á expressão do pensamento de Kant”. (2).

Em outra obra sua, Sapir ainda é mais taxativo: “Tódas as tentativas para estabelecer conexão entre tipos dados de morfologia linguística e certas fases correlatas de desenvolvimento cultural, são vãs. Bem compreendidas, são mero rebotalho de ciência. [...] Em se tratando de forma linguística, Platão vai de par com um porqueiro da Macedônia, Confúcio com um selvagem do Assam, caçador de cabeças” (3).

Como se vê, é a refutação definitiva da tese segundo a qual o pensar filosófico, a “conversação” da cultura são irrecorrivelmente *idiomáticos* e estão, assim, na dependência imediata da estrutura linguística em que acaso forem vazados, ou, dito de outra forma, o molde do pensamento — tipicamente um molde linguístico — projeta-se na concepção que o filósofo se faz do universo, sendo lícito, portanto, afirmar que, se transpusermos para outra língua os argumentos da filosofia grega, ou os de Heidegger, êstes se degradam, convertem-se em outra coisa...

Bem sei as fontes onde se desседenta a mente flusseriana: Mauthner, Wittgenstein, Husserl, Trier, Cassirer. Quanto ao primeiro, o próprio Wittgenstein, num conhecido passo do *Tractatus Logico-Philosophicus* (a proposição n.º 4.0031), exorcisma o mais remoto contágio acaso dele oriundo. Dos restantes, nenhum especialista dos nossos dias ousaria perfilhar, sem previa filtragem crítica, o idealismo transcendental e o misticismo metafísico.

O campo de manobras do Sr. Flusser é a linguagem, que êle rebateza muito de industria com o nome reduzido de “língua”, a fim de deslizar mais suavemente nas ranhuras dos seus esquemas falazes: “Língua”, todavia, para o autor, é uma invenção de extremo a extremo abstrata, que não se sabe como veio a atravessar-se nas relações dos homens organizados socialmente. Imagine-se um talismã de hierofante a atuar da maneira mais esdruxula possível, em obediência a *ukases*, e ter-se-á algo aparentado com o termo-chave do argumento do sábio.

Em momento algum somos informados dos elementos e processos instauradores da linguagem (muito menos da “língua”). “Palavra” vem á baila dezenas de vezes, bem assim “frase”, “oração”, “síllaba”, mas não se rastreia sinal de esforço no sentido de configurar a sua natureza, demarcar-lhes as áreas de compreensão, revelá-las em sua dinâmica. Tais conceitos são apresentados como absolutos cósmicos que, graças a hipóstases escandalosíssimas, caucionam as maiores aberrações doutrinárias. A certa altura, decreta-se que “uma palavra é um órgão de um pensamento, tem portanto uma função predeterminada” (pág. 196) e, como se não houvesse cometido um pecado capital contra a ciência, prossegue impavidamente o expositor a estender a sua teia insidiosa na esperança de enviscar algum cúmplice distraído.

Claro que requer vigília aturada e paciência deter-se no exame desses concentrados conceituais e esmiuçar-lhes os me-

ento literário

à semântica”,

Schaff

arquês

II

Quem quiser persuadir-se de como devem ser versados os árduos e complexos problemas atinentes à essência, função e dinâmica das estruturas linguísticas, na sua dimensão significativa, que busque, sem demora, **Introdução à Semântica**, magistral contribuição do sábio polonês, Adam Schaff, edição recente da Editora Civilização Brasileira.

Ironia do processo de intercomunicação das culturas! Ao levantar pacientemente, num país tão remoto, o seu edifício doutrinário, nenhum pressentimento deve ter visitado Adam Schaff de que uma das consequências de suas vigílias seria desmontar, no Brasil, um embuste travestido de alta elucubração intelectual — o livro **Língua e Realidade**, do Sr. Vilém Flusser.

De fato, as teses diletas do professor de São Paulo estão cabalmente desmentidas, mais do que isso, pulverizadas em mais de um capítulo do trabalho referido, em especial num que se intitula “Linguagem e Realidade”!

Quando, há cerca de dois anos, encetei o estudo em profundidade de **Introdução à Semântica**, na tradução inglesa da Pergamon Press Book, logo me senti atraído pela amplitude de visão, o lastro informativo, a ponderação científica, o equilíbrio crítico demonstrados pelo pensador centro-europeu. Uma das suas características dominantes é a circunspeção, o trato no confronto das múltiplas perspectivas sob as quais pode ser enfocada a problemática semântica. Sente-se que o animo teorizante é de contínuo disciplinado por uma metodologia que, conquanto severa, se mostra o suficiente ductil, plástica para não permitir a diluição de nenhum momento fecundo da linha do argumento.

A tese mestra da obra pode condensar-se no seguinte: A linguagem, inseparavelmente vinculada ao pensar e executando com este uma única e mesma função, sobre a qual se baseia a natureza específica da cognição humana, forma-se no processo da experiência humana e é, em si, um fato empírico e não o produto de uma convenção arbitrária. (págs. 331 trad. inglesa / 324 trad. brasileira).

O autor não se cansa de alertar que o alvo de sua pesquisa não é a linguagem, nem tampouco o pensamento, mas o binómio linguagem-pensamento na sua correlação com os dados extralinguísticos — a estrutura da realidade.

Segundo ele, a linguagem-pensamento outorga um reflexo específico da realidade, sendo o desenvolvimento da primeira causado, quer na teoria quer na prática, tanto pelo evoluir da realidade quanto pela expansão da compreensão humana atinente a esta. (págs. 331 / 324)

Para postular a fusão, obtida dir-se-ia por solda autógena, de linguagem e pensamento, Adam Schaff abalança-se a uma crítica vertical das principais doutrinas semiológicas (teorias de sinais) até hoje propostas, para o que sujeita a análises cerpadas — um dos pontos altos da obra — sistemas do prestígio das semiologias de Husserl, de Peirce, Martinak, Bühler, Morris, não recuando diante do imperativo de indiciar contrabandos

“uma consciência prática, real, que existe tanto para outrem como para mim, encontrando a sua origem tão-só na carência, na necessidade de contato com outras pessoas”, o mestre de Varsóvia conclui que “a linguagem e os sinais desta desempenham as suas funções — de refletir a realidade, veicular informação sobre a mesma etc. — não mediante qualquer similaridade pictórica com a realidade, ou por ser um **analogon** da estrutura daquela, mas graças ao seu aspecto semântico, que coincide com o que se denomina o conteúdo do processo mental”. (págs. 333/325).

A vis analítica e o inconformismo do pensamento de Schaff fazem-se sentir ao longo do livro, em particular no concernente a dois pontos da maior relevância teórica. Refiro-me às teses da arbitrariedade do signo linguístico (Saussure) e do segundo sistema de sinalização (Pavlov).

Como se sabe o autor de **Cours de Linguistique Générale** admitiu quase como um axioma da ciência da linguagem a inexistência do mais ténue liame causal entre o **signo** e o **significante**. A associação dos mesmos resultaria de uma adjunção totalmente aleatória. Schaff, partindo da distinção sobremodo rica entre línguas naturais ou fônicas e línguas convencionais, põe em dúvida esse espontaneísmo, não bem no nível do signo, mas no do sistema. Suas idéias são concordantes com as de Rubinstein e Zvegintsev, os quais se colocam sob o ângulo de uma análise histórica, genética dos sinais verbais, e sustentam que estes têm “sua vida “social” independente de nós, sua história irrelacionada com nossas convenções e vinculam-se à natureza objetiva de nossa cognição”.

Grande foi o meu contentamento ao verificar, em conversa com Roman Jakobson, que ele também é partidário de uma revisão desse palpitante problema, com a postulação de um certo determinismo entre os dois pólos do campo semântico, embora esteado em razões que me parecem menores em confronto com os móveis postos em relêvo por Schaff e os linguistas acima.

Maior ainda foi a minha surpresa ante a enérgica rejeição, pelo nosso autor, do consagrado princípio pavloviano do “segundo sistema de sinalização”, que eu aprendera com o grande neurofisiologista francês, Chauchard, a ter por intangível.

Insurgindo-se contra a canonização, a fetichização do pensamento de Pavlov, que “está bem distante de poder identificar-se com o materialismo dialético”, Schaff lança-se a evidenciar a contradição básica que, no seu entender, invalida a doutrina ora focalizada, qual seja o emparelhar o signo (**Signal**) que, no processo de comunicação humana, é um produto semântico **par excellence**, imbuído de significação linguística, aos estímulos que desencadeiam nos animais os reflexos condicionados.

Ora, segundo a arguta crítica aqui compendiada, se é indubitável que o mecanicismo dos reflexos não-condicionados é o mesmo no homem e no animal, o dos reflexos condicionados, como tudo o mais que se relaciona com o homem, “é sempre condicionado **socialmente**”. E os reflexos condicionados que “se desenvolvem no homem, como resultado de certas influências externas, não são, em regra, formados **fora** da esfera de sua consciência, mas no interior dela. Eis a razão por que se trata, no

...e, correlatamente, antropológica, não incluída em distates como os que assoalham o dito livro. Alinharei apenas alguns, colhidos ao acaso.

"A realidade será o conjunto das línguas." (P. 39)

"As categorias kantianas, longe de serem 'categorias do conhecimento per si' (sic), são, no fundo, as categorias da língua alemã." (Ibidem)

"A estrutura da realidade é categoricamente imposta pela língua flexional sobre nosso intelecto. [...] A filosofia ocidental pode ser, pois, encarada como pesquisa mais ou menos inconsciente da estrutura das línguas flexionais." (P. 59)

"O sistema categorial aristotélico é resultado da análise da gramática grega." (P. 84)

"A combinação entre idealismo e empirismo, tão típica da filosofia inglesa, pode ser compreendida como tentativa de conciliar os verbos *shall* e *will* de um lado e o verbo *do* de outro lado". (pág. 90)

"Os símbolos matemáticos não significam substâncias, mas substantivos de alguma língua flexional. Para significar substâncias, precisam ser traduzidos para substantivos de alguma língua. No curso dessa tradução readquirem sexo. A matemática revela-se, neste contexto, como sendo uma espécie de taquigrafia, na qual foi omitido, entre outras coisas, o sexo. Para ser lida (isto é, compreendida), entretanto, a matemática precisa ser retranscrita na grafia original, na qual o sexo (e todas as outras coisas ontologicamente incômodas) reaparece". (pág. 111) — Pasmal, senhores cultores da ciência de Riemann e Hilbert!

"As relações entre os fenômenos são reais, porque formam pensamentos, frases. (...) A medida que a conversação se formava, surgia a natureza. **Portanto a natureza é uma consequência da conversação**". (pág. 217. Grifo do original).

Superlativamente impagável êsse modo de filosofar! Pelo menos o Sr. Flusser tem, a seu crédito, a prática da façanha de apresentar-se aos olhos do mundo como adepto de um solipsismo sem máscaras, desplante a que, quanto eu saiba, não se atreveu qualquer outro pensador idealista subjetivo contemporâneo. Já que tudo nos dias que correm se traduz em termos de superação de marcas, é um recorde olímpico de temeridade em matéria de convicção.

Não se precisaria mais do que umas pitadas de ciência desmistificada para desmantelar o castelo de arêa. Veja-se, por exemplo, o que diz Edward Sapir: "Não é absurdo assegurar que não há nada nas peculiaridades formais da língua hontote ou esquimó que possa obscurecer a clareza, ou velar a

claridade dos seus pensamentos. Logo o farsante se compenetrará da inani-
dade de quaisquer esforços com vistas a surpreender palavras
com núcleos de referência em estado puro, desbastadas de co-
notações formais, muito menos identificá-las com "órgão de um
pensamento". A lição que sobre o assunto prodigaliza Sapir (4)
é muito instrutiva para desafioitar quem quer que se aventure
no encaicho de elementos radicais extremes. Conquanto o vocá-
bulo mórfico seja uma realidade linguística iniludível, não cons-
titui um todo indecomponível, dicotomizando-se em formas mí-
nimas. A apreensão destas, através da análise mórfica, equa-
ciona-se com uma técnica sutil e plena de imprevistos, como
bem adverte J. Mattoso Camara Jr. (5). Foram mesmo cidades
similares que levaram os estudiosos a apurar com redobrado es-
mero os seus instrumentos esquadrinhadores, do que dão tes-
temunho a filosofia analítica inglesa, a radioscopia semântica
da escola de I. A. Richards, a heurística do "apêlo á linguagem
ordinária", tal como defendida por um Gilbert Ryle etc. A
embocadura por essa vertente acaba quase sempre por deman-
dar o estabelecimento de uma tipologia dos sinais e a explora-
ção dos vários estratos constitutivos da linguagem até descer-se
às suas matrizes.

Em que pese a tudo isso, o Sr. Flusser opta pela reificação
dos elementos da língua, desentranhando-os do seu tecido re-
lacional para atribuir-lhes os papéis mais estapafúrdios. Não se
trata bem de uma filosofia, mas de uma degenerescência meto-
nímica — uma violência retórica.

Onde, no entanto, "o angulo bovário" do Sr. Flusser se
aproxima "quase de 180°" (a *boutade* é de Aldous Huxley) é em
A História do Diabo (1966), que não afago o intuito sequer de
afloorar aqui.

Em qualquer parte do globo, o nosso autor, por divulgar tais
enormidades, teria sido pôsto de quarentena até fornecer pro-
vas de sua qualificação para abordar temas sérios, mas, neste
Eldorado, isso lhe atraiu renome, fê-lo oráculo de questões tran-
scendentes — da poesia concreta ao tropicalismo de Caetano Ve-
loso — e, sabe lá, assegurou-lhe o direito de representar o país
em congressos internacionais de filosofia! Brasil, reserva para-
disíaca! Éden incomparável para os mascateadores de miçangas
e espelhos! Não se desmanchou o próprio Sr. Leônidas He-
genberg, apóstolo da filosofia científica, em medidas diante do
iluminação, e não lhe entouo comovidos ditirambos?

Saiba, contudo, o leitor que o assunto mesmo do meu artigo
não são as caraminholas flusserianas, porém, o grande livro de
Adam Schaff, **Introdução á Semântica**, que acaba de ser lançado
entre nós, num *tour de force* da Editora Civilização Brasileira,
em competente tradução de Célia Neves. E que será focalizado
na parte conclusiva do presente trabalho.

REVISTA DA

O orgulhoso modesto: Jean Schlumberger

Apesar de lhe ter sido concedido há mais de dez anos o acadêmico e oficial Grand Prix de Literatura Francesa, morreu, um dia destes, quase esquecido e quase centenário Jean Schlumberger, escritor que com Gide, Copeau e Jacques Rivière fundou a "Nouvelle Revue Française", isto é, um dos responsáveis pelo reflorescimento da literatura de língua francesa no intervalo das duas guerras que liquidaram o predomínio da Europa. Participando das origens heróicas da NRF, Jean Schlumberger, sendo êle próprio um grande escritor da língua francesa, nem por isso escapou da ingratidão da posteridade imediata, pois Gide e Copeau é que abocanharam a glória da fundação comum. O que se deve imputar, mais do que às possíveis descaídas dos companheiros, ao traço característico de Schlumberger: orgulho na modestia, como pretende Jacques de Lacretelle, em artigo para **Le Figaro** (seleção semanal de 31 de outubro). O próprio Schlumberger define o traço, aplicando-o, é claro, não

a si mesmo, mas a certo aspecto do humanismo: "Fierté, puisque l'homme essaie de se suffire, de faire le meilleur travail possible avec les outils qui lui sont donnés; mais fierté modeste en ce sens qu'elle ne se propose pas de buts extravagants".

Mas não foi só na fundação da NRF que Schlumberger teve parte. O mesmo horror á facilidade e ao vulgar, fê-lo interessar-se pelo renascimento do teatro entregue então ao convencional realismo da dramaturgia de "boulevard", participando também das iniciativas do Vieux-Colombier, onde Copeau levou duas peças suas: "Le fils Louverné" e "La mort de Sparte". Contudo, é na sua obra literária que Schlumberger deu o melhor de si mesmo. No ensaio e no romance, alcançamos de velho tronco protestante (o escritor era bisneto de Guizot) professa uma ética de ascese na qual a vontade vence o instinto e prefere á inteligência. Mas, nesse puritano, não existe nenhum rigorismo ou severidade. Lacretelle atribui a liberdade de espírito de

Schlumberger não á sua formação protestante (não fosse Lacretelle católico e provavelmente "ci-devant") mas ao seu amor á literatura e á diversidade do seu talento literário. Tampouco, pretende Lacretelle, Schlumberger tinha os sedutores defeitos e facilidades da casta dos literatos. Sente-se que mesmo tendo de escrever sobre Schlumberger o acadêmico não se esquece do espectro de André Gide. Como estamos reduzidos a conjecturas sobre a personalidade de quem não chegamos a conhecer, pode-se bem imaginar que, no seu delicioso livro "Le lion devenu vieux", o próprio Schlumberger transfere para si mesmo a pergunta feita pelo Cardeal de Retz a um dos seus acompanhantes: "Comment, (...) n'estu pas effrayé devant ces jouvenceaux? Ne vois-tu pas qu'ils sont nos maitres, puisqu'ils sont la postérité?"

Seja como for, têm-se como qualidades características de Schlumberger o rigor e a lucidez. Desde o "Heureux qui comme Ulysse", curto romance publicado em 1906 pelos "Ca-

hiers de la Quinsaine" de P. Guy, refeito depois com o título de "L'Inquiete Paternité", até "Saint-Saturnin", que passpor ser a maior obra sua, os seus ensaios críticos, podem ser percebidos que esse escritor já semi-apagado em vida foi um engajado no sentido próprio. De fato, sempre foi presente nos combates literários e outros. Assim, o seu exemplo pode ser proveitoso para a nossa inquieta confraria.

*

Já no caso de Paul Moran de cuja eleição para a Academia o mesmo numero de **Le Figaro**, nos dá notícia, verdade é hoje menos confesavel. O escritor, bem representativo de um certo espírito cosmopolita e estilo parisiense que fez furor nos anos de colaboração, por necessidade profissional ou vocação irresistível (Morand é diplomata) e pouco inclinado ao heroísmo com o governo de Vichy. Mas isso já história antiga, sua presença "sous la coupe" ou a prova. Aos 80 anos, el

metafísicos, em especial o idealismo subjetivo (Lógicas). Isso pôsto, preconiza e efetua uma revisão dos fundamentos gerais da tipologia dos sinais, distribuídos agora segundo dois grupos — “sinais naturais” e “sinais artificiais”. Estes, por seu turno, hierarquizam-se em “sinais verbais” e “sinais propriamente ditos, de expressão derivativa”. Os últimos comportam ainda uma bifurcação dupla: “signos” (indessdobráveis) e “sinais substitutivos” que se dicotomizam em “sinais substitutivos *sensu stricto*” e “símbolos”.

A decisiva e incomum inovação em tal chave classificatória é a atribuição, aos sinais verbais, do caráter privilegiado de não “brilharem com luz reflexa”, em virtude da singularidade de “transparência ao significado”. Entenda-se, pois, que, em contraste com todos os outros sinais de expressão derivativa, cuja forma material é apreendida como algo autônomo, os sinais verbais coincidem tão completamente com o significado respectivo que, salvo nos casos de percepção anômala, não nos damos conta de sua existência como um dado empírico. A razão é que “eles não têm nada por trás de si”, não se baseiam em significados de qualquer outra língua, visto como o pensamento e a linguagem formam um todo orgânico, discreto, indivisível. Nos próprios termos de Schaff: “Não há pensar nem linguagem que existam separadamente, há apenas pensar-linguagem. De mesmo modo, não há existência autônoma do conceito, nem tampouco de sinal, há tão-só conceito-e-sinal verbal”. (págs. 198/197 E mais adiante: “É precisamente esta unidade específica do pensar-linguagem que origina a “transparência ao significado” da parte dos sinais verbais. Eles são significado, muito embora não se esgotem na significação. / ... / São, ademais, um som, o fenômeno material que consiste em vibrações das ondas aéreas, sem as quais não haveria nem sinal nem comunicação — se nos dispusermos a rejeitar cognição “pura” e “direta”. (Ibidem).

Despidos os sinais verbais e a teoria da significação de laivos subjetivistas, metafísicos — intuição, intencionalidade, objetividade real ou ideal — Schaff fica em situação privilegiada para postular uma doutrina da comunicação que leva sobre as demais a vantagem de reabilitar a filosofia da linguagem como um instrumento de interpretação e transformação da realidade, resultantemente de instauração de valores humanos. Após vibrar golpes fatais na concepção de “pictórica”, “cartográfica” da linguagem (“A estrutura de um enunciado é idêntica à estrutura da realidade” — Wittgenstein), bem como na sua inteligência como um jogo arbitrário, os sinais verbais equacionados com fichas, e inspirando-se na célebre formulação de Marx, constante da *Ideologia Alemã*, de que a linguagem é

caso verdadeiro de um fenómeno que intere apenas para os reflexos no animal”. (págs. 198/197)

Introdução à Semântica, porém, não se faz credor de nossa admiração somente pelas soluções dadas aos momentosos problemas antes tangenciados — o que por si só lhe asseguraria a condição de grande livro. Quem quer que aspire orientar-se no cipoal da filosofia semântica contemporânea — o positivismo lógico, o neo-empiricismo, a “semântica geral” de Korzybski, o “círculo de Viena”, o *Tractatus*, de Wittgenstein, o grupo da Universidade de Chicago, a escola polonesa — encontrará no esplêndido balanço introdutório, que é, ao mesmo tempo, penetrante crítica sob um prisma materialista dialético, algo como um jorro de luz numa floresta impérvia. Para mim, que venho há anos respigando esta leiva pedregosa, o encontro com a extraordinária obra constituiu um marco no meu mourejar intelectual.

O malôgro dos esforços do sr. Flusser para provar que a “língua cria a realidade” se pode agora atribuir a uma cilada que o diabo lhe armou, insuflando a sua soberba a tal ponto que não atentou para a advertência famosa: “Um dos problemas mais difíceis para os filósofos é descer do mundo do pensamento para o mundo real. A realidade imediata do pensamento é a **linguagem**. / ... / Nisto reside o segredo da linguagem filosófica, isto é, que os pensamentos encerram, como palavras, um conteúdo próprio. O problema de descer do mundo dos pensamentos para o mundo real se converte, assim no problema de descer da linguagem à vida”. (K. Marx).

Agora, a razão derradeira por que ficamos de lado de Adam Schaff e já esquecemos o sr. Flusser:

Schaff é bem um membro do “sindicato dos trabalhadores da prova”, que zela intransigentemente pelas conquistas dos peritos da “cidade científica”, na bela expressão de Gaston Bachelard.

1) Cf. *Logic Without Metaphysics*, pág. 198.

2) Cf. *Linguística como Ciência*, pág. 35 (Trad. de J. Mattoso Camara Jr).

3) Cf. *A Linguagem — Introdução ao Estudo da Fala* pág. 215.

(Trad. de J. Mattoso Camara Jr).

4) *A Linguagem*, págs. 37 seqq.

5) Cf. *Princípios de Linguística Geral*, 4.a edição, pág. 96.

AS REVISTAS

ger. Paul Morand, acadêmico (*Le Figaro*).

to afinal para a Academia o prazer da imortalidade é muito menor, como diz ele ao reporter. Mas existe. Morand é um octogenário lépido que responde às perguntas comuns com graça mas com cuidado. Conheceu o mundo inteiro o que se pode notar na sua obra literária, a qual se situa entre as coordenadas da vivacidade e da inconsequência.

Em todo caso, é a jornalista que se espanta ao ouvir esse escritor com fama de ligeireza e futilidade dizer-lhe em tom pessimista: “Sempre na vida cheguei no fim de um mundo: o fim dos estudos clássicos, o fim do serviço militar de dois anos, o fim da literatura de análise, o fim do capitalismo, o fim do padrão ouro, o fim das democracias. Cheguei sempre e em toda a parte no momento em que o baile acabava”. Será uma frase de efeito apenas, mas não deixa de ser verdade.

E’ pena que o último livro de Paul Morand só tenha sido lançado em Paris no dia 7 de

novembro corrente. Pois “*Cigit Sophie-Dorothee de Celle*”, é a historia romanesca das origens da atual casa reinante da Inglaterra, que, sabe-se, de Hannover passou a Windsor. Espôsa daquele que se tornaria Jorge I, era francesa e tanto um como outro não entendiam uma só palavra de inglês. Acontece que a princesa teve vida venturosa. Acabou mal: reclusa durante 33 anos, por ter amado Koenigsmark, informa Paul Morand.

Pode-se imaginar o manancial de “gaffes” que motivaria a leitura do livro de Morand caso fôsse conhecido no Brasil por ocasião da visita de “Our Gracious Queen”.

REVISTAS RECEBIDAS

Revista da Academia Paulista de Letras — Atualmente sob a direção de Leão Machado e de uma comissão composta de Cassiano Ricardo, Leo Vaz e Menotti del Pichia, a revista tem no seu ultimo numero o seguinte sumário: “Cassiano Ricardo, poeta e prosador”, de Nereu Corrêa;

“A ética de Shakespeare (como ela se manifesta nas canções de Ofélia”, de Romy Fink; “A vida e a obra de Silvio de Almeida”, de Aureliano Leite; “Dois oradores do juri”, de Francisco Pati; “Brasílio Machado”, de J. P. Leite Cordeiro; “O espirito dos 400 anos”, de César Salgado; Discursos na posse de Francisco Marins, proferidos por este e por Lourenço Filho; e uma secção de noticiário.

Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca. O numero inicial do órgão dessa Faculdade tem o seguinte sumário: “Genética e educação”, de Aureliano Coimbra Filho; “Atitudes líricas num poema de Catulo”, de Valeriano Gomes do Nascimento; “A cultura progressiva dos docentes”, de Eticar Kuhn; “Presença de Mouros e Cristãos nas congadas brasileiras”, de Alfredo João Rabaçal; “Balzac”, de Mére Saint-Paul; “Da elaboração de monografia”, de Maria Dagmar Bittencourt; “The teaching of English as foreign language”, de

Maria Helena B. Machado de Assis; “Technique d’étude des sédiments”, de Jean L. Dulemba; e uma seção de Bibliografia.

Vozes. O numero de novembro é dedicado, em maior parte, ao problema suscitado pela Encíclica de Paulo VI “*Humanae Vitae*”, e contém a seguinte matéria: “O amor em Theilhard de Chardin”, de Armando Trevisan; “A concepção personalista do matrimônio e a *Humanae Vitae*”, de padre Beni dos Santos; “A encíclica *Humanae Vitae*: análise dos argumentos”, de Dom Pedro Paulo Koop e outros; “H. V.: Uma questão de antropologia”, de Francisco B. de Sousa Neto; “Perspectivas de sobrevivência nas famílias grandes e pequenas; “Problemas de linguística descritiva”, de Joaquim M. da Camara; além da secção *Idéias e Fatos da Bibliografia*, insere a revista o *Caderno da AEC*.

Livio Xavier

GAZETILHA LITERÁRIA

«A HISTÓRIA DO DIABO»

Há livros, entre os numerosos que nos chegam às mãos, realmente difíceis de comentar e até mesmo de informar sobre eles. Primeiro não se filiam a nenhum gênero conhecido, nem ensaio, nem romance, nem poesia, nem teatro, nem oratória, nem memórias; segundo, são escritos de maneira a não elucidar o leitor sobre as finalidades e objetivos, ou melhor sobre a sua razão de ser. E quando o autor procura explicar isso, a coisa torna-se confusa pois a explicação não corresponde ao verdadeiro sentido ou sem-sentido do texto.

Um livro assim é este «A História do Diabo» de Vilém Flusser (Editora Martins). O título não corresponde ao texto, pois nele não se conta realmente a história do diabo, como anuncia, há muitos anos, o nosso Luiz Santa Cruz, nem se tenta mesmo fazê-lo. O autor procura explicar dizendo que «a expressão «história do diabo» tem, etimologicamente vista, raízes profundas», e por aí vai, sem nunca chegar a explicar por que o seu livro não tem nada a ver com a «história do diabo». Na «orelha» que apresenta o volume, fala-se em muita coisa, inclusive na terrível situação do mundo, e na crise social que atravessamos e diz que este livro «é a tentativa de romper os fios da teia, pela qual a situação prende a mente, e alcança, neste gesto de arrepio e recolhimento, uma visão da situação que nos cerca». O que isto tem a ver com a história do diabo é o que não chegamos a compreender.

Deparamos, então, com o texto, 216 páginas compactas. E nada encontramos o que possa parecer com a história do diabo, ou a sua conceituação, ou a sua interpretação teológica, ou a sua compreensão filosófica, como insinua o título; nem encontramos nada parecido com um ensaio sociológico ou um estudo da sociedade e a sua crise moderna, como insinua a «orelha». No prefácio, afinal, o autor abre uma clareira ao leitor, e diz que seu livro é de meditações, resultado, em grande parte do diálogo com pessoas e livros. Sem mencionar os livros menciona as pessoas, entre as quais Guimarães Rosa, Vicente Ferreira da Silva, Anatol Rosenfeld, Alexandre Bloch e Helmut Wolff, e um grupo de rapazes e moças amigos de sua filha. Realmente o livro é de meditações algo confusas, e não o que insinua a capa ou o que diz a «orelha». E expõe meditações como essas, abrindo grandes capítulos: «A sociedade é o lodo primordial da realidade. E o fundo do qual as nossas mentes brotam»; «A inveja e a avare-

za são os métodos do diabo de criar o paraíso da sociedade»; «A vontade é a aranha que secreta de si a teia da língua»; «Todo verso que se projeta do intelecto do poeta é manifestação concreta da vontade»; «Falamos no início deste capítulo em tenazes da vontade que quebram a casca da ilusão para pôr a nu o carôço»; «A torre de marfim, no qual o espectro da mente habita, consiste de degraus da lógica, ricamente ornamentados e cobertos de sininhos de prata que badalam eticamente». Bem, como amostra, é o bastante.

«FRONTEIRAS DO CINEMA»

Hoje, na Galeria Goeldi, em Ipanema, a editora Tempo Brasileiro estará promovendo, às 21 horas, uma noite de autógrafos com vários autores seus editados, entre os quais Valter da Silveira, Adonias Filho e Eduardo Portella.

Valter da Silveira conhecido poeta e crítico cinematográfico baiano, que há mais de 30 anos estuda a sétima arte, lançará na oportunidade seu livro «Fronteiras do Cinema», série de ensaios sobre temas e figuras universais, e mais sobre o método crítico, papel da máquina de filmar como instrumento de humanismo, espaço e tempo no cinematocópio, o filme shakespeariano, o cómico, literatura e cinema, Felini, Antonioni, Bergman, Tati, Cocteau, etc.

NOTÍCIAS

- ★ José Alvaro Editor acaba de publicar o novo livro de poemas de Marcos Konder Reis, «O Muro Amarelo».
- ★ Está fazendo sucesso o segundo livro de memórias de Afonso Arinos de Melo Franco, «A Escalada», que fala de alguns dos acontecimentos políticos culminantes dos últimos dez anos.
- ★ Grande sucesso no Brasil, repetindo o êxito no estrangeiro, do livro de memórias de Charlie Chaplin, «História de Minha Vida».
- ★ Enderêço para envio de livros e informações: Rua Capistrano de Abreu, 16 — Botafogo — GB — ZC — 02.
- ★ Hoje, às 18 horas, no Museu de Arte Moderna, o «Jornal de Letras» e a Esso Brasileira de Petróleo lançam as bases do Prêmio Esso de Literatura para universitários, que ambas patrocinam.

CARNAVAL CARIOCA...

Com ilustrações de Poty O., Martins Gomes publica pela Livraria Eldorado Editora, o livro «Carnaval Carioca... e outros flagrantes do Rio», um roteiro em versos da maior festa brasileira e maior carnaval do mundo, publicação que se faz como contribuição ao IV Centenário da Cidade.

Obra inspirada na alegria e no espírito folgado do carioca e toda ela em inspirados versos que mostram em seus aspectos pittorescos, folclóricos e de exsão dos instintos, o carnaval carioca desde o século passado até os dias presentes. Isso tudo ilustrado com dez desenhos de Poty e apresentado por Tasso da Silveira, que diz na «orelha»: «Agora, oferecemos no presente volume, cerca de vinte cantos panorâmicos do Rio de Janeiro histórico e do Rio de Janeiro do maior carnaval do mundo, todos da mesma engenhosa lavratura de Gotabang», embora sem a flagrante originalidade desse poema. É claro: o livro agora põe em jogo temas de que muitos se têm servido, principalmente na oportunidade do IV Centenário, ao passo que naquele o tema nativo constituía vivência profunda do poeta comovido.

ESTUDOS FILOSÓFICOS

Recebemos de Florianópolis, S. Catarina, o livro de Evaldo Pauli, «Primeiras Luzes do Pensamento» — Crítica Fenomenológica do Conhecimento», um ensaio filosófico. Seu autor, professor de História da Filosofia em Santa Catarina, já publicou outras obras filosóficas, tais como: «Que é pensar?», «Primeiras luzes do pensamento», «Atrás das aparências sobre realismo e idealismo» «Estética geral», «Tratado do Belo», «Filosofia Geral da Arte», «Estética Literária», «Estética Musical», «Estética da Pintura» e «Estética das Formas».

Colóquio, Dez 1965

RESENHAS

A HISTÓRIA DO DIABO (Vilém Flusser) — Editora Martins, 1965

VILÉM Flusser é uma figura que vem se projetando no cenário intelectual brasileiro com intensidade crescente. Sua influência já se estende a numerosos grupos que com êle se empenham em discussões filosóficas, em "brigas cérebrotônicas", onde o "humor" é de tonalidade grave, e a gravidade não raro é humorística. Dêsses embates e debates resulta, entretanto, um clima de sinceridade e de porfia autêntica, embora o A. declare peremptoriamente, num dos capítulos da "História do Diabo", ser o suicídio a única solução **honest**a para aqueles que, atingidos pela "tristeza do coração", pervagam através dos corredores labirínticos da Torre de Marfim da Filosofia. Os surrealistas, bem antes do prof. Flusser, já discutiram o suicídio como um dos mais candentes problemas filosóficos. Foram, porém, mais pessimistas do que o A. da "História do Diabo". Porque chegaram à conclusão de que nem mesmo o suicídio é autêntico, porquanto aquele que mata não é o mesmo que aquele que morre.

Não foi arbitrariamente que fixei o ponto de arranque destas breves considerações a partir de um dos capítulos finais do livro em questão. Trata-se, afinal de contas, de uma "Invitation au voyage" e mesmo sendo esta tentadora e pitoresca, em sua qualidade de **viagem** é uma prospecção, um desejo de "chegar", ainda que a um pôrto impossível. Mas antes de ser uma "Invitation", o livro de Vilém Flusser é uma "Saison en enfer", e segundo me parece, nisto reside sua autentificação (fujo à palavra autenticidade, não só por se ter degradado pelo uso abusivo, mas principalmente porque supõe uma aferição de veracidade, possível apenas em coordenadas subjetivas, e dificilmente comunicável).

A "História do Diabo" articula-se e desarticula-se em parágrafos "à maneira de" Wittgenstein, mas cada número (o próprio autor nos elucida a respeito) se distorce numa gargalhada mefistofélica. "O argumento do livro é acompanhado, em surdina, pelos acordes da filosofia existencial". Neste ponto discordo inteiramente do autor, embora tôda dança implique, quase necessariamente, uma música. Não estou brincando, embora o tom do A. permita freqüentemente esta atitude, um tanto leve e lúdica. Em linguagem conspiciamente filosófica, diria que o livro de Vilém Flusser é possessamente existencial, no sentido de que, longe de uma fria e preconcebida atitude metodologicamente existencial, o A. é arrastado pela detestada "hybris" do pensamento, forma culminante da luxúria, rumo ao... Nada. O Diabo e o Tempo são, desde o início do livro, identificados como o mesmo processo explosivo

para fora da "realidade divina", fundantes dessa misteriosa "irrealidade" onde se desenrola a patética travessia do "homo viator". Diabo e Vida para o A. significam o mesmo, da mesma forma que no budismo, segundo o qual, Mara (o Demônio), é a própria vida e suas artimanhas. Várias vezes Flusser aborda esta concepção negativista da Vida como o Véu de Maya, teia pegajosa e nojenta, instrumento do Demônio, e, mais do que isto, seu campo de operação, onde se emaranham as mósca humanas, prêsas a um ou vários fios dos sete pecados capitais. Entretanto, o pecado fundamental, mais grave que a luxúria do pensamento, que a ira da Ciência, que a gula da Técnica, que a Inveja e avareza do "engagement" político-social, que a soberba da Arte e que a preguiça ou "tristeza do coração" do empenho filosófico é a teimosia de viver e entusiasmar-se pela vida, é a teimosia do **sim** nietzscheano diante do **não** de muitos (compreendendo o não da vida banal, assim como o de todos os pregadores da morte), é o pecado da esperança de que um quarto escuro (nossa mente) não signifique "absurdidade", osmose sorrateira de Deus e do Diabo.

Vilém Flusser termina seu livro fascinante e tenebroso, rico de numerosas sementes para muita ruminação especulativa, e que apenas abordei sob alguns aspectos, mais como interlocutora do que como crítica autorizada tangendo nas páginas finais o diabo em direção a outros campos de caça, dando-nos entretanto a impressão de que na luta com o Anjo, não sabe se ganhou ou perdeu. Essa é a minha versão ao ouvir soar o gongo de bronze da pág. 213. Não, não é o nosso coração dilacerado que serve de "ring" para os dois lutadores, Deus e o Diabo. Fugindo à "tentação" de psicologizar êsse desfêcho agônico e irresolutivo, eu diria, à sombra de Kierkegaard, que o sentimento da "absurdidade" é o contragolpe da carência de fé, mas que a fé também é "absurdidade" — com a diferença que, através dela, superamos irônica-mente nossa ignorância, transformando-nos no próprio riso.

Dora Mariana

MANUEL DA COSTA ATAÍDE, DOIS LIVROS (1)

É impressionante constatar a desproporção que existe entre o alto nível da criação pictórica de Manuel da Costa Ataíde e a indiferença do público para com suas obras. A não ser reduzido número de historiadores e artistas, particularmente interessados no grande surto de civilização, arte e cultura que eclodiu nas minas do século XVIII, o mestre de Mariana não passa de um nome, raramente ouvido e mais dificilmente lembrado.

Confirmação de quanto dissemos é o fato que, em 1962, ocorrendo o Segundo Centenário do nascimento do pintor, as manifestações em sua home-

CONTO

O ROSTO do Afogado

Anisio de Abreu

Quase desfaleceu... Agar-se, no entanto, ao talo de buriti, como se segurasse a própria vida que lhe quisesse fugir. Dominam-no a comoção, o espanto, o pavor. O rio das vadiagens parecia-lhe agora estranho, tórvo, traiçoeiro. Aos raios do sol da tarde que tombava, as águas barrentas se lhe afiguravam cór-de-sangue. Chorava, enquanto era corregado pelo caudal. A cada passo, em cada borbulha, em cada espuma, imagina surgir à sua frente o semblante do amigo, o rosto do afogado. Boiam-lhe na memória cantigas e lendas ouvidas há muito tempo... a Iara, o cabeça-de-cua, os fantasmas do rio. Lembra-se de antigos conselhos, advertências dos mais velhos... "menino, cuidado, a água não tem cabelos..." Indelével, nitidamente, persiste-lhe a tragédia há instantes vivida...

Estava no canal, abaixo das coroas. "Ninguém por perto a quem pedir socorro... Meu Deus, como é forte e correntez... o rio, fundo e largo". Tremia reclinado sobre o buriti em que flutuava. Pouco adiante, o amigo, sem um arrinc sequer; mal sabendo nadar, debatia-se em ânsias, o terror estampado no rosto lívido e contraído. Mais uma braçada e talvez o salvasse. Em um forte arreméco tenta aproximar-se. Embalada, porém; o buriti escorrega-lhe das pernas, quase se escapando. Nada pode fazer. Sente-se desanimar... "Nem um tronco, um cipó, um talo de palmeira. Se ao menos os companheiros estivessem mais perto, bastaria uma corda..." No entanto, do último banco de areia, a mais de cem metros de distância, a tudo presenciavam, inermes e assombrados.

A energia presta a exaurir-se. apavorado, aflito, o amigo aos poucos vai cedendo. O rio, como que abria fauces enormes, procurando tragá-lo, puxá-lo para o seio das entranhas misteriosas. Repentinamente, desaparece. Toca, entretanto, o fundo do leito; um impulso instintivo e assoma à superfície, olhos esbugalhados, na asfixia que começa. Abre os braços, num esforço inaudito. Debalde quer gritar, chamá-lo. Entre os paroxismos, o líquido em borbotões penetra-lhe as narinas e a boca, desmesuradamente aberta. De novo é encoberto pela corrente. Demora-se mais dessa feita. Não obstante, retorna ainda à tona, estertorando, convulso, desesperado, agora muito abaixo e longe. A corrente continua a arrastá-lo mais e

A HISTÓRIA DO DIABO

Sebastião G. Assumpção

Este novo livro do Professor Vilém Flusser além de ser uma obra de pensador maduro está vasada num estilo que é não só gracioso quanto extremamente acessível. É verdade que a transposição do pensamento filosófico para a linguagem corrente e estilizada é tão problemática para o leitor quanto sua exposição em linguagem formal e especializada, mas sempre nos deixa a impressão de penetrar as sutilezas do pensamento. Ortega y Gasset é, nesse sentido, tão inacessível quanto Heidegger à mente desprevenida do leitor, isto porque só a vivência ou só a convivência demorada com as questões filosóficas permite sua penetração. A filosofia, de resto, é como tudo mais; habituemo-nos a conhecer a casa ou a rua onde moramos durante muito tempo os amigos com quem convivemos os objetos que nos cercam, enfim, de que gostamos, pela convivência. No conhecimento filosófico há também esse ajustamento da consciência habituada à solidez do mundo cotidiano ao mundo quase impalpável das imagens abstratas.

A tese básica de seu primeiro livro, ou pelo menos de seu primeiro livro publicado no Brasil, «Língua e Realidade» é formalmente irrespondível justamente porque só podemos pensar a partir de uma língua previamente estruturada e quando tentamos imaginar a maneira por que foi estruturada, estamos ainda enredados nas malhas de sua estrutura e no círculo vicioso consequente. É verdade, como dissemos, que o argumento é tecnicamente irrespondível, mas nós, pessoalmente, acreditamos na existência de outras linguagens, de linguagens pré-simbólicas; o comportamento é uma dessas linguagens. Não nos referimos à linguagem científica do comportamento. Referimo-nos, ou melhor, afirmamos que o complexo da conduta é uma linguagem. Nessa ordem de coisas, a mão do viajante que acena o adeus, o bracejar desesperado do naufrago ou os movimentos espasmódicos do animal que se contorce de dor são uma linguagem. Todo o chamado mundo sensível se nos afigura uma linguagem cifrada, uma linguagem pré-verbal. Mas isto pouco importa, pois pode ser falta de humildade nossa essa teimosia de manter pontos de vista.

O professor Vilém Flusser, sendo um apaixonado do problema lingüístico, escreveu todo o seu livro num esforço de tradução; é quase como se conseguisse romper as barreiras da linguagem, fazê-las explodir em mil pedacinhos na

gens não lingüísticas. E nesse esforço ele nos traduz a linguagem da magia, a linguagem popular e outras linguagens para a linguagem da filosofia. Basicamente, traduz ele a linguagem das tradições religiosas ocidentais para a linguagem da ciência. E não tenham dúvida de que o seu trabalho nesse sentido é perfeito: quando ele dá à ciência a designação de ira não está tentando divertir o leitor para poupá-lo de seu esforço de leitura. A ciência é ódio, de fato. O desejo de modificar o mundo para adaptá-lo a nossas conveniências é ódio. O espírito oriental dirigiu-se contrariamente a esse sentimento de ódio e daí, talvez, como ele mesmo acentua no livro, sua mentalidade preguiçosa, já que o homem oriental pretendia, pelo menos até algumas décadas atrás, adaptar-se à natureza. O sentimento preponderante no homem em relação à natureza era, no oriente, portanto, o de submissão, de medo; entre nós tem sido o de exasperação, de ódio. Mas isto em aparência, apenas, porque na verdade poderemos afirmar que no ocidente o homem pretende alterar a natureza? Não será preciso, antes, definir o que é natureza? O homem produz coisas intencionalmente e a natureza as produz espontaneamente, pelo menos em aparência. O universo é essencialmente ontológico e a natureza é uma manufatura. A natureza fez o homem e o homem fez o automóvel. É para essa diferença que tentamos assinalar quando empregamos termos como «artificiais». Acontece, todavia, que a natureza fez o homem, mas o homem também é natureza, e se o homem é natureza, o automóvel, nesse sentido, também o é.

Este emprêgo da palavra ira é apenas um exemplo de seu esforço tradutor, que não fica aí. Há uma tradução constante de vocábulos daqui para ali e dali para aqui. Nem mesmo as velhas tradições orientais são poupadas. Advirta-se, não obstante, que o livro não é uma babel. Muito ao contrário, é um trabalho que impele lentamente o leitor a um enriquecimento, uma revalorização de seu mundo lingüístico, pois a obra é uma aplicação prática de sua tese de que a tradução freqüente das linguagens pode nos libertar das algemas da língua. Outro exemplo de preocupação lingüística é sua definição de conversa fiada. Diz-nos ele que a conversa fiada é formada pelos detritos da conversação verdadeira. Na verdade, a palavra é percepção coagulada e com o tempo desvincula-se da vivência de sua origem. A vivência não lingüística. E nesse esforço ele nos traduz a linguagem da magia, a linguagem popular e outras linguagens para a linguagem da filosofia. Basicamente, traduz ele a linguagem das tradições religiosas ocidentais para a linguagem da ciência. E não tenham dúvida de que o seu trabalho nesse sentido é perfeito: quando ele dá à ciência a designação de ira não está tentando divertir o leitor para poupá-lo de seu esforço de leitura. A ciência é ódio, de fato. O desejo de modificar o mundo para adaptá-lo a nossas conveniências é ódio. O espírito oriental dirigiu-se contrariamente a esse sentimento de ódio e daí, talvez, como ele mesmo acentua no livro, sua mentalidade preguiçosa, já que o homem oriental pretendia, pelo menos até algumas décadas atrás, adaptar-se à natureza. O sentimento preponderante no homem em relação à natureza era, no oriente, portanto, o de submissão, de medo; entre nós tem sido o de exasperação, de ódio. Mas isto em aparência, apenas, porque na verdade poderemos afirmar que no ocidente o homem pretende alterar a natureza? Não será preciso, antes, definir o que é natureza? O homem produz coisas intencionalmente e a natureza as produz espontaneamente, pelo menos em aparência. O universo é essencialmente ontológico e a natureza é uma manufatura. A natureza fez o homem e o homem fez o automóvel. É para essa diferença que tentamos assinalar quando empregamos termos como «artificiais». Acontece, todavia, que a natureza fez o homem, mas o homem também é natureza, e se o homem é natureza, o automóvel, nesse sentido, também o é.

xa de ser consciência para ser utensílio.

Em suas linhas gerais, o livro é uma visão global, ainda que sintética, do mundo conhecido, mas a perspectiva pela qual nos descreve os fatos é histórica. É o desenrolar histórico-fenomenal do mundo. É, em suma, a história do diabo, no sentido bíblico, pois o diabo é o príncipe do mundo. E para o leitor que queira se poupar do trabalho de reconstruí-lo com os ingredientes fornecidos pelas diversas ciências, encontrará no livro uma imagem pronta que tem a extraordinária virtude de não ser dogmática, e assim poderá entregar-se, em seus ócios, à atividade reflexiva. Tudo está relatado no livro: as peripécias da física, da química, da biologia, da psicologia, da sociologia. Mas não é tudo, ainda; há no livro observações inteligentes e agudíssimas; há outras irônicas como aquela em que indaga se não acabará o homem sendo subjugado pelos próprios instrumentos que fabrica e, em consequência, posto a seu serviço? Levado ainda talvez pelo gosto da ironia, argumenta que todos os seres superiores na escala biológica acabam por exterminar os seus inferiores, salvo aqueles casos em que os menos evoluídos se tornam úteis e são domesticados, como é o caso do cavalo relativamente ao homem.

Discordamos, muito a contragosto, do professor Flusser porque o admiramos, mas discordamos porque entendemos que o verbo está no princípio. Para nós o verbo está na árvore, no peixe, na estrela, muito antes da expressão formuladas.

Estranhamente no fim do livro, para desencanto do leitor, o professor Vilém Flusser nos fala de morte, mas não nos diz se essa morte de que fala é uma nova vida; se estamos, de fato, maduros para um novo salto: o salto da filosofia para o misticismo. Não o misticismo formal das crenças fanáticas, das dissensões, mas o salto para o misticismo feito daquela sabedoria serena e sobreumana que a eternidade dos livros sagrados nos atesta. Esse final do livro é como a saciedade. Surpreende: é como se o espírito do autor atingisse seus objetivos e, saciado, relaxasse.

Não tenha susto o leitor, entretanto, por ouvir falar de filosofia. A História do Diabo está longe de ser uma obra maçante ou abstrusa, dessas que a palavra filosofia geralmente evoca. É um livro absorvente e capaz de empoeirar

mais, Some, afinal, e quanto reaparece, pela vez derradeira, aponta vagarosamente. Já não era impulsionado pelas próprias forças. Haviam-no abandonado. Ainda algumas borbulhas... e as águas cobrem-no então para sempre.

A custo conseguiu conter-se ante o desenlace fatídico. Ao sabor da correnteza, ao léu, desgovernado, é conduzido para longe. Nem sabe por quanto tempo. Brota-lhe, indizível, a sensação de que ainda não nascera. É apenas um feto a se agitar no ventre materno... Sómente se apercebe quando os pés tocam na lama. Encontrava-se rodeado por um capinzal. Reanimava-se. Levanta-se, tenta caminhar. As pernas, trôpegas, não o atendem. Sofre de câibras, tremores, um frio intenso. E finalmente tudo fica escuro em derredor.

*

Quando pensou abrir os olhos, no delírio da febre, não sabia onde estava. Enredado entre as malhas de uma imensa rede de pescar, esforçava-se em vão por libertar-se. Alguém, que a princípio não distinguira, procurava atraí-lo. A rede se fechava, formando como um funil, ate restar, no alto, apenas um buraco, e nele, a espia-lo, o rosto livido do afogado. "Por que o fixava tão insistentemente?... Parecia implorar alguma coisa impossível de compreender"... Súbito, o rosto se transforma numa bola semitransparente, a vaguear imersa na penumbra. Desdobra-se depois em duas, três, dezenas de bolas, como se fossem bôlhas de sabão. Em todas, espelhada a mesma face livida do morto, sempre a espia-lo. Dado momento, as bôlhas começam a zumbir... E já não são bôlhas, são grandes môscas verdes, miríades de môscas verdes, que vão e vêm, ora mais longe, ora bem perto. Esvoaçando-lhe em tôrno da cabeça, demoram por alguns tempo impertinentes. Enfim o abandono, afastam-se e pousam sobre algo irreconhecível boiando na obscuridade.

"Quem seriam esses meninos, admirados a contemplar o corpo que flutua?... Ah!..." Reconheceu-se a si próprio entre as crianças. A margem de um enorme régo a enxurrada ia levando o cadáver de um menino, talvez uns treze anos. Concentra o olhar, porém não logra divisar as feições. O corpo diminuindo, diminuindo, inexplicavelmente torna-se uma pequena canoa de papel. Os meninos, ele próprio, consideraram natural a metamorfose. De súbito, disse-lhe que o barquinho ia entrar por um escuro túnel. Nesse instante uma das crianças o encara. Desagradável a sensação: o menino fitava-o com repugnância. Idêntica expressão estampa-se na fisionomia dos demais. De enôfre e a um só tempo, todos se sobressaltam; espavoridos, recuam, fogem para longe, dele esvaindo-se nas trevas.

No local em que se ocultam vão surgindo pontos, luminosos. A princípio pequenos, crescem tal qual chamas de

"UMA CIDADE NO TRÓPICO"

Octávio de Faria

Na brilhante série de edições e reedições comemorativas do IV Centenário da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, minha preferência, tôda particular, incide numa segunda edição de um livro publicado há vários anos: "Uma Cidade Nos Trópicos — São Sebastião do Rio de Janeiro", de Miran de Barros Latif (Livraria Agir Editora, 1965). Sei bem: muitos outros ensaios foram publicados ou republicados. E não li todos eles. Mas, dos que conheço, é indiscutivelmente este estudo que data de algum tempo, o que melhor icéia me parece transmitir da "evolução" total da cidade.

Pelo menos, nenhum outro "retrato progressivo" (se assim se pode dizer) oferece, tão viva e sensível, a fisionomia evolutiva da cidade, desde a época de sua fundação e primeiras décadas de existência até os últimos períodos de violento desenvolvimento e transformação, a que tão de perto assistimos e de que gravamos imagens tão impressionantemente quentes.

Não discuto que outros livros, como "Aparências do Rio de Janeiro", de Gasão Cruls (de que ainda este ano a Livraria José Olympio Editora nos deu uma 3a. edição,

velas que se aproximassem na escuridão. As trevas, liquefazendo-se, transmutam-se nas águas de um largo rio. As velas andam em círculo, iluminando na periferia inúmeras canoas. Alguém põe-se de pé à borda de uma das embarcações. Salta fora, mergulha, procura no fundo alguma coisa. De repente a alcança. Tem o corpo vergado pelo esforço. Traz pesado volume sobre os ombros. A luminosidade de uma chama, permite lobrigar-se o que sustinha: um cacho de bananas. As mesmas crianças (e há pouco reaparecem como por encanto. Tôdas se encaminham, nadam velozmente em busca das bananas. Adiantando-se mais do que as outras, uma criança pega alvorçada o cacho de frutas. Sôfregamente despenca uma, duas, tantas, que nem pode sustentá-las entre as mãos, levantadas acima da cabeça. Algumas bananas caem, e, enquanto se abaixa, tentando recuperá-las, outras escorregam-lhe pelo rosto, transformando-se misteriosamente em um líquido amarelo e viscoso. O líquido gruda-se-lhe ao corpo. A criança mostra-se inquieta, amedrontada, grita. Suas feições contraem-se, transfiguram-se, parece sufocar. A chama de uma vela então percebe: o menino que via era ele próprio e estranhamente tinha agora as mesmas feições lividas do morto, o rosto do afogado.

atualizada por Hélio Vianna e acrescida de valiosos apêndices) ou os volumes de Vitaldo Coaracy, especialmente: "Memórias da Cidade do Rio de Janeiro" e "O Rio de Janeiro no Século 17" (ambos em 2a. edição, e da mesma José Olympio Editora) tenham talvez mais importância do ponto de vista especial da "história" do Rio de Janeiro. Serão mais completos, bastante mais informativos, quem sabe.

Indiscutivelmente, porém, é ao longo das páginas de "Uma Cidade nos Trópicos" que melhor sinto surgir e evoluir a Cidade a que tanto queremos, desde a aldeiazinha que ficou como a "Vila Velha" e logo se transplanteou para as alturas defensivas do Morro do Castelo, e, depois foi paulatinamente se espalhando ao longo da orla marítima e para o interior imediato, até assumir a sua feição de "cidade", ainda que pequena, com que investe pelos séculos XVII e XVIII, até chegar à maturidade do Século XIX e aos esplendores dos nossos dias.

É esse desenvolvimento, orgânico, vivo, que transparece no texto de "Uma Cidade nos Trópicos". O historiador como que cede o lugar principal ao sociólogo: então, é a própria "vida" da cidade que vemos surgir, analisada, retratada, ao lado de sua "história". Acompanhamos as transformações, compreendemos as razões de ser de suas mutações essenciais — o peso, as exigências do trópico. Compreendemos como e porque de "refúgio nos mares", de base para as conquistas no Sul, transformou-se em "porto do ouro", centro de tôda uma exportação para a insaciável Metrópole. E como, mesmo depois que esse ouro verdadeiro se extingue ou rareia consideravelmente, continua sendo o "centro", o eixo de todo um país que emerge e se projeta, agora exportando o "novo ouro", o "ouro verde", o café. E como, finalmente, terminadas tôdas essas "febres", ficou a "cidade", já independente, já "suficiente" para crescer sozinha, centro de tôda uma nação.

É essa permanente transformação, essa "vida" apreendida no que ela tem de mais essencial e íntimo (desbravamento, educação, relações sociais, religiosidade inata, arquitetura condicionada) que constitui o encanto fundamental do livro de Miran de Barros Latif, cujos estudos geo-sociais já de há muito conhecemos e admiramos através de livros básicos de nossa literatura sociológica: "As Minas Gerais" (Agir Ed.), "O Homem e o Trópico" (Agir Ed.) e "A Comédia Carioca" (Editora do Autor) — podendo este último ser considerado como uma continuação ou um capítulo comple-

mentar de "Uma Cidade nos Trópicos", de tal modo é rico e penetrante em perspectivas sobre o modo de ser do carioca. Ou, como o próprio autor confessa, no Prefácio de "A Comédia Carioca": "Quando publiquei "Uma Cidade nos Trópicos — São Sebastião do Rio de Janeiro" — houve quem criticasse não ter encarado mais frontalmente o carioca, seu habitante. Procura naquele livro o crescimento morfológico da cidade num todo, deixando que se vislumbresse o homem implicitamente formulado e apenas refletido nas coisas à sua volta. Mas sem dúvida deveria ter singularizado o carioca mais de frente, fixando os tipos humanos em que pode ser desdobrado. Depois, agrupando os mais frequentes dentre estes tipos, poderia tentar uma síntese do "espírito da terra". E um simples capítulo a ser acrescentado àquele livro transformou-se no presente ensaio" (p. 7).

Seja como for, o quadro está hoje bem completado e, felizmente, ao alcance de todos nós graças à inteligente iniciativa da reedição de "Uma Cidade nos Trópicos", comemorativa do IV Centenário do Rio de Janeiro.

Livros N

GILBERTO FREYRE — Forças Armadas e outras forças. Recife, 1965.

Terá grande oportunidade para os observadores do atual momento brasileiro a leitura do ensaio que sobre as Forças Armadas e outras forças extraiu de duas conferências o sociólogo Sr. Gilberto Freyre. Contém "Novas contribuições sobre as relações entre as Forças Armadas e as demais forças de segurança e de desenvolvimento nacionais na sociedade brasileira".

Sendo dos que sabem extrair da História, mesmo da contemporânea, lições úteis às conclusões da Sociologia, é o escritor pernambucano também dos que não temem basear-se no patriotismo para a definição de suas atitudes, não se deixando prender pelo falso nacionalismo que entre nós muitas vezes tem sido o evidente disfarce do mais suspeito internacionalismo esquerdista. Por esse motivo, não tem dúvida em estudar o papel das Forças Armadas no passado brasileiro, desde o sentido nitidamente civilista do que chama caxiismo, a Proclamação da República e ao seu primeiro Governo Provisório, aos erros do arbitrarismo floriano e da mais pinheirista que hermistia Política das Salvações, até a melhor compreensão de governos como os dos Marechais Presi-

dentos Dutra e de outros emino vilistas. Ensaio que abarca verdadeira tomada de emine sobre de receber a sua divulgação. — H. MARIO PALME padão do Bugre Ilustrações de Janeiro. Livr. Olympio Editora Quando um com obra que obte aceitação, com do Sr. Mário Fre Vila dos Confins, a sua responsa preparar segundo o primeiro de também documentos aspectos da Triângulo Mineiro to-grossense de ainda não muito atual.

Estamos tra riguar a origem nome — Sousa vez devido a de quem escre do assentamei gura como sob seus país.

Seguiu J. d. draide, menino a Europa, ma em Paris, no Matemáticas o Bacharelou-se multiseclar S do conquistado, entre os s pulos, a fama ta e profundo de línguas e li gas. Regressar matriculou-se de de Medicina Janeiro, que fr o segundo ou médicos, e on

União da Imprensa Brasileira Ltda.
S Í N T E S E J O R N A L
 Recortes de Jornais de todo o Brasil
 Publicidade especializada
 Rua Xavier de Toledo N.º 71 - 1.º and.
 Conj 11, 12, 13 e 14
 Tels.: 35-1493 - 35-2699 - 35-5495 - S. Paulo

SHOPPING NEWS
 São Paulo (Capital)

28 NOV 1965

Livros em desfile

PERICLES DA SILVA PINHEIRO

“LUSIADI”

A sra. Mercedes La Valle autografará, amanhã, a partir das dezenove horas, na Livraria Mestre Jou, à rua Martins Fontes, 99, um belíssimo livro que traduziu para o conhecimento da editora italiana Guanda, com sede em Parma, na Itália. Não é mais nem menos que o grande poema da raça e da conquista, escrito por Camões, ali publicado simplesmente com o título Lusíadi. É corrente, mesmo nas edições portuguesas do poema, o título da famosa obra, ora com o artigo, ora sem ele, preferindo a insigne tradutora italiana também eliminá-lo, ao contrário do que fez A. Eric Colani, segundo me parece, o primeiro a dar a conhecer aos seus patricios o texto completo de Os Lusíadas (I Lusíadi, Parigi CO' Tipi di Firmin Didot, 1826). Lembro-me desta edição, para algumas breves anotações. O texto de Briccolani se desenvolve literariamente, em tradução mais rigorosa, procurando a obediência à rima em tôdas as oitavas dos dez cantos do Poema. A sujeição à rima, contudo, por parte deste tradutor, não lhe permitiu, na passagem do texto português para o italiano, guardar toda a plasticidade e toda a beleza heróica do discurso que defluem naturalmente do original.

Nem sempre, por isso mesmo, se nota no texto traduzido a grandeza e a admirável força poética do discurso, o que de resto é compreensível, tratando-se, como se trata, de línguas diversas, em que se exige para um trabalho dessa natureza o domínio completo de ambas, o conhecimento de tôdas as suas particularidades e correspondências exatas, para se evitar o desfiguramento no ato da transladação. Não há nada disto na tradução de Briccolani. O seu texto é duro, muitas vezes complicado, em que versos nem sempre corretos em sua medida contribuem de certo modo para descaracterizar o Poema. Mercedes La Valle, ao con-

trário de Briccolani, preferiu encaminhar-se para a tradução livre, aproveitando-se de seu profundo conhecimento dos Lusíadas e de tôdas as vantagens sonoras da língua italiana, sobretudo das correspondências necessárias no domínio poético do verso heróico, para realizar um trabalho realmente admirável, em que o leitor sente sem nenhum esforço a penetrante sedução exercida pelo tratamento dado ao texto original por Camões. É uma tradução, assim, que pode dar aos italianos a justa e grandiosa dimensão dos Lusíadas, na sua estrutura de poema heróico e na sua condição de beleza estética, sem nenhuma traição à substân-

cia textual e histórica, que se conserva íntegra no cuidadoso trabalho de Mercedes La Valle.

“A HISTÓRIA DO DIABO”

Sob a chancela da Livraria Martins Editora, Vilém Flusser publica o volume “A História do Diabo”. Representa, na contingência social e política do mundo destes dias tumultuosos, uma tomada de consciência em face do que se poderia chamar, em certa terminologia, entre a corrente do Bem e a corrente do Mal, em que se divide, à procura de uma solução, a Humanidade. O livro não indica caminhos; nem sugere posições dogmáticas. Expõe os conflitos, provocando o leitor para a opção que lhe pareça mais honesta, subjetivamente, tendo em vista a satisfação de sua consciência e de sua determinação ante as terríveis contradições do mundo moderno. As condições são enfocadas pelo autor, em termos universais, de um ponto de vista pseudo-religioso, em que o senso comum ou mundo fenomenal é representado pelo Diabo e o senso moral é representado por Deus. A História do Diabo é um livro para meditação e deflui, em sua essência, de uma experiência pessoal e do exame direto das condições materiais e espirituais do mundo, captadas também em cuidadosas e selecionadas leituras de Vilém Flusser.

TETRALOGIA

Em tradução do inglês, feita por Juvenal Jacinto, para a Livraria Globo, acaba de aparecer o livro do escritor sueco Pär La-

gerkvist (Prêmio Nobel de Literatura), intitulado Encontro com o Mar. A presente novela completa a tetralogia iniciada com Barabás e continuada com A Sibila e A Morte de Ahasvérus.

FAGUNDES VARELLA

O sr. Vicente de Azevedo vem, há muitos anos, realizando sérias pesquisas sobre a vida e a obra de Fagundes Varella. Suas investigações estenderam-se por jornais e revistas, antigos e novos, por bibliotecas, por arquivos particulares, sem se esquecer, também, do depoimento de pessoas da família e de velhos conhecidos do poeta. Resultou, de tudo isso, a coleta de estupendo material de informação, com muitos documentos inéditos, que poderão dar nova feição aos estudos publicados sobre Fagundes Varella. Machado de Assis chamou a Artur de Oliveira “saco de espantos” e o sr. Vicente de Azevedo acha, pelo que lhe foi dado examinar na vasta documentação que possui sobre o poeta, que bem o pode qualificar de “compêndio de paradoxos”. Entre alguns documentos descobertos, podem-se citar folhetins de minicais escritos para o “Correio Paulistano”, cartas inéditas, elogio fúnebre por ele lido no púlpito da catedral de Niterói etc., considerando o sr. Vicente de Azevedo que os folhetins são excelentes e por eles se deve reformar a opinião corrente de que em Varella o prosador é muito inferior ao poeta. A propósito de tudo, o sr. Vicente de Azevedo publicará um volume de cerca de 500 páginas (já reviu as últimas provas) pela Livraria Martins Editora, sob o título: A Vida Atornamentada de Fagundes Varella

METRÓPOLE EM MARCHA

Oswaldo de Brito

A história do diabo

Pouco sei do sr. Vilém Flusser, salvo o que aponta de seus artigos, publicados no suplemento literário de "O Estado de São Paulo". E que é estrangeiro satisfeito por ter-se radicado nestas brasileiras plagas, nas quais deposita muita esperança como fulcro de civilização de força universal. No "country" e nas gentes. Na juventude, em primeiro plano, conforme dá a entender no prefácio de seu livro "A História do Diabo", numa boa edição da Livraria Martins.

De que tratam êstes ensaios filosóficos? De um fato cuja premissa, na expressão vocabular mais simples do autor, se reduz a que "a história do Diabo é a estória do progresso. O nosso livro deveria ter-se chamado "evolução", mas esse termo teria causado mal-entendidos. Evolução como estória do progresso é a história do Diabo".

Claro, não?

Pois é; no intuito de dirimir possíveis dúvidas, o autor invade a seara fascinante dos Sete Pecados Capitais, em páginas de tom diabólico. E na sua pesquisa, encontra a astronomia, a energia nuclear, as física e química modernas ("Os átomos são mãos em busca de realidade, e essa realidade é alcançada quando as mãos se encontram").

Porque "a Idade Média, muito mais esclarecida do que nós quanto ao diabo, bem sabia porque queimava alquimistas".

E nessa voga, Vilém Flusser atinge ao arcano da Biologia, a primeira gota de vida, o protoplasma, a célula, e a individualidade ou alma: "para criar almas o diabo fez surgir os organismos multicelulares do chão dos protozoários". E a evolução dos organismos rumo ao Homem. E como êste e sob a influência (ou orientação?) do Diabo, a luxúria, o sexo, a inibição, o amor... e todos os referidos pecados capitais.

Mas, fala do nacionalismo, da língua materna, do amor ao ler e ao escrever ("a leitura é um veneno que age de mansinho"). E da ira, da liberdade, a lei, o acaso, a gula (que grande capítulo!), a inveja, a Justiça, a conversação, a soberba, a preguiça. E das Artes em geral (a poesia, a pintura e a música); da ciência, a matemática; da vontade e da honestidade. Da tristeza do coração, da "torre de marfim" e, por fim, do "banho de purificação".

Porque "a essência da filosofia é o clima da filosofia. É para criar esse clima que a filosofia existe. É esse clima que une e define toda filosofia".

O autor cogita de e ventila temas profundos, eternos, num tom aliciante (como o Diabo) e, por vezes, pleno de malícia. Um grande artista das palavras, do jogo das contradições e dos paradoxos. E que, seguramente, obriga ao raciocínio e faz o mais desavisado pensar.

* * *

REGISTRO DE LIVROS RECEBIDOS — "A reforma do Poder Judiciário", de Hudson Bastos Lourenço (Saraiva); "Dicionário das Mulheres" (Editorial Grijalbo); "Nomenclatura gramatical brasileira", de José Luís de Oliveira (Biblioteca do Exército Editora); e "Glorinha e a quermesse", de Isa Silveira Leal (Editora Brasiliense).

Auto Pe

Príncipe das Trevas leu, não gostou e respondeu

J. C. ISMAEL
Especial para a Folha

Divulgação

MEMÓRIAS DO DEMO de Gilberto Vilar de Carvalho. Marco Zero. 167 págs. Cr\$ 30.000.



Meu caro Gilberto: entre um lance e outro da habitual partida de xadrez que jogo com Deus (todas, para sua informação, terminam empatadas), li as memórias que você escreveu a meu respeito. Comentei-as com Deus. Depois do "Livro de Jó" ele não lê mais nada: acha que está tudo lá. No que, convenhamos tem razão. Mas eu ainda não perdi o gosto pela leitura, embora concorde com Goethe, que amedrontado por mim disse que todas as teorias são cinzentas. E já que estou citando, fiquei com raiva de Angelus Silesius quando ele escreveu que "sem mim Deus não pode viver um instante sequer". Sei por que ele me excluiu, mas não o perdôo. Detesto, como todos os incompreendidos, ser discriminado.

Para começar, não gostei de ser chamado demo. Eufemismos me irritam. Além disso, muita gente que conhece grego vai pensar que seu livro trata de memórias do povo. Por que não me chamar de diabo ou (eu adoro a realeza) de Príncipe das Trevas? Não que aqui haja trevas mas príncipe denota (gostou?) princípio, principal, palavras que fazem bem a qualquer ego. Lúcifer também seria aceitável: não é este o nome da estrela da manhã? Ainda bem que você aceitou a sugestão do seu amigo Villaça: como bom cristão ele sabe que o apelido que mais detesto é satã.

Quando sai algum livro especificamente (o advérbio, você entende, me parece necessário) sobre Deus, ele boceja de tédio, pois já perdeu a conta de tudo o que escreveram e certamente vão continuar a escrever sobre ele. Quanto a mim, só Deus sabe como me alegro quando alguém me dedica páginas e páginas como você fez. Gostei muito daquele ensaio do Giovanni Papini, que, ao contrário de você, assumiu o meu nome para o título, *Il Diavolo*. Que sonoridade ele tem em italiano! Mas gostei mesmo foi da *História do Diabo*, escrito aí no seu país por um tcheco chamado Vilém Flusser. Você leu? O livro é tão interessante que até Deus leu



Detalhe de um afresco de Luca Signorelli, inspirado na "Divina Comédia"

algumas páginas: Flusser acertou em cheio quando disse que a minha queda representa o início do drama do tempo e que eu e a História somos dois aspectos do mesmo processo.

Voltemos, porém, ao seu livro. Sou pago — que tal um aumento? — pela Folha para falar dele. Apesar de me sentir lisonjeado por ser personagem central, quer uma opinião diabolicamente sincera? Não gostei. Você me faz repetir coisas óbvias demais e me usa como suporte para reflexões — por Deus! — que jamais me ocorreram. Não sou crítico de costumes, muito menos cientista social. Creia: não estou preocupado com comunidades de base, teologia da libertação, multinacionais, sexo com ou sem amor, tragédias burguesas ou proletárias, males do progresso e outras frivolidades que o atormentam. Ou-

tra coisa: jamais li a maioria dos autores que você me faz citar e não sei de onde você tirou a idéia de que me expresso numa linguagem tão pouco refinada.

É claro que seu problema é a ânsia, até agora sem sucesso, em me corporificar, mas lamento informar que o caminho não é este. E se pensa que vou ajudá-lo, engana-se. Estou cada vez mais ocupado com a estética do mal para ser mestre de quem quer que seja. Como você sabe, o mal e eu somos projetos que nascemos um para o outro. Não me refiro ao mal que se opõe ao bem. Esse pensamento é banal demais. Deus e eu, meu caro, estamos acima de qualquer dualidade. Talvez com essa pista você comece a me conhecer melhor.

J. C. ISMAEL, 47, é crítico de cultura.

INDICAÇÕES

No Mundo dos Livros

FOLHA POPULAR

Basilio da Costa Daemon
Da União Brasileira de
Escritores

A COMUNIDADE DOS HO-
MENS, Jean Laloup e Jean

Nélis, Editora Herder — Mui-
to interessante é, neste livro,
a relação de capital e traba-
lho, considerados em si segun-
do diversos sistemas sociais.
Que é comunidade dos ho-
mens? Os autores nos levam
atraves dos diversos sistemas
com que todos, com boa von-
tade, procuram resolver este
problema. Segundo os auto-
res, o verdadeiro humanismo
há de criar-se na liberdade,
sem coação, com respeito à pro-
pria lei natural que faz os ho-
mens existirem individualmen-
te por sua propria inteligencia,
numa pluralidade ou num plu-

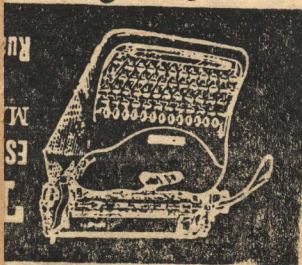
ou mais genuino, pois que tu-
do nela é empolgante e genui-
no dentro da dimensão em
que se situa, mesmo porque
não se pode ter o tolo pedan-
tismo de exigir que um escri-
tor, quem quer que seja, se
cristalize em certa angulação
de sua carreira obviamente
sujeita a constante mutação.
Deste rela'io mediunico constam
descrições do Mundo Es-
piritual, a lei de causa e efei-
to, a reencarnação e fenôme-
nos transcendentales através de
precursores da Codificação do
Espiritismo.

A HISTORIA DO DIABO, Vi-
lém Flusser, Livraria Martins
Editora — Uma tomada de
consciencia na situação atual
exige um esforço penoso de
recolhimento sobre si mesmo.
É penoso esse esforço, porque
a situação é limitativa. O pre-
sente livro é a tentativa de
romper os fios da teia, pela
qual a situação prende a men-
te, e alcançar, neste gesto de
arrepio e recolhimento, uma
visão da situação que nos cer-
ca. O livro é, portanto, um
movimento concentrico, pelo
qual a mente procura libertar-
se daquilo que a condiciona.
Este movimento deve resultar
em outro, excêntrico, pelo qual
a mente se lançará sobre a
situação para manipula-la.
Não pretende apontar metas
ou indicar rumos. Procura pro-
vocar no leitor clima que pos-
sibilite a tomada de uma de-
cisão existencial. Por isso pro-
cura ser uma provocação da
honestidade.

LEI DE IMPRENSA, Freitas
Nobre, Edição Saraiva — Em
linguagem simples e escorrei-
ta, comenta o Autor, sem pre-

DESC

de Ven



A HISTORIA DO DIABO, Vi-
lém Flusser, Livraria Martins
Editora — Uma tomada de
consciencia na situação atual
exige um esforço penoso de
recolhimento sobre si mesmo.
É penoso esse esforço, porque
a situação é limitativa. O pre-
sente livro é a tentativa de
romper os fios da teia, pela
qual a situação prende a men-
te, e alcançar, neste gesto de
arrepio e recolhimento, uma
visão da situação que nos cer-
ca. O livro é, portanto, um
movimento concentrico, pelo
qual a mente procura libertar-
se daquilo que a condiciona.
Este movimento deve resultar
em outro, excêntrico, pelo qual
a mente se lançará sobre a
situação para manipula-la.
Não pretende apontar metas
ou indicar rumos. Procura pro-
vocar no leitor clima que pos-
sibilite a tomada de uma de-
cisão existencial. Por isso pro-
cura ser uma provocação da
honestidade.

Folha Popular 29/1/66
Sorocaba
Basilio da Costa Daemon

por exemplo na Música para Instrumentos de Corda, Percussão e Celesta; na Sonata para dois Pianos e Percussão, de Béla Bartók; na esplanha, atmosférica Tocata para Percussão, de Carlos Chávez, ou ainda a soberba, impressionante "Cantata para América Mágica" de Ginastera, a pesquisa tímbrica, a altura de frequências percussivas re-

BIBLIOGRAFIA

nam absolutas. Já "Sacre du Printemps", "Les Noces", "Histoire du Soldat", de Stravinsky, o som não temperado, fruto da percussão, funciona submetido ao esquema polifonal da obra de arte.

A obra sob epigrafe vem prestar assinalado serviço às parcas letras filosóficas brasileiras.

JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

VILÉM FLUSSER, A história do diabo, São Paulo, Martins, 1965 — 216 págs.

E' possível que o que ocorre no Brasil, no plano das idéias, também possa ser verificado nos demais países do mundo. Ou seja, ao lado de um pensamento mais ou menos identificado com a tradição da cultura ocidental, inclusive nos seus aspectos exteriores (catedras, instituições doutas, livros), perfila um insólito comportamento especulativo no qual confluem os mais diversos tipos de "saberes de salvação": teosóficos, neo-pitagóricos, positivista ortodoxo, parapsicológico numinoso, evolucionista cristão e, agora, o "demonismo" representado por Vilém Flusser. O singular, no caso brasileiro, é que as paralelas que compõem essa dimensão espiritual não precisam chegar ao infinito para se encontrarem. No "demonismo" de Vilém Flusser, por exemplo, vão de mãos dadas Wittgenstein e Camus, analiticismo e existencialismo, silêncio e absurdo, resultando daí uma demonologia táctica, já que tudo é diabólico e sem sentido. Ou, melhor, cumpre ao homem assumir heróicamente seu abandonedo "divinizando-se", única forma

de pervivência de um ser mortal e finito.

No que consiste, afinal, o "demonismo" flusseriano? Naturalmente não se trata de uma *Geschichte* mas sim de uma *Historie* do diabo, ou "investigações do caráter diabólico" (pág. 16), numa contraposição de *influência divina* ("tudo aquilo que tende para a superação do tempo") e *influência diabólica* ("tudo aquilo que tende para a preservação do mundo no tempo"), desde que "é dever do diabo manter o mundo no tempo", pois "uma derrota definitiva do diabo (por inconcebível que seja) seria uma catástrofe cósmica irremediável: o mundo se dissolveria" (pág. 17). Por isso o progresso retilíneo é coisa do diabo. A humanidade, se progrediu, o fez graças a "ele" (*loc. cit.*). Assim, "a história do diabo é a estória do progresso" (pág. 18), ou seja, "a evolução da vida não passa de encarnação da evolução do diabo" (pág. 19), revelando-se "como força motriz da maioria das nossas ações e dos nossos desejos" (*loc. cit.*).

BIBLIOGRAFIA

Recorrendo a uma velha sabedoria da Igreja como método de desenvolvimento de seu tema, Vilém Flusser utiliza-se dos sete pecados capitais, a seu ver termos iníquos e arcaicos porém facilmente substituíveis por termos neutros e modernos, propondo então: "Soberba é consciência de si mesmo. Avariza é economia. Luxúria é instinto (ou afirmação da vida). Gula é melhora do *standard* de vida. Inveja é luta pela justiça social e liberdade política. Ira é recusa a aceitar as limitações impostas à vontade humana portanto é dignidade. Tristeza ou preguiça é o estágio alcançado pela meditação calma da filosofia" (pág. 19). E seu livro é a tentativa de "dar uma descrição da evolução das armas e dos instrumentos diabólicos nos sete campos dos sete pecados" (pág. 20). Adverte, porém: "As camadas se cruzam e não admitem serem organizadas ou separadas. No fundo são portanto todos os sete pecados um único — são sete aspectos da mesma atitude. Todo pecado inclui os demais, e tem razão a Igreja em evitar uma hierarquização dos sete pecados" (*loc. cit.*), ainda que admita ser a Tristeza ou preguiça "o último e o maior dos pecados" (pág. 21).

Admitida a terminologia considera a ira "como consequência da importância da luxúria ininterrupta. A gula é outra forma de luxúria sublimada, mas, dada essa sublimação, transferida para outra camada de realidade. A inveja será concebida como antítese dialética da avariza, e ambos estes pecados como consequências da gula. A soberba, nova mudança de camada, será conside-

rada como virada refletiva dos pecados sociais, portanto como 'ensimesmamento'. A tristeza ou preguiça é essa virada completada, é portanto luxúria negativa, negação da vida. Luxúria e preguiça, os dois polos no campo magnético dos pecados, são portanto antitéticos num sentido mais fundamental que inveja e avariza" (*loc. cit.*). Nessa *tensão dialética* "a luxúria é tomada como ponto de partida, porque esse pecado é considerado pelos freudianos como a própria fonte da realidade" (pág. 22), ainda que cada um dos *pecados* tenha seu campo próprio: o da ira é a ciência, o da gula é a tecnologia e do paraíso terrestre, o da inveja-avareza é a luta política e social, e os da soberba e tristeza são a arte e a filosofia (*cf. loc. cit.*).

Identificando 'tempo' e 'diabo' resulta este último como "o próprio princípio da modificação, do progresso, da fenomenalização portanto. E' o princípio da transformação de realidade em irrealidade" (pág. 26). Idêntico ao tempo o diabo "também inspira o espaço, porque é ele quem faz com que o mundo seja nosso mundo" (*loc. cit.*). Assim, "o diabo não passará, doravante, de mera parte da criação, a saber aquela parte que torna sensível o mundo. Esta é pois a definição que proponho provisoriamente: o diabo é (no seu aspecto externo), o fluxo do tempo, graça ao qual os fenômenos nos aparecem" (pág. 27). Daí a evolução do organismo ser "a evolução da capacidade para o pecado, e é por isso que o diabo a instiga" (pág. 58), porquanto "o que os persas e este livro chama de 'diabo', os freudianos

o chamam de 'sanidade'” (pág. 68). Mas, “o diabo é idêntico à língua. A língua é aquele tecido de maia que se estabelece como véu na superfície da intemporalidade” (pág. 88), já que *tempo* é o aspecto discursivo da língua, redefinindo então o diabo como língua (cf. *loc. cit.*). Por isso “o diabo nos possuiu graças aos livros. Estamos num paraíso terrestre chamado 'biblioteca': uma das formas mais nefastas do inferno” (pág. 95), enquanto o escrever “é um caminho diabólico” (pág. 97). Mas, o fim do diabo é o silêncio: “Nesse silêncio, que é o silêncio da contrição, a mente se dilui no todo diferente. E' o silêncio sagrado” (pág. 187), pois “o diabo é um princípio negativo” e sua meta: nirvana (cf. pág. 187).

Também para Vilém Flusser o *fé-nômeno humano* é a máxima finalidade cósmica: “tem a vida apenas um propósito: evoluir rumo ao homem” (pág. 60), já que “a viagem para dentro da mente é, com efeito, a procura por uma passagem direta rumo a Deus” (pág. 71). Todavia, “quanto mais avançam as nossas mentes contra as portas dos céus, tanto mais evolui o diabo dentro de nós, e tanto mais evoluímos nós graças ao diabo. Essa evolução diabólica dentro de nós condensa e consolida sempre mais a realidade que somos. E' uma realidade negativa, porque nega os céus” (pág. 99). Contudo, “o próprio êxito do diabo problematiza o diabo” (pág. 133) desde que “criamos o mundo para nele nos projetarmos. E essa nossa imagem que projetamos sobre a tela do mundo é Deus” (pág. 158), sendo essa proje-

ção de Deus e do diabo sobre o mundo “duas máscaras de nossa vontade” (pág. 159). Certamente a vontade autoconsciente sabe que Deus e o diabo são criações suas, “mas sabe que são criações úteis” (pá. 181), porquanto o homem, nas situações extremas, só tem três escolhas: “A graça da loucura misericordiosa. A graça da doce morte. A queda vertical para o abismo da fé em Deus” (pág. 18), resultando daí a utilização do caminho do diabo para alcançar a divindade e concluir: “o diabo não existe” (pág. 189), porque “o diabo é tudo, e tudo é absurdo. Tudo que faço, e tudo que penso, tudo é absurdo. E' este livro que faço e penso com tanto sofrimento, é um esforço absurdo. Com efeito, é duplamente absurdo. E' absurdo como tudo neste mundo absurdo. E é absurdo porque trata da absurdidade do mundo. E' absurdo querer falar, é absurdo por que trata da absurdidade do mundo. E' absurdo querer falar, é absurdo querer escrever, é absurdo querer agir, é absurdo querer salvar-se, e é duplamente absurdo querer falar. Enfim: é absurdo querer, a não ser talvez querer a morte” (págs. 189-190).

Para Vilém Flusser “o mundo é monólogo e canto, um monólogo e canto sem significado. O mundo é canção sem palavras” (pág. 179). Por outro lado “pensar e viver é sofrimento” (pág. 199), só restando aguardar a catástrofe do nirvana que se aproxima” (pág. 200) diante da “futilidade de tudo” (pág. 201) uma vez que a Europa “já compreendeu que falar conduz ao calar-se. Que a verdade é o lugar geométrico

berado. E' o único caminho rumo à morte e aceitando a morte” (*loc. cit.*), o que denota a honestidade da filosofia: “A vida em todas suas manifestações é uma negação inautêntica da morte. A filosofia, ela só, é afirmação da morte” (pág. 207), defluindo daí que a meta do caminho da filosofia só pode ser o suicídio digno e honesto” (*loc. cit.*). Em verdade, portanto, só existe a morte, “tudo é para a morte” (pág. 210). E tudo é absurdo: “E' impossível viver-se e é impossível morrer-se. Eis a última conclusão de toda vivência e de todo pensamento. A luta terrível que se passou na nossa mente e que o presente livro tentou descrever o melhor que pôde, essa luta torna impossível a vida e a morte” (pág. 212). Luta esta iluminada por uma luz que nos aquece e queima. Nela existimos e nela estamos sendo aniquilados. Essa luz é tudo e nada. E' a luz sagrada da absurdidade” (pág. 214), “estágio absurdo dentro da absurdidade” (pág. 215).

Como o orador veemente e inflamado que interrompe a peroração do “crescendo” final para tomar um gole de água, Vilém Flusser afirma: “Este livro não quer ser derrotista” (*loc. cit.*), declarando ainda que “a única mensagem que este livro tem é pois esta: continuemos” (*loc. cit.*). Por quais caminhos? Difícil resposta quando a topografia é trágica e todas as perspectivas são sombrias, inscrita no horizonte a angústia da morte, enquanto o cosmos não parece propiciar ao homem nenhum destino decidível. E' afirmada a própria renúncia à ação que, apesar de tudo, exprime a liberdade do homem. E' no

de todas as mentiras”, esperando-se que “Deus tenha misericórdia das nossas almas” (*loc. cit.*). Desta maneira existe uma única saída: “dedicamo-nos à paz do reino das sombras”, verdadeira atitude da sabedoria: “Não devemos filosofar com sede de conhecimento, ou com sede de iluminação, ou com sede de felicidade. Não devemos filosofar com sede. Devemos fazê-lo resignados”, rendendo-nos à filosofia sem pedir nada: “Devemos entregar-nos a ela para que ela nos aniquile” (pág. 202). Porque “é na filosofia que a mente morre”, tudo nela não passando de mero jogo: “E' uma atividade tristemente lúdica a filosofia. A modestia e a resignação da filosofia são poses que fazem parte do jogo triste. A mente aberta da filosofia é sinal de mente morta. A falta de preconceitos é sinal da falta de conceitos”, sendo então a história da filosofia apenas “estágios de autenticidade da mente que morre” (pág. 203). Ou seja: “A filosofia é a festa do aniquilamento” (pág. 204), sendo então a grandeza da filosofia uma lamentável miséria: “para o leigo é ela uma disciplina do pensamento que procura respostas. Para o iniciado é ela a doadora do perfume calmante da realidade superada. A filosofia é a prova existencial da morte da mente, e a refutação existencial da imortalidade” (págs. 204-5).

Portanto, “o grande mistério que se esconde no núcleo da torre [da filosofia] é a superação da imortalidade” (pág. 206) Isto é: “O caminho da filosofia é o único caminho da autenticidade, porque não é deli-

que dá uma "interpretação" que se nega a ser *também* "transformação". Malraux encontrou na arte um "anti-destino", e os sete pecados capitais impedem Vilém Flusser de cunhar a sua "moeda do absoluto". Ensimesimado, porque incapaz de alteração, entoa sua elegia acompanhado de acalantos tanáticos. *A história do diabo* é obra singular na bibliografia

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES, *História e historiadores do Brasil*, São Paulo, Fulgor, 1965 — 183 pp.

LUÍS WASHINGTON VITA

O papel que José Honório Rodrigues tem representado na cultura brasileira ainda aguarda seu intérprete, não obstante a relevância do historiador e do filósofo da história que confluem nele. Teórico e pesquisador da História do Brasil, arrolador e sistematizador de fontes, conhecedor como poucos de nosso passado e possuído de acentuada consciência histórica, sua ampla obra é paradigmática, figurando como um dos momentos decisivos da historiografia nacional, só comparável a Capistrano de Abreu pelo espírito minente, e a João Ribeiro pela compreensão totalizadora. Tais características estão patentes em *História e historiadores do Brasil*, onde tem ensejo de buscar e rebuscar o sentido do pretérito brasileiro, assim como explicitar a contribuição de seus confrades para o entendimento desse pretérito e de seu ínsito impulso de porvir.

Neste livro trata José Honório Rodrigues da historiografia praticada no Brasil cotejada com o processo histórico, sobressaindo-se Capistrano de Abreu, e alguns poucos historia-

filosófica lusiada, extravagante por vês, arbitrária outras, e sempre desafiante. Naturalmente a redução sinótica aqui proposta não faz justiça a importantes pontos de detalhe do "demonismo" flusseriano, mas o esquema é suficiente para caracterizar suas idéias mais importantes.

do passado, presente e futuro, o que o leva a afirmar que "cabe a cada geração fornecer uma visão real adequada do mundo, seja como Natureza, seja como História" (pág. 13). Por isso "a História não é uma antropologia macabra da morte da criatividade, nem um museu de antiguidades; ela é o palco da mais renhida exibição e esconderijo das virtudes e dos pecados da gente humana" (*loc. cit.*). Ou seja: "A História não é dos mortos, mas dos vivos, como uma realidade presente, obrigatória para a consciência. Por isso ela não é estranha à vida" (*loc. cit.*), já que a seu ver "o passado esclarece o presente, o presente revela o passado" (pág. 16).

Aplaudindo a adoção, por Capistrano de Abreu, do método crítico-filosófico, que substituirá o anterior positivismo histórico, condena toda e qualquer compreensão positivista, pois "o historiador sabe que não pode reduzir as ações humanas a regras naturais, porque assim não veremos a vida real, o drama da história. Os fatos reconstruídos, percebem-no todos que exercitam a história, não se enquadram nas causas amplas e gerais com que o positivismo quis explicar o curso da humanidade" (págs. 39-40). E isto pela circunstância de que "a história não é só fato; é também a emoção, o sentimento e o pensamento dos que vivem — a parte mais difícil de captar dos negócios humanos" (pág. 43). Ou, em outras palavras: "A história não é somente uma questão de fato, ela exige imaginação que penetre o motivo da ação, que sinta a emoção já sentida, que viva o orgu-

lho ou a humilhação já provadas. Ser desapaixonado é perder alguma verdade vital do fato; é impedir-se de reviver a emoção e o pensamento dos que lutaram, trabalharam e pensaram" (págs. 46-7). Adverte, porém: "O historiador não cria, como na ficção, antes recreia um mundo realmente vivido, sofrido, aproveitado ou perdido. E, nesta recriação é guiado pelas teorias, concepções ideológicas do mundo, que variam segundo os interesses presentes, enquanto o documento é a única coisa permanente na mudança contínua" (pág. 47). Disto resulta sua concepção de *sucesso histórico*: "conjunto complexo de fatos de estrutura e de fenômenos ideais" (pág. 49). Conclui então: "A história é, deste modo, caírate, mas é também relembração do legado espiritual, daquela bem que participa do eterno, que é a única coisa que não nos pode ser roubada, pois pertence individual e humanamente a cada um e a todos. Assim, quem diz consciência histórica significa e insinua duas coisas, dois sentimentos ambivalentes: livrar-se do mal que padecemos ou nos ameaça, e conseguir um bem ou conservar o que já se possuía. Duas salvações, uma só compreensão — a consciência histórica que presta contas e nos diz o tesouro espiritual que nos coube e que, ao superar o passado, participa da criação do futuro" (pág. 53).

Sempre imbricando historiografia e processo histórico, método este que, levado às últimas consequências, resultará numa *sociologia do conhecimento histórico*, afirma José Honório Rodrigues que "é necessário que a historiografia esteja voltada para o

Jornal Literário

DE uma cajadada João Lyra Filho, que não brinca em serviço, juntou dois títulos à sua bagagem literária, que assim vai rapidamente ganhando dimensão e peso apreciáveis. Os livros "O espírito torto do direito" (Ed. da Universidade do Estado da Guanabara) e "Poder executivo, novo sinônimo de poder econômico" (Gráfica Editora Livro S. A.). O primeiro, com o texto integral de uma tese original apresentada ao I. Forum de Universidades Latino-Americanas, que se realizou em fins de 64 no Peru, e intitulada "Do imperativo de dar-se padrão econômico à sociedade; a reforma agrária e o direito de sucessões"; e, como apêndice, uma aula-ensaio sobre o tema "Poder executivo, novo sinônimo de poder econômico". Este último trabalho, justamente, é o que dá base ao outro volume, que também tem apêndice: um parecer sobre fiscalização financeira da administração pública, emitido numa comissão especial de representantes dos Tribunais de Contas do país e encaminhado ao governo federal. Em ambos os livros, as notas do conhecimento especializado de bom gosto literário.

MEDITAÇÕES — Vilém Flusser publicou "A história do diabo" (Martins). Um livro de meditação filosófica. Antes, de meditações, quer o autor: resultado, em grande parte, "de diálogos com livros e suas", confissão de perplexidades e de consciência, abertura de perspectivas. Obra, portanto, que exige do leitor uma preparação espiritual e um equipamento intelectual especiais.

homem está... a alegria de uma vida cujo final estava marcado para os 19 anos? Quantos de nós poderemos fraudar tão gloriosamente a morte?

Mundo e Diabo

Numa sondagem metafísica do tema que implica inclusive na linguagem e elaboração do livro, Vilém Flusser nos dá «A História do Diabo» (Livraria Martins Editora), em que a «realidade» do senso comum é identificada com o diabo e em que «aquilo que transcende os fenômenos (a «realidade» dos filósofos e teólogos) é identificada com Deus». É um livro amplo e não muito fácil, mas em todo o caso brilhante pelo talento e riqueza de imaginação do autor. A tese final é que o homem não deve calar-se. É do seu destino participar lucidamente de tudo

que o cerca, inclusive talvez com o poder do diabo.

Conquista do ar

Do alemão Rolf Strehl temos uma história da aviação, sob o título de «O Céu não tem Fronteiras» (Edições Melhoramentos), em tradução de Pedro de A. Briese. Enriquece o volume um capítulo especial de Raul Polillo, «A Contribuição Brasileira para a Aviação». Profusamente ilustrado, o livro de Rolf Strehl põe o leitor em contato com o grande esforço do homem pela conquista do espaço, «pelo domínio do ar e pela conquista da terceira dimensão», como escreve.

Folha São Paulo 3/4 1/66

União da Imprensa Brasileira Ltda.
S Í N T E S E J O R N A L
Recortes de Jornais de todo o Brasil
Publicidade especializada
Rua Xavier de Toledo N.º 71 - 1.º and.
Conj 11, 12, 13 e 14
Tels.: 35-1493 - 35-2699 - 35-5495 - S. Paulo

DIARIO DA NOITE
São Paulo (Capital)

22 NOV 1966

MUNDO DOS LIVROS

HERCULANO PIRES

HISTORIA DO DIABO

Vilém Flusser escreveu "A História do Diabo", que a Livraria Martins está distribuindo na praça. O próprio autor reconhece que o Diabo está hoje um tanto esquecido. Pelo menos não se fala nele. E, segundo observa: "As próprias religiões parecem não ter mais o diabo no corpo". Mas isso não quer dizer que o Diabo seja um assunto superado. Vilém Flusser o retoma corajosamente e nos propõe este esquema introdutório da história diabólica: "1.000 — Introdução", "2.000 — A infância do Diabo", "2.200 — Como brinca com pião", "2.300 — Como brinca com cubos", "2.400 — Como brinca de compor elementos".

Talvez o próprio Vilém nos dê a chave do mistério, com este pequeno trecho: "O nosso livro deveria ter-se chamado Evolução, mas esse termo teria causado mal-entendidos. Evolução como história do progresso é a história do Diabo. Essa evolução se processa em múltiplas camadas. Em cada uma delas, age o Diabo de maneira diferente. Em cada uma delas, o seu progresso provoca a nossa admiração e o nosso assombro. Se escolhermos a esmo exemplos das suas obras, e contemplarmos o progresso a partir do elixir do amor até a vitamina "E", ou a partir da vassoura da bruxa até o "sputnik", teremos uma primeira visão esboçada dos métodos todos geniais por ele empregados".

O livro de Vilém, como vemos, podia também chamar-se Metamorfose. Porque ele, na verdade, transforma o Diabo no Progresso. Temos então um Diabo inventor, que talvez seja o próprio "pensamento produtivo" de que nos vangloriamos, em face das demais espécies. A humanidade divina dos positivistas nos mostra o seu reverso "vilémico": é a humanidade diabólica. E, por isso mesmo, a humanidade revestida dos sete pecados capitais que a Igreja combate, embora às vezes utilizando-os, para a sua própria sobrevivência no plano diabólico. Vilém vira o Diabo no avesso e faz o mesmo à espécie humana.

Depois de tudo isso, o que temos é uma doutrinação diabólica do leitor. Mas o Diabo, que depois de velho se faz ermitão, já não amedronta ninguém. O final do livro é uma confissão de humildade, o que mostra que o Diabo não é tão feio como o pintam. Se nem mesmo Vilém, o diabólico, deu a sua alma ao Diabo, por que havemos de temer o seu convite para uma viagem ao

Das Teuflische als Kontrapunkt des Chaos

Vilém Flusser

Die Geschichte des Teufels

European Photography, Göttingen 1993

96 Seiten, 38,- DM

Wer Vilém Flusser je erlebt hat, weiß, daß seine Ideen zwar oft futurologisch „vorausgeworfen“ sind, nicht aber auf die reine Theorie bauen. Die Leidenschaft, mit der er vortrug und schrieb, bezeugte dies. Die schönsten Stellen des Buchs sind denn auch die, in denen er seine Themen in epischer Dramatik vorträgt. Der Absatz über den menschlichen Willen etwa ist furios.

Das Buch selbst ist nicht neu, und obwohl als erstes auf deutsch konzipiert, ist dies die erste deutschsprachige Ausgabe des 1965 in Brasilien erschienenen Buches und erscheint nicht zufällig in diesem Verlag, der Flusser seit der „Philosophie für eine Fotografie“ begleitet. Es entspricht der flussereigenen Ironie, daß das erste Buch nach dem letzten erscheint. Die Geschichte des Teufels sei als Schlüssel zu seinem Gesamtwerk zu sehen, stellt der Verleger im Kurztex voran. Man

Der religiöse Aspekt des Bösen

muß das Buch auch in seinem Kontext sehen, bevor man sich an die zum Teil etwas aufgeblasene Schreibweise gewöhnt. Vilém Flusser war Prager Jude und floh vor dem Holocaust nach Brasilien. Das Leben in Prag war für ihn die Inkarnation einer kulturellen Mischform. Er sprach Deutsch und Tschechisch, ein wenig Hebräisch. In Brasilien angekommen, mußte er sich nicht nur an andere Temperamente, die dem seinen so fern nicht gelegen haben können, gewöhnen, sondern auch an eine andere Sprache, die er als Schriftsteller und Philosoph schließlich mit großer Schärfentiefe verwenden wollte.

Mit einem seiner Freunde, Vicente Ferreira da Silva, einem brasilianischen Philosophen, befand er sich mitten in einem heftigen Dialog, als dieser bei einem Autounfall starb. Es

ging, kurzgefaßt, um die Grundeinstellung zum Leben, zum Bösen im Leben und um seinen religiösen Aspekt. Vicente wird in seiner Einstellung als radikal das Böse denkend beschrieben. Der nicht-mehr-gläubige

Geschichte des Werdens der Welt

Flusser sah sich genötigt, die Seele und das, was sie für das Juden- wie Christentum ausmacht, zu verteidigen und im Fall seines Freundes vor ihm selbst zu retten. Nach dem Tod Vicentes ging der Dialog in seinem Innern weiter und Flusser schrieb die Geschichte des Teufels. Für die Entwicklung seiner Gedanken benutzt er die sieben Todsünden, die er durch die Gleichsetzung mit den modernen Aspekten des Lebens in neuem Licht darstellt und zu (auch heute noch) verblüffenden Ergebnissen kommt. Teufel, Fortschritt und Geschichte seien gegeneinander ersetzbar, schreibt Flusser. Statt Geiz sagt er Wirtschaft, statt Wollust Instinkt (oder Lebensfreude), statt Völlerei Heben des Lebensstandards, statt Neid Kampf um soziale Gerechtigkeit und politische Freiheit, statt Zorn Entrüstung über die Welt und Grenzen des menschlichen Willens und statt Trägheit und Trauer des Herzens philosophische Ruhe.

Zwischen dem Göttlichen und dem Teuflischen rollt er die Geschichte des Werdens der Welt und, anhand der umbenannten Todsünden, des Werdens der Menschheit auf. Im Unwirklichen, Unberechenbaren liegt für ihn das Göttliche, das sind etwa die Natur, das Chaos, das Individuum. Das Teuflische als Kontrapunkt wird als das Wirkliche, die Ordnung, die Angepaßtheit der Gesellschaft zum Beispiel, verstanden. Am Ende des Buchs gesteht Flusser, zwischen Gott und Teufel nicht mehr recht unterscheiden zu können und auch im Buddhismus eher das Gegenteil der Erlösung gefunden zu haben. Bei all den Analysen und wuchernden Auslegungen der Bedingungen des Daseins, bei

radikaler Reduzierung auf das Wesentliche in ihnen und auf der Suche nach der es antreibenden Kraft scheint etwas in Unordnung (zum Göttlichen hin) geraten zu sein. Genau dort findet Flusser die Unsterblichkeit der Seele, die jüdischchristliche, wie er in einem Wort schreibt, Dimension dessen, was sein soll und wonach ein Christ sich selbst verändernd lebt, um dem, was sein soll, Platz einräumen zu können. Vilém Flusser starb 1991 bei einem Autounfall, als er sich zum erstenmal auf den Weg gemacht hatte, seine Heimatstadt Prag wiederzusehen.

Sylvia Meise

Hesse-Preis für Literaturzeitschrift

Calw. Die in Essen erscheinende Literaturzeitschrift „Schreibheft“ erhält den mit 20.000 Mark dotierten Hermann-Hesse-Förderpreis für deutschsprachige Literaturzeitschriften. Mit der Preisvergabe würdige die Jury „die konsequente Haltung der Schreibheft-Redaktion, an einer avancierten Ästhetik festzuhalten, die die Eigendynamik der Literatur betont“, teilte die Hermann-Hesse-Stiftung Ende Juni in Calw mit. Die zum zweiten Mal vergebene Auszeichnung wurde am 2. Juli in Calw, der Geburtsstadt Hesses (1877 bis 1962), verliehen.

Der Preis wird an den Literaturkritiker Norbert Wehr übergeben, der seit 1977 Herausgeber der Halbjahreszeitschrift ist. Wehr, der sich auch als Essayist und Publizist einen Namen gemacht hat, hatte im April dieses Jahres bereits den vom Börsenblatt des Deutschen Buchhandels vergebenen Alfred-Deppert-Preis erhalten. Der Hermann-Hesse-Förderpreis wird von der 1989 gegründeten Stiftung im Wechsel mit dem „Hermann-Hesse-Übersetzerpreis“ verliehen. Den ersten Förderpreis erhielt im Sommer 1990 unmittelbar vor der deutschen Wiedervereinigung die in Ost-Berlin herausgegebene Zeitschrift „Verwendung“, den ersten Übersetzerpreis 1992 der Moskauer Salomon Apt für seine Übersetzungen von Werken Hesses in die russische Sprache.



Springteufel

Vilém Flusser erklärt, wie das Böse in die Geschichte kam und warum seither alles schief läuft ■ Von Martin Pesch

Spät oder wie in diesem Fall gar postum veröffentlichten Erstlingswerken wird meist eine außerordentliche Bedeutung zugemessen. Unvermeidlich, daß auch hier der Verlag vom „wichtigsten Schlüssel“ redet, den dieses Buch für Vilém Flussers Gesamtwerk darstelle. Einen Schlüssel zu Flussers Werk zu besitzen ist aber ungefähr so reizvoll wie immer wieder in denselben Fluß zu steigen.

Dieses Buch wurde in deutscher Sprache verfaßt und erschien 1965 in Brasilien, wo Flusser, der 1920 in Prag geboren wurde, lange Zeit lebte, bevor er Anfang der 70er Jahre nach Europa zurückkehrte. Die Diskussion um und die philosophische Auseinandersetzung mit den Neuen Medien bekam durch Flusser entscheidende Anstöße – er sah in dieser Thematik die Chance, das auf Ordnung und Li-

nearität ausgerichtete Denken zu überwinden. Da er nie zur akademischen Normalität gefunden hat (was er wohl auch nicht wollte), war er ein gerngesehener Gast auf Symposien und Kongressen, bei denen das Cross-over zwischen Philosophie und manchem anderen geübt wurde. Jede avancierte Zeitschrift, die auf sich hielt, mußte mindestens ein Interview mit ihm führen. Das nährte aber auch Unbehagen gegenüber einer Rezeptionskultur, in der bestimmten Autoren bloß durch das Umfeld, in dem sie bekannt werden, ein Underground-Bonus zufällt.

Kant war es, der in der Geschichte der Menschheit eine Naturabsicht entdeckte, die auf die Vervollkommenheit menschlicher Vernunft, das Unterscheidungsvermögen zwischen dem Streben nach dem eigenen Glück und dem

Pflichtbewußtsein, zielt. Die Unterscheidung geht auf den Umstand zurück, daß der Mensch „aus der Vormundschaft der Natur in den Stand der Freiheit“ getreten ist. Mit dieser „Freiheit“ kam die Sünde in die Welt, es wurde aber auch der Gang der Geschichte vom Bösen zum Besseren denkbar.

„Die Geschichte des Teufels“ – diesem Titel, den Flusser seinem Buch gegeben hat, ist eine Ähnlichkeit zu Kants Gedankengang anzusehen. Anhand der sieben Todsünden (Wollust, Neid, Völlerei etc.) wird der Stand der Emanzipation des Menschen durchleuchtet. Und damit sieht es erwartungsgemäß nicht gut aus. War der „bessere“ Zustand in Kants Teleologie schon vorgegeben, ist bei Flusser alles in einem Kreislauf gefangen – und diesen Kreislauf gibt die Sprache vor: „Vom Stand-

punkt der Sprache ist der Mensch nichts als ein winziges Durchgangstor für die vorwärts marschierenden Worte.“ Das Verständnis von Wirklichkeit unterliegt einem radikalen Wandel; Kants „Natur“, aus deren Schatten der Mensch tritt, ist als solche nicht mehr zu denken und also auch nicht eine von ihr ausgehende Entwicklung. „Natur“ ist von vornherein ein sprachlich, das heißt gesellschaftlich produziertes Konstrukt – die mit ihr mythisch verbundene „Unschuld“ wird bei Flusser zum Treppenwitz der Geschichte des Teufels. Uns bleibt lediglich (wie auch der Autor im Nachwort für sich feststellt), „etwas bescheiden“ zu werden hinsichtlich unserer Möglichkeiten.

Befremdlich an diesem Buch ist die Orientierung des Flusserschen Gedankengangs an alttestamentarischen Motiven. Einerseits gibt dies dem Autor die Möglichkeit zu einer – hier witzigen, dort nervigen – Apodiktik; andererseits nutzt Flusser den durch Jahrtausende hindurch geschleppten Gehalt, der in der Vorstellung der „Todsünden“ steckt, um ihm gegenüber einen Perspektivenwechsel (über-)deutlich zu machen. Darin liegt ein heute nur noch schwach spürbarer Rest von Provokation, der vor 30 Jahren, als dieses Buch entstand, vielleicht mehr als ein Lächeln auslöste.

Wen also das grundlegende Vokabular dieses Buches stört, kann immer noch versuchen – und dafür gibt es genügend Gelegenheiten – das herauszusuchen, was für sie/ihn interessant ist. Zum Beispiel wird als der Beginn aller teuflischen Aktivitäten die dem Menschen als Notwendigkeit erscheinende Wissenschaft beschrieben: „Es kann unseren wissenschaftlichen Pontifices niemals gelingen, die einzige ‚wirkliche‘ Brücke zu schlagen, nämlich die Brücke vom Ding zum Symbol.“ Alle wissenschaftliche Anstrengung, die letztlich dem „Ding“ gilt, wird diesen „Ursprung“ nie überwinden können. Deswegen ist alle Technik Teufelszeug: „Man“ nimmt Steine und Pflanzen und Erdöl und menschliche Arbeit und dehydriert sie zu mathematischen Symbolen und läßt sie die eisigen Brücken auf- und niedergleiten und schleudert das ganze Gemengsel dann zurück in die sinnliche Welt, und siehe, o Wunder der Wunder, es ist ein Auto entstanden.“

Bei einem Autounfall kam Vilém Flusser vor zwei Jahren ums Leben.

Vilém Flusser: „Die Geschichte des Teufels“. Verlag European Photography. 200 Seiten, 48 DM

isch

Wollust kommt vor dem Fall

Zwei Jahre nach seinem Tod wird der Philosoph Vilém Flusser und seine »Geschichte des Teufels« (wieder) entdeckt

Der Philosoph Vilém Flusser, dessen umfangreiches und vielfältiges Werk sich einer einfachen Kategorisierung immer wieder entzieht, wird nun, zwei Jahre nach seinem tragischen Tod, auch in Deutschland stärker beachtet. Der Göttinger Verlag European Photography, der sich früh dieses außergewöhnlichen Denkers annahm, hat eine Lücke geschlossen und das philosophische Erstlingswerk Flussers zugänglich gemacht: »Die Geschichte des Teufels«.

Keine Angst, das Buch ist weder ein theologischer Traktat noch ein kulturkritischer Abgesang auf das Abendland. Flusser schreibt die Geschichte des Fortschritts, der Entwicklung – die Geschichte der Geschichte. Mit dem Teufel beginnt die Zeit und der Kampf zwischen der Flucht des Menschen vor ihm – hin zum Göttlichen und den »Dingen an sich« – und der Verführung durch ihn in der Welt der Phänomene. Der Teufel wird hier ernst genommen und nicht in »antiteufelischer Propaganda« die Auseinandersetzung mit ihm vor

dem Anfang abgeschnitten. Trotzdem: »Wir wollen es also gestehen, es ist unsere Absicht, ihn aufzudecken, um ihm entfliehen zu können.« Vom Standpunkt des Teufels aus ist sein Wirken und Wal-

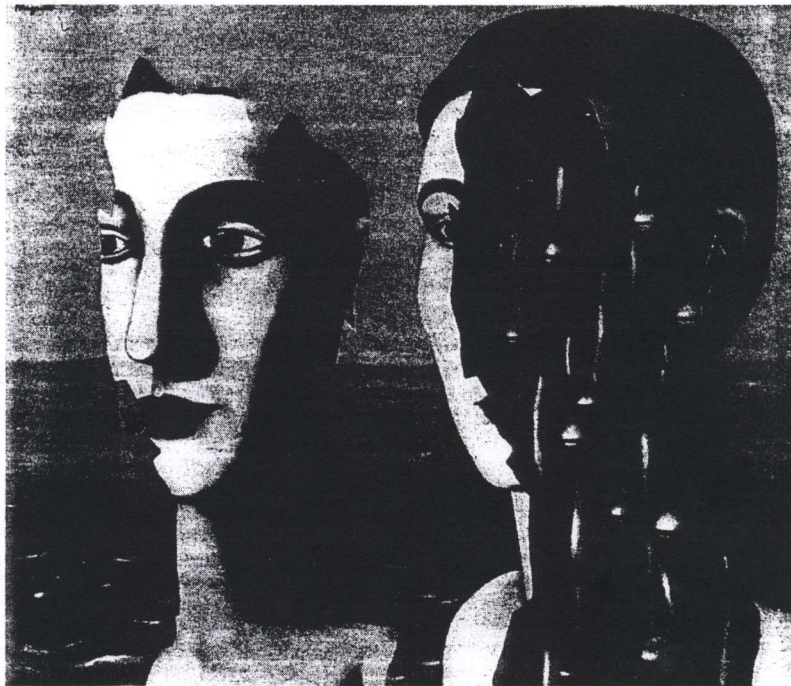
Zwischen diesen Polen bewegt sich, hin und her gerissen, der Autor, ständig zweifelnd und diesen Zweifel nutzend, um neuen Boden unter den Füßen zu gewinnen und (fast) verzweifelnd, weil auch dieser Bo-

unseren Zeiten gerecht werden zu können. So ist die Wollust besser als Instinkt oder Lebensfreude zu verstehen, der Zorn ist die Entrüstung über die Welt und die Grenzen menschlichen Willens, die Völlerei hieße heute Heben des Lebensstandards, der Neid Kampf um soziale Gerechtigkeit und politische Freiheit, der Geiz ist als Wirtschaft besser umschrieben, die Hofart als Selbstbewußtsein und die Trägheit und Trauer des Herzens letztlich ist die philosophische Ruhe.

Flusser versucht durch eine grundlegende Kritik von Wissenschaft, Kunst, Technik, Ökonomie, sich aus den unseren Geist gefangen haltenden Gespinsten zu befreien, um vielleicht »zu einer neuen Ansichtsfläche auf unsere heutige Lage« zu gelangen. Diese Reise durch die »Geschichte der Geschichte« in unsere Welt auf 196 Seiten sollte jeder selbst bestreiten. In Vilém Flusser hat der Leser einen außergewöhnlichen Reiseführer und zu verlieren nichts als seine Vorurteile.

Christian Vogt

► Vilém Flusser, Die Geschichte des Teufels, European Photography, Göttingen, 38 DM



Der Teufel holt die Seelen.

Repro: Gemälde von René Magritte

ten in der Welt und in uns reich und mächtig: Letztlich sind Kunst, Wissenschaft und Philosophie seine Werke – oder sind sie vom entgegengesetzten Standpunkt aus nur »Teufelsblendwerk«?

den zweifelhaft ist. Flusser greift auf die Lehre von den sieben Todsünden zurück, deren sich der Teufel bediene, um die Seelen an sich zu reißen. Zuvor müssen diese aber säkularisiert und modernisiert werden, um

Ein Paradies gegen ein gutes Gewissen

Über den Film redet jeder, das Buch kennt kaum jemand: »Schindlers Liste« von Thomas Keneally

Eine Faustregel im Filmgeschäft besagt, daß mittelmäßige Bücher gute Filmstoffe liefern. »Schindlers Liste« von Thomas Keneally ist ein mittelmäßiges Buch oder besser gesagt, ein »Roman«, wie ihn der Autor selbst nennt. Daß er den englischen Booker-McConnell-Literaturpreis verliehen bekommen hat, ändert nichts an dieser Tatsache, denn Keneallys Biografie des Industriellen Oskar Schindler ist ein Tatsachenbericht in Prosaform. Ein ideales Drehbuch also.

Das Sujet ist atemberaubend. Ein Mann stellt sich gegen die

friedigung« verschaffe. »fünf Millionen in die Grube gehen zu sehen«, ein Silberstreifen am Horizont,

Ein Silberstreif auch für das dunkelste Kapitel deutscher Geschichte, denn der David war kein David im biblischen Sinn. Er war ein deutscher Industrieller, der 1939 nach der Okkupation Polens nach Krakow kam, um kräftig am Krieg zu verdienen. Was ihm mühelos gelang. Mittels der Übernahme einer Metallwarenfabrik über die Treuhand Ost (Treuhandgesellschaften sind deutsche Tradition!), mittels

weiter. Ein Paradies für einen Nazi-Kapitalisten ohne Menschlichkeit.

Daß Oskar Schindler Menschlichkeit entwickelte, machte ihn zur Ausnahmefigur. Wie diese Wandlung vom Erfüllungsgehilfen arischer Übermenschenphilosophie vonstatten ging, das kann Thomas Keneally chronologisch festhalten, aber literarisch nicht nachvollziehbar machen. Seine Biografie Schindlers ist akribisch recherchiert, von der Kindheit über den Vater-Sohn-Konflikt bis hin zur Auflistung aller Geliebten und der noch

während andere, wie der Kommandant des KZ Plaszow bei Krakow, nur ihre Börsartigkeit zur richtigen Zeit ausleben. Keneally überläßt die Technik des Betroffenenmachens Spielberg, dem größeren Künstler. Als Historiker ist es ihm gelungen, ein Tabuthema aufzugreifen, als Biograf hat er das Verdienst, einen Menschen mit Zivilcourage vor dem Vergessen zu bewahren, als Analytiker einer Epoche, die Sadisten ungehinderten Zugang zur Macht über Leben und Tod verschaffte, versagt er fast so sehr wie als sprachlicher Stilist. Für einen

Beitritts-
Rutschky,
Berlin, on
) »Beitritts-
91, 1993.
sind schon
chlitzzohrig,
rchrieben,
tionär, der
, und Ossi-
Geburtstag



en vor De-
flug in die
ein Trip in
ngenheit.«
nun die No-
DM)
dung –
nde Unter-
Beziehung

Bank
Kahn:
ndung



rn und ih-
Identitäts-
merikaner
d Michael
Kindheits-
d Abhän-
DM)

t und der
st – Eine
g mit dem

unkt
indel



Hans-Joa-
Spezia-

Rev. Filosofia 118
Julho 80

coragem de Pierre Boutang, essa coragem de publicar uma tese sobre o Apocalipse do desejo, nos círculos céticos ou ideologicamente engajados, ateus, ou, simplesmente, indiferentes da França, e nos países onde a influência francesa ainda é grande. O desejo deve ser construtivo, para a tese de Pierre Boutang. Emanando da pessoa deve convergir para Deus. É uma abertura para a genuína liberdade, essa que Pierre Boutang estuda em sua notável obra. O verdadeiro desejo é o que tende para a transcendência, superando as

etapas do terrenismo. O livro de Pierre Boutang merece leitura e debate. Infelizmente, neste Brasil os leitores constituem um grupo de teimosos, e a filosofia já não tem cultores, senão os poucos do I.B.F., em torno de Miguel Reale, ou da S.B.F.C., em torno do padre Ladusans e Tarcisio Padilha. O "Apocalypse du désir" não flanqueará a crosta do desdém pelas alturas do saber. É uma pena. Grande é o livro, profundo o seu conteúdo.

João de Scantimburgo

FLUSSER VILÉM — "Naturalmente" — Editora Livraria DUAS CIDADES — São Paulo, 1979.

O último livro de Vilém Flusser, como está sugerida em seu título: "Naturalmente" é uma tentativa de superar a dicotomia entre natureza e a mente humana — doença que sofre a nossa cultura. Para isso ele usa como "organon" a fenomenologia — como aliás é sugerido pelo sub-título: "vários acessos ao significado de natureza". Pode-se suspeitar assim, que ele pretenda seguir orientação de Husserl, buscando a intuição eidética da natureza, através de sua descrição, sob vários pontos de vista; porém, não faz a "epoché", como exige o primeiro fenomenólogo; para

que a investigação seja "exata". Flusser não pretende "pôr entre parenteses" nem suas paixões subjetivas, nem suas crenças e nem mesmo suas idéias teóricas. Portanto está muito mais próximo de Ortega e de Barthes do que do "purista" alemão. Enfim por sua própria natureza e estilo, Flusser consegue revelar poeticamente o que vem a ser uma natureza "amiga do homem" — como o é a européia; mas não quer fazer e nem faz, uma filosofia natural fenomenológica.

A chave para a compreensão do que é o método que usa para revelar a natureza está

no primeiro capítulo (Uma espécie de Introdução): Caminhos. Qual é o método (caminho) para compreender a natureza? E o autor sugere: o caminho, trilhado desde a pré-história, do Passo de Fuorn; os caminhos entre os milhares de menires de Stonehenge; o eixo monumental de Brasília e a Transamazônica. Note-se que o eixo de Brasília e a Transamazônica só estão aqui como contraposição aos caminhos da natureza. Eles são, no ponto de vista do autor, caminhos artificiais. Não levam à compreensão da natureza; pelo contrário, são violências culturais contra a natureza. Poderão, entretanto, pelo seu contraste, fazer perceber, segundo Flusser, que os caminhos europeus levam à natureza. Não importa que esses caminhos sejam agora História, mas eles levam aos primórdios da História e, portanto, nos conduzem ao que havia antes. Desembocam na natureza. E aí está, creio eu, a chave. Para chegar ao natural é necessário preservar-se, primeiramente, como se é: homem da cultura. E, paradoxalmente, mantendo-se como se é, tornar-se natureza, para compreendê-la. Se alguém — se bem compreendo o pensamento do autor — do “eixo monumental” lançar-se, de corpo e alma, no “grande sertão: veredas” que circunda Brasília ou, da Transamazônica, engolfar-se-a na selva bruta — não encon-

trará a natureza; porque, simplesmente perder-se-á a si mesmo no embrutecimento da natureza inarticulada e desumana. Porém, se quiser realmente encontrar a natureza, ir aos Alpes ou às cidades perdidas de culturas esquecidas e lá poderá compreender o que é natureza, pois manterá íntegra sua mente: que é cultura.

Essa seria a atitude do “estrangeiro” — descrita no capítulo: “O cedro no parque”. Diz o autor: “Estrangeiro (e estranho) é quem afirma seu próprio ser no mundo que o cerca. Assim, dá sentido ao mundo, e de certa maneira o domina”. Mas como ele mesmo cisse antes: há uma completa reversibilidade no conceito estrangeiro. O cedro é estrangeiro para o parque e o parque é estrangeiro para o cedro. Se bem interpreto: diante da natureza o homem é o estrangeiro, tanto quanto a natureza é estrangeira para o homem. Assim a natureza não é um ambiente que contém o homem; também o homem seria um ambiente que contém a natureza. Portanto, a natureza não é o aorgico transumano. Embora, ela seja a origem que recebe o homem como estrangeiro; ela só é natureza pois que está no homem, também como estrangeira. E aqui ouve-se na palavra de Flusser, o grito alarmado de toda Filosofia do nosso tempo. O grito de quem se quer livrar das

duas camisas de força impostas à cultura ocidental: o realismo e o idealismo.

Ainda mais esclarecedor sobre os conceitos da natureza e cultura, para Flusser, é o capítulo: "A Lua", onde diz ele: "Vejo agora, surpreso, que a Lua, longe de ser fenômeno da natureza em vias de transformar-se em cultura, é, e sempre foi, fenômeno de cultura que está começando a transformar-se em natureza. Eis o que é, na realidade cultura: conjunto de coisas necessárias que se tornam progressivamente mais indispensáveis. E eis o que é, na realidade, natureza: conjunto de coisas desnecessárias e dispensáveis. Natureza é produto tardio e luxo da cultura".

Para Flusser há um trânsito da natureza para a cultura através da utilização (tornar coisas desnecessárias em necessárias). No momento em que os mamutes e os homens primitivos começam a trilhar o Passo de Fuorn, este vai-se transformando em cultura e, no entanto, mantendo-se como natureza, incrivelmente bela. Portanto, transpor hoje de automóvel o Passo não é essencialmente diferente das migrações das hordas primitivas pelo mesmo Passo. A Lua, ao ser deusa da fertilidade, indicadora de preságios ou projeção cósmica do feminino, já está na mesma trilha em que ela se tornou bloco de pedra no céu, satélite da terra, uma

espécie de massa caindo (para Newton) ou plataforma da NASA para viagens planetárias. Conclue Flusser: "A Lua é vista como objeto da natureza, isto é, como derradeiro produto da nossa cultura". Portanto reafirma ele o íntimo trânsito entre natureza e cultura. O que, aliás, está patente no simples fato dele procurar a natureza justamente no continente de cultura universal que é a Europa.

Na espécie de conclusão: o último capítulo do livro, Naturalmente, o autor nos surpreende afirmando que os vários capítulos não formam uma totalidade; que são dispares quanto ao seu tema e foram colhidos sem critério de escolha — coleção ocasional e fortuita do acaso. Isto mostra que, nem sempre o autor é senhor de sua própria obra. Na realidade os ensaios esparsos deste livro organizam-se apontando para a conclusão final, a partir da introdução inicial, sem que o autor confessadamente o percebesse. Entretanto, ele se vê obrigado a uma conclusão explicativa e desmente a aleatoriedade dos ensaios. Explica assim que os ensaios provem de "experiências pelas quais o autor passou" como se "tivessem sido exclusivamente encontros com a cultura". Como se a natureza não tivesse existido para ele, ou como se tivesse sido empurrada para o horizonte da sua experiência

cotidiana". Ele termina o livro confessando o seu caráter de "guia turístico" do leitor brasileiro à natureza européia — entendendo-se a palavra turismo no sentido originário do termo teoria (visão) e turista, no sentido de "homo viator" que se dá ao homem, como estrangeiro no mundo. E toda

a explicação final confirma aquilo que no início pôs-se como simples conjectura e que, lentamente, vai-se revelando: a realidade não é nem natureza nem cultura. Ela é uma tensão dialética entre as duas.

Milton Vargas

SOUZA, EUDORO DE — *Horizonte e Complementariedade*, Edição "DUAS CIDADES", São Paulo — Edição Universidade de Brasília, 1975.

O último e estupendo livro do Prof. Eudoro de Souza, da Universidade de Brasília, é o volume n.º 6 da Série Universidade da Editora Duas Cidades. Essa Série foi instituída e está sendo mantida por um grupo de professores universitários, com a finalidade de tornar possível a publicação de trabalhos de professores e teses de mestrando ou doutorado, nas áreas de humanidades.

O tom, a profundidade, a especialização e a originalidade, do trabalho em questão, são de tal nível que, dificilmente, em nosso país, encontraria possibilidade de ser editado comercialmente. Assim, a finalidade da Série Universidade que é, exatamente, a de tornar acessível ao já grande número de interessados, obras como essa, foi nitidamente atingida.

Como esclarece o sub-título do livro, trata-se de um "Ensaio sobre a relação entre mito e metafísica, nos primeiros filósofos gregos". Assim o notável professor de Grego e Cultura Clássica, de Brasília, nos oferece uma profunda e esclarecedora análise dos textos pré-socráticos visando estabelecer uma fecundíssima correlação entre mitologia e metafísica, através das categorias, por ele estabelecidas, de "horizontes" e da "complementariedade". São duas categorias com nítidas conotações físicas. A primeira "horizonte" aponta fisicamente a linha em que a terra ou o mar une-se ao céu — e que (conforme é dito nas geografias elementares) "afasta-se à medida que tentamos aproximar-nos dela". A categoria metafísica do Prof. Eudoro "horizonte", refere-se, não

A natureza revisitada

J. C. Ismael

"Natural:mente — vários acessos ao significado de natureza", de Vilém Flusser.
Livraria Duas Cidades, 1979, São Paulo.
148 páginas. Cr\$ 150,00.

Se alguma epígrafe for possível para este livro perturbador, nada mais oportuno do que as últimas e antológicas sentenças de Heidegger em *Der Feldweg* ("O caminho do campo"): "O simples cada vez mais se simplifica, o que continua a ser sempre o mesmo se desenraíza e liberta e o Simples torna-se ainda mais simples. O apelo do caminho do campo clarifica-se. É a alma que fala, ou é o mundo ou é Deus? Tudo fala da renúncia que conduz ao Mesmo, pois a renúncia não tira: a renúncia dá, dá a força inesgotável do Simples. O apelo de novo nos faz habitar a distante Origem, onde a terra natal nos é devolvida". Com efeito, o parentesco de "Natural:mente" com os escritos "poiéticos" de Heidegger não é meramente acidental. Quem tem acompanhado a trajetória do pensamento flusseriano não pode deixar de sentir a imantação deste pelas linhas ontológico-existencial do grande pensador germânico. E neste sentido, "Natural:mente" é um retorno carinhoso ao Heidegger que um dia escreveu: "*Florestas deitam-se/ Riachos arrojam-se/ Rochedos duram/ Chuvas deslizam/ Planícies esperam/ Fontes jorram/ Ventos permanecem/ Fecundidade medita*".

"Natural:mente" é um turbilhão de reflexões sobre a dialética natureza-cultura, escritas no estilo peculiar de Flusser: agudo, seco e asperamente poético, conduzindo-nos à reflexão sobre o nosso "papel" no mundo, como sobre o papel do mundo em nós. Somos observadores modificantes, influímos na coisa

observada e a coisa observada influi em nós. Não é um livro que pode ser lido como uma bana! descrição de "paisagens", pois Flusser não é exatamente um jornalista ou romancista perturbado com o que vê. Ao contrário, ele decodifica (se assim pudermos dizer) a natureza e com o pretexto de descrevê-la nos conduz a vôos de reflexão espantosa, que permaneciam escondidas pelo véu de Maia de nosso conformismo. "Quem jamais subiu pelo vale", escreve ele, "jamais viveu. Vegeta no plano. A terceira dimensão, a do sublime, lhe falta. Mas quem subiu pelo vale e lá ficou, tampouco viveu. Arrancou suas raízes, é verdade, desalienou-se. Mas ficou no ar, na disponibilidade. Deve decidir-se". Ou ainda: "Estrangeiro (e estranho) é quem afirma seu próprio ser no mundo que o cerca. Assim, dá sentido ao mundo e de certa maneira o domina tragicamente: não se integra. O cedro é estrangeiro no meu parque. Eu sou estrangeiro na França. O homem é estrangeiro no mundo".

Abordando "temas" aparentemente prosaicos como vales, pássaros, chuva, vacas, dedos, a lua, montanhas, prados e ventos, Flusser é um guia para o mergulho nas profundezas do ser, do estar-no-mundo não estaticamente, mas redefinindo aquele homem que é poema começado no Ser, como diria Heidegger. Quem lê Flusser é cutucado com o incandescente tridente da reflexão inquieta, da reflexão que nos distingue de acomodados leitores que esperam encontrar não o que lhes falta mas o que lhes é devido. E neste sentido, "Natural:mente" dá um colorido novo à memorável dedicação de Beaudelaire: *Hypocríte lecteur, mon semblable, mon frère...* Só esse leitor poderá compreender e amar esse livro inquietante e original.

Suplemento Cultural d' O ESTADO
2/3/80

No começo do século, constituíu-se uma rotina que modelou o perfil do antropólogo profissional, de forma quase hegemônica, até os anos 60. A antiga separação entre o pesquisador de campo e o antropólogo foi posta em questão e a extensão da pesquisa tornou-se uma espécie de laboratório, com forte caráter iniciático, tornou-se uma exigência. Malinowski em Trobriand foi o modelo para as gerações futuras: um pesquisador solitário em meio aos nativos, dominando sua língua e atento para as rotinas da vida cotidiana, tornava-se apto para produzir um conhecimento holístico da sociedade em questão.

Conhecimento com um duplo fim: por um lado, serviria de base para a ciência do Homem; por outro, garantiria o registro que fundamentaria o conhecimento para uma perda irreparável. Os trobriandeses desapareceriam enquanto tanto, mas o registro do etnógrafo resgataria a memória que eles, ágrafos, seriam incapazes de preservar, o que, para Clifford, constituiu-se numa das pedras angulares da antropologia do século 20: a construção retórica da idéia do primitivo em extinção.

esse o eixo de preocupações que conduz a primeira parte de "A Experiência Etnográfica" e que se constitui no núcleo mais conhecido do pensamento de Clifford. Mas há que se falar também de seus estudos franceses.

Até recentemente, a tradição francesa esteve como que sob suspeita, já que suas mais respeitáveis figuras do campo antropológico, Mauss e Lévi-Strauss, não seguiram os protocolos hegemônicos da antropologia anglo-americana.

O primeiro foi um grande incentivador da pesquisa de campo, mas não a praticou; o segundo, apesar

seus estudos sobre Griaule, Leiris e Leenhardt, é que não emerge a idéia de uma experiência fracassada, seja porque Griaule teve uma visão performática da etnografia, concebida enquanto um trabalho de equipe, seja porque Leiris fez da etnografia uma viagem altamente subjetiva, seja porque Leenhardt articulou perigosamente o papel de missionário e de etnógrafo e, a despeito disso, foi quem sucedeu Mauss na prestigiosa cadeira de etnologia na École Pratique. A França aparece assim como um espaço dissidente dentro do consenso etnográfico da primeira metade do

Guilherme Simões Gomes Jr. é professor de antropologia na Pontifícia Universidade Católica (PUC) e autor de "Palavra Peregrina: O Barroco e o Pensamento sobre Artes e Letras no Brasil" (Feusp).

A chuva universal de Flusser

BENTO PRADO JR.

Numa carta endereçada a Maria L. Leão, em 1983, V. Flusser dá a melhor pista para a compreensão de seus escritos e do estilo de "Ficções Filosóficas": "Participo da desconflação por analogias que tendem rapidamente a se transbordar em metáforas. Isto é, transfêremos de raciocínio adequado a um dado contexto para contexto inadequado. No entanto nada captares sem modelo". Por meio dessas frases, o leitor pode perceber que o título do livro é menos

ceramento ignorada pelo pensamento antigo. Mesmo se podemos falar (como H. Vaihinger, que certamente era familiar a nosso autor) em "ficções" para designar os construtos ou os modelos das teorias científicas, é claro que a estruturação epistêmica da experiência não é paralela à sua estruturação artística. Ao contrário da continuidade grega clássica entre "epistémê" e "technê" (cf. o ensaio nº 30, págs. 171-176), não podemos ignorar, hoje, a divergência estilística que comanda a construção dos sistemas simbólicos da ciência e da arte.

Assim, se o livro se abre com uma "fábula" (págs. 23-27) e com um "mito" (págs. 29-34) — na verdade com duas alegorias —, o segundo texto se encerra com as seguintes palavras: "Assim, intelectualizado, não será aniquilado o mito e não será libertado o homem de seu peso, mas teremos aumentado o território do intelecto, o território (...) mais nobre do homem". Conclusão indispensável, já que ilumina retrospectivamente a fábula inicial (que contrapõe, com os personagens do octópodo, da solitária e do embrião humano, os princípios do

também estava presente, a seguinte frase provocadora: "É preciso ser uma mosca cega para não ver que as filosofias de Heidegger e de Wittgenstein são uma e a mesma filosofia".

Mas é o mesmo cuidado que o guiava na sua frequentação dessas tradições diferentes: o cuidado com os limites da linguagem, tanto no pólo objetivante da ciência co-

OBRA

Ficções Filosóficas
Wilem Flusser
Edusp (Tel.011/818-4149)
204 págs., R\$ 17,00

mo no pólo expressivo da arte. Uma "situação teórica" ou um horizonte problemático que seriam "sobredeterminados" por sua experiência de imigrante, de falante e de escritor em múltiplas línguas (assim como a experiência limite de "tradutor de si mesmo", que introduz a pluralidade e a diferença na unidade e na identidade do próprio sujeito). Preocupação que o

leitor tem agora em mãos, embora apareça aqui, no prosaico, diretamente visado apenas no penúltimo texto, consagrado ao "pontificar", isto é, às tentativas de estabelecer "pontes" entre espaços, universos e linguagens diferentes — numa palavra, a "pontificância" vocação da filosofia, que seria sua vocação essencial. Mesmo se essa tarefa sempre se choca com o limite que separa a ordem do caos. Nas suas próprias palavras: "E isto permite curiosamente especificar o lugar ôntico dos pontífices do futuro: estarão eles sentados no extremo limite da fé, lá onde liberdade e necessidade se co-implicam. O que vem a ser outra maneira de dizer que os futuros pontífices estarão sentados nos limites entre a ordem e o caos".

Na desenvoltura, na verve de sua escrita, o leitor haverá de recuperar algo da presença desse "Reto(r) (tapsodo?) que, de viva voz, era capaz de encantar mesmo os interlocutores que não partilhavam suas perspectivas.

Bento Prado Jr. é professor da Universidade Federal de São Carlos e autor, entre outros livros, de "Presença e Campo Transcendental: Ciência e Negatividade na Filosofia de Bergson" (Edusp).

A. H.

MIUDEZAS

"DA RELIGIOSIDADE" — UM NÓVO LIVRO DE VILÉM FLUSSER

A Comissão de Literatura do Conselho Estadual de Cultura reuniu 18 ensaios publicados pelo filósofo Vilém Flusser no Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo, na Revista Brasileira de Filosofia, na Revista do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, Depto, Humanidades, na revista "Comentário", na Revista "Diálogo" e na Revista Brasileira de Cultura, editada em Madrid.

Na introdução o autor dá o critério que o orientou na escolha dos artigos ora reunidos:

"A literatura, seja ela filosófica ou não, é o lugar no qual se articula o senso de realidade. E 'senso de realidade' é, sob certos aspectos, sinônimo de 'religiosidade'. Real é aqui o qual acreditamos. Durante a época pré-cristã o real era a natureza, e as religiões pré-cristãs acreditam nas forças da natureza que divinizam. Durante a Idade Média o real era o transcendente, que é o Deus do cristianismo. Mas a partir do século 15 o real se problematiza. A natureza é duvidada, e perde-se a fé no transcendente. Com efeito, a nossa situação é caracterizada pela sensação do irreal e pela procura de um senso novo de realidade. Portanto por uma procura de uma nova religiosidade. Este o tema dos ensaios escolhidos".

Nossos leitores devem-se lembrar que Vilém Flusser tocou também nestas colunas o problema da "Religiosidade", entrando em discussão, para não dizer em choque, com outras opiniões. Flusser tomou igualmente parte no debate "A Sinagoga é necessária?", no dia 30 de agosto, junto com os srs. Rafael Fish e Dr. Geser Szytlyng.

Conhecemos os trabalhos de Flusser, pelo menos os que saíram no Suplemento Literário, em "Comentário", e na Revista Brasileira de Filosofia.

Temos assim à nossa frente horas de novos encontros com este espírito provocativo.

*

BUBER SOBRE "NACIONALISMO, SIONISMO E O CONFLITO JUDAICO-ÁRABE"

Dr. Ernst Simon, amigo íntimo do saudoso Martin Buber, preparou um estudo sobre "Nacionalismo, Sionismo e o Conflito Judaico-Árabe, na teoria e na atuação de Martin Buber" para o 330 Boletim do Instituto Leo Baeck. Por coincidência mais que significativa, este trabalho saiu num momento, em que mais do que nunca o problema Judaico-Árabe está ocupando o palco

daica, de âmbito mundial, e, por esse meio como uma reserva de um sentido de identidade judaica. Há alguma razão para crer que a educação judaica americana, a despeito de todas as suas imperfeições, desempenhou um papel significativo em implantar uma lealdade judaica, frequentemente oculta, em muitos jovens (e a maioria agora recebe algum treinamento judaico). Talvez a força do envolvimento judaico e a atração da sociedade geral, quase completamente aberta, estão no ponto de atingirem um equilíbrio que poderia durar indefinidamente ou mesmo permanentemente. Se for esse o caso, então a comunidade judaica americana está transformando finalmente em realidade alimentada durante a esperança de dois séculos da emancipação judaica: que os judeus e sua lealdade judaica poderiam sobreviver e até encontrar um novo espaço no qual se expressarem numa sociedade livre.

Qual destas duas interpretações é a certa, não sei, mas em cada caso é claro que a crise do Oriente Médio representou um clarão relampejante que iluminou a paisagem do futuro judaico americano".

*

EM TORONTO PROMESSA É DINHEIRO

O Conselho das Federações Judaicas e Fundos de Assistência Social nos EE.UU. publicou durante a campanha de emergência, relatórios diários, que não foram destinados para a publicação, mas sim para instruir os colaboradores sobre o que se passou nos centros de atividades.

Obedecemos à instrução dos editores para não publicar detalhes, mas parece-nos instrutivo citar alguns itens:

Toronto — Num certo momento registrou 9,230.000 dólares. Desta soma 9,130.000 dólares foram pagos imediatamente.

Em geral a relação entre promessas e pagamentos é ótima, o que foi que os organizadores desejavam, porque o que se precisava foi "cash" e não promessas.

*

EVIDENCIA JUSTIFICA ATITUDES

Pouco a pouco, chegam à luz do dia novos documentos, os quais provam que as ameaças dos líderes árabes contra Israel, em que falavam de sua completa destruição, não foram mera propaganda psicológica, a fim de estimular os árabes e para desanimar os israelenses, mas que houve de fato, a intenção de varrer Israel do mapa e eliminar seu povo.

Four
mar
daça
ção
chan
orga
com

nizaç
que
que
ainda
I
que
"Clai

Goldr
finali
que
10,43
lados

I
sucede
tribui
as te
judaic
seu d
discus
nados
poder
tunar
na vi
judaic
tiszfaz

P
mais
a sua
vidad
cações
perio

M
limita
em gr
extens
educac
graves
de ral
giosos